



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**HENRIQUE LEONARDO DUTRA**

**EDUCAÇÃO E CULTURA DE TRADIÇÃO ORAL:  
UM ENCONTRO COM A PEDAGOGIA GRIÔ**

**CAMPINAS  
2015**

**HENRIQUE LEONARDO DUTRA**

**EDUCAÇÃO E CULTURA DE TRADIÇÃO ORAL:  
UM ENCONTRO COM A PEDAGOGIA GRIÔ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr. Rogério Adolfo de Moura

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO HENRIQUE LEONARDO DUTRA E ORIENTADO PELO PROF<sup>º</sup> DR<sup>º</sup> ROGÉRIO ADOLFO DE MOURA

**CAMPINAS  
2015**

Agência de fomento: Capes  
Nº processo: 0

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

D953e Dutra, Henrique Leonardo, 1986-  
Educação e cultura de tradição oral : um encontro com a pedagogia griô /  
Henrique Leonardo Dutra. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Rogerio Adolfo de Moura.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade  
de Educação.

1. Tradição oral. 2. Pedagogia. 3. Arte e educação. 4. Ação cultural. I.  
Moura, Rogerio Adolfo de, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Education and oral tradition : a meeting with the pedagogia griô

**Palavras-chave em inglês:**

Oral tradition

Pedagogy

Art and education

Cultural action

**Área de concentração:** Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

**Titulação:** Mestre em Educação

**Banca examinadora:**

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Ariane Porto Costa Rimoli

Rogerio Adolfo de Moura

**Data de defesa:** 07-08-2015

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**EDUCAÇÃO E CULTURA DE TRADIÇÃO ORAL:  
UM ENCONTRO COM A PEDAGOGIA GRIÔ**

**Autor : Henrique Leonardo Dutra**  
**Orientador: Profº Dr. Rogério Adolfo de Moura**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Henrique Leonardo Dutra aprovada pela Comissão Julgadora

Data: 7,8,15

Assinatura:.....



**COMISSÃO JULGADORA:**



**2015**

*Para vó Maria (in memoriam) e vó Philomena*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família. Meus pais Hervécio e Inês, minhas irmãs Lais e Emilia, por todo amor e apoio incondicional de sempre.

Ao meu orientador Profº Dr Rogério Adolfo de Moura, por acreditar na minha pesquisa e ter tornado esse sonho realidade.

Ao Coletivo Onírico de Teatro pela parceria, encorajamento e por partilharem comigo o desejo por um mundo com mais arte, que só se configura no encontro de um com o outro.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Narradores Orais e Agentes de Leitura – NINA que propiciaram meu primeiro contato com a Pedagogia Griô.

À Lilian Pacheco, Márcio Caíres e todos os demais envolvidos no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, sem o qual, esta pesquisa não existiria.

À todos os Mestres e Mestras de Tradição Oral, Griôs-Aprendizes, Educadores, Atores e Contadores de Histórias que encontrei no meu caminho.

Aos meus colegas e professores do mestrado dos grupos de pesquisa do LABORARTE, LABJOR e OLHO pelos momentos de entusiasmo e troca.

Por fim, gostaria de agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), a PPGE – Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), bem como ao Programa de Estimulo a Docência (PED) pelo financiamento de parte deste trabalho.

## RESUMO

Desenho nessas linhas um processo de pesquisa cujos esforços reportam-se a Pedagogia Griô e as práticas relacionadas aos Mestres e Mestras de Tradição Oral. Criada no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô na cidade de Lençóis na Bahia, esta pedagogia integra cultura de tradição oral, ciência e mito em discursos, práticas educativas e políticas, no intuito de ressaltar a importância desses saberes na construção da ancestralidade e da identidade brasileira. Nesse projeto, desenvolvo uma análise qualitativa com base na observação participante, sobretudo por meio da leitura e organização de um banco de imagens composto por fotografia e vídeo. Ali minha ação e vivência concatenam-se com entrevistas e análises de documentos encontrados no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô durante as duas incursões a campo: participação no curso de Formação em Pedagogia Griô em Lençóis (BA) e durante o projeto de extensão Ação Griô na Unicamp constituído pelos eventos Ciclos de Vivências da Pedagogia Griô (2014) e Práticas de Extensão em Pedagogia Griô (2015). Esta pesquisa buscou problematizar o saber oral e o saber escrito, discutindo seu lugar político, a representação oral desse saber enquanto ciência e também sua amplitude nas formas de ensinar e aprender na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** tradição oral; pedagogia griô; arte educação, ação cultural.

## ABSTRACT

Drawing these lines a research process whose efforts relate to Pedagogia Griô and practices related to the Masters of Oral Tradition. Created on Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô in Lençóis in Bahia, this pedagogy integrates culture of oral tradition, science and myth in speeches, educational practices and policies in order to highlight the importance of this knowledge in the construction of ancestry and Brazilian identity. In this project, we develop a qualitative analysis based on participant observation, especially through reading and organizing an image database composed of photography and video. My action and experience concatenate with interviews and document reviews found on Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô during the two raids field: participation in the course of training in Griô Pedagogy in Sheets (BA) and during the extension project Ação Griô na Unicamp made up of the events Ciclos de Vivências da Pedagogia Griô (2014) and Práticas de Extensão em Pedagogia Griô (2015). This research sought to question the know oral and written knowledge, discussing his political position, oral representation of this knowledge as a science and also its breadth in the forms of teaching and learning in contemporary times.

**Keywords:** oral tradition; griot pedagogy; art education, cultural action.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Márcio Griô - Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô-Lençóis – BA.....	25
Imagem 02: Mestre Dona Maria Alice-Comunidade Jongo Dito Ribeiro-Campinas-SP.....	31
Imagem 03: Mestre Alceu, do Grupo Urucunus, Quijengues e Pieta-Campinas-SP.....	36
Imagem 04: Mestre Marcos Simplicio do Grupo de Capoeira Menino Crispim Levado – Campinas-SP.....	52
Imagem 05: Griô-Aprendiz Vangri da Comunidade Aldeia do Maracanã – Rio de Janeiro-RJ.....	57
Imagem 06: Projeção de imagens no corpo das crianças, colagem e sobreposição de fotos com linhas e textos do alunos.....	69
Imagem 07: Educadora Griô Lis Nasser, do Coletivo Onírico de Teatro – Campinas-SP.....	89

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Modelo de Ação Pedagógica.....	44
Quadro 02: Curva da Vivência.....	44
Quadro 03: Arte e Programação Faepex- Unicamp 2014.....	77
Quadro 04: Arte e Programação Faepex- Unicamp 2015.....	78

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS**

CEFEM - Centro de Estudos e Formação de Educadores Municipais de Sumaré

FAEPEX - Fundo de Apoio a Projetos de Extensão – Unicamp

FCN - Fundo Nacional de Cultura

FICART - Fundo de Investimento Cultural e Artístico

LABJOR - Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo - Unicamp

LABORARTE - Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação - Unicamp

LDBN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MINC- Ministério da Cultura

NINA - Núcleo Interdisciplinar de Narradores Oraís e Agentes de Leitura

OLHO- Laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação - Unicamp

ONG – Organização Não Governamental

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>PRIMEIRAS NOTAS .....</b>	<b>15</b>
<b>ATO I- GRIÔS</b>	
1.1- Origem e reinvenção do termo <i>griot</i> .....	20
1.2- Narração: corpo-palavra-memória.....	26
1.3- Entendendo a Cultura de Tradição Oral.....	30
<b>ATO II- A PEDAGOGIA GRIÔ</b>	
2.1- De Lençóis para o mundo: Grãos de Luz e Griô .....	40
2.2- Ação Pedagógica .....	42
2.3- As referencias.....	47
2.4- Ação Griô Nacional.....	51
<b>ATO III- UM OLHAR PARA A TRADIÇÃO ORAL NA EDUCAÇÃO FORMAL</b>	
3.1- Ensino Afro-Brasileiro e Indígena .....	60
3.2- Universidade e Extensão: Ação Griô na UNICAMP.....	71
3.2- Escola e Cultura de Tradição Oral: Projeto Trilha Griô.....	80
<b>ULTIMAS PALAVRAS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXOS</b>	
Anexo 1 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	103
Anexo 2 - Entrevistas:	
Lilian Pacheco.....	104
Márcio Caíres.....	120
Christiane Amador.....	127
Renata Cristina.....	132

Flavia Machado..... 139

“Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”  
(Amadou Hampâté Bá)

## PRIMEIRAS NOTAS

*Somos feitos de átomos, dizem os cientistas, mas um passarinho me contou que também somos feitos de histórias.  
(Eduardo Galeano)*

Para começar essa história, peço a benção e a licença aos meus ancestrais, aos Mestres de Tradição Oral, Educadores Griôs, Griôs Aprendizes, Artistas e demais Fazedores de Cultura que encontrei no meu caminhar.

Eu sou Henrique. Brasileiro, Latino-Americano. Também sou Ator e Professor. Ator por que segui um sonho que tinha desde menino, em um mundo onde os adultos se esquecem do que queriam ser quando crianças. Professor por que acredito no caráter formativo e pedagógico da arte e luto diariamente por uma educação atravessada por mais cultura. Recentemente, me descobri Griô Aprendiz e Pesquisador em formação, entendendo que estou em construção: aprendendo, acontecendo, tecendo...

O que teço aqui nessas palavras é a difícil tarefa de tornar comunicável uma experiência que a incipiente materialidade do papel ou a virtual frieza da tela do computador não conseguem dar conta. O papel recebe tudo: poemas, rabiscos, farelos... A superfície em branco que aguarda pelo toque, pela tinta, pela palavra. Mas há palavras que habitam outras superfícies. Essa história que a História esqueceu, caminha no tempo habitando ritmos, cochichos, risadas, olhares, memórias...

Habitam a alma.

As velas no túmulo de Toninho que foi o primeiro escravo a ser enterrado em um cemitério de brancos na cidade Campinas. As histórias da minha vó Philomena, mãe de minha mãe sobre a comunidade e nossos antepassados italianos. As brincadeiras que o pai fazia quando criança. As rezas da parteira. Desses saberes que a ciência precisa (re)inventar novos possíveis para explicar...

Lembro que pequeno, minha mãe me levou junto com minha irmã menor para uma benzedeira:

*Ela vai fazer umas rezas, uma benção, e aí você vai parar de sonhar com o boneco assassino*<sup>1</sup> – Foram as palavras da mãe.

Embora eu tenha perguntado recentemente e curiosamente nenhuma das duas se lembrem muito bem desse dia, eu posso garantir que essa história aconteceu, e que me lembro de tudo, ou quase tudo. Lembro na verdade, dos cacos, o que resta da memória de uma criança de 06 ou 07 anos:

A casinha simples com chão de terra na entrada, o cheiro de incenso e vela, as bacias de água cheia de ramos, o rosto magro e negro daquela tia que morava num bairro longe em Hortolândia<sup>2</sup> e que rezava uma Ave Maria toda diferente... A gente (e eu devia acreditar também, por suposto!) esperava que a reza espantasse os maus sonhos, que curasse a Emilia. E curou.

Acho que foi a primeira vez que encontrei com um Griô.

A proposta de investigar o significado e a prática da Pedagogia Griô que arrisco nesta dissertação nasceu de três caminhos: Em primeiro lugar devido a minha formação em Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) onde os aspectos de uma cultura repleta de brasilidades sempre estiveram presentes. Segundo por conta de minha experiência com o Coletivo Onírico de Teatro, grupo do qual sou fundador, ator e pesquisador, tendo como um dos eixos de pesquisa o universo da tradição oral, dos contos populares e sua transcrição para a cena. Finalmente, em terceiro lugar, devido ao meu envolvimento com os Pontos de Cultura Nina-Griô<sup>3</sup> e Grãos de Luz e Griô<sup>4</sup> desde o ano de 2010. A partir dessas experiências, elaborei dois principais questionamentos que me levaram a empreender a investigação que apresento nesta dissertação. Em um primeiro momento, me

---

<sup>1</sup> O Boneco Assassino (Child's Play) é um filme estadunidense de terror dirigido por Tom Holland que ficou mundialmente conhecido no início da década de 90.

<sup>2</sup> Município no interior do estado de São Paulo, próximo a Campinas. O seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,79 e em 2011 sua população foi estimada pelo IBGE em 195 775 habitantes, sendo que em 2010 era o 40º mais populoso de São Paulo. Consultado em: [www.cidades.ibge.gov.br](http://www.cidades.ibge.gov.br). Último acesso em 05/04/2015.

<sup>3</sup> O Ponto de Cultura Nina –Griô está instalado na Vila Industrial na cidade de Campinas-SP. Há sete anos é parceiro do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô desenvolvendo atividades ligadas ao contexto da Pedagogia Griô.

<sup>4</sup> Apresentarei o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô e a Pedagogia Griô no segundo ato dessa dissertação.

questionei sobre: “Como pensar uma educação atravessada por mais cultura, onde a palavra dita e a vivência com o corpo pudesse ser reinventada?” e “De que maneira este griô-corpo-palavra tece suas práticas?”

Para responder essas questões, elegi a pesquisa qualitativa como instrumento de estudo, considerando meu envolvimento direto com o objeto de pesquisa e as possibilidades múltiplas que ela oferece em sua investigação. Os autores DENZIN e LINCOLN (2005 apud FLICK, 2010) apresentam o seguinte conceito para a pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. (DENZIN; LINCOLN, 2005 apud FLICK, 2010. p. 16)

Nesse sentido, a estratégia metodológica adotada encontrou respaldo nas técnicas qualitativas de: (1) estudo de caso de caráter observação participante, por meio da qual minha ação na qualidade de Griô-Aprendiz<sup>5</sup>, sobretudo na participação do Projeto Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô em Campinas-SP e nos dois módulos que fiz na Formação em Pedagogia Griô em Lençóis - BA durante minha pesquisa de campo se concatenam com; (2) entrevistas semi-estruturadas com os envolvidos do processo e; (3) análise de documentos<sup>6</sup> encontrados no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô.

Para Flick (2009), a análise de conteúdo desenvolve-se por meio de técnicas mais ou menos refinadas. Dessa forma, diante dos diferentes sistemas de transcrições de entrevistas existentes e que variam de acordo com o grau de exatidão que se deseja imprimir na pesquisa qualitativa, optou-se nessa dissertação, ser o mais fiel possível à oralidade, propondo a anotação de elementos paralinguísticos, interjeições, onomatopeias e figuras de linguagem para retomar a espontaneidade e

<sup>5</sup> O termo “Griô – Aprendiz” encontra-se explicado na página 29 desta dissertação.

<sup>6</sup> Embora a palavra “documento” seja entendida de forma ampla abarcando inúmeros materiais como: recortes de jornais, cartas, memorandos, etc, neste projeto, a princípio, esta restrito a um grande acervo de imagens (fotografias e vídeos) disponível no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô.

expressividade próprias da oralidade. Depois da transcrição literal das fitas<sup>7</sup> (primeira etapa) deu-se início a separação das ideias, frases e parágrafos identificando as convergências e divergências dos entrevistados (segunda etapa), para finalmente mapear, organizar e selecionar as categorias que respondessem às questões da pesquisa (terceira etapa).

Para compreender as camadas de interação entre educação, cultura e política pública referentes à realidade, brasileira, latino americana, que se desenham nessa dissertação, optei pelo diálogo com autores do Brasil e da África, respectivamente Célio Turino (2010), Lilian Pacheco (2006, 2009, 2015) Paulo Freire (1979, 1991, 1994), Teixeira Coelho (1986, 1997) e Hampate Bá (2003). Não deixando de lado a enorme contribuição sobre a oralidade e sua relação com o corpo e a memória, o alemão Walter Benjamin (1986, 1994), entretanto, é uma exceção a quem recorro para pensar e problematizar o papel do narrador na sociedade.

Dividida em quatro atos<sup>8</sup>, essa dissertação apresenta no primeiro deles, intitulado *Griôs*, o conceito da palavra a partir de seu significado africano e sua reinvenção no Brasil. Também neste ato, apresento o importante papel da narração dentro da cultura de uma sociedade, para em seguida discutir o que se entende por Cultura de Tradição Oral.

No segundo ato, *A Pedagogia Griô*, debruço-me sobre os aspectos dessa pedagogia a partir das experiências que acompanhei durante a formação em Pedagogia Griô na Bahia e na Universidade Estadual de Campinas durante o projeto Ação Griô UNICAMP. Início contando a história de Lençóis, o surgimento do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô e sua influência política por meio do programa “Ação Griô Nacional”, realizado a partir de análise sobre a produção bibliográfica discutida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), composta pelos livros: “Cultura Viva – As Práticas de Pontos e Pontões” e Pontos de Cultura: olhares sobre o Programa Cultura Viva.

No terceiro ato, denominado *Um olhar para a Tradição Oral na Educação Formal* apresento uma discussão sobre as práticas da tradição oral dentro do contexto

---

<sup>7</sup> Mantenho o termo “fitas” conforme utilizado por Awe Flick (2009), embora as entrevistas tenham sido gravadas por um gravador em formato digital.

<sup>8</sup> A opção pelo termo “ato” ao invés de “capítulo” se deu por dois motivos. Primeiro por que remonta ao teatro, berço de minha formação. Segundo por que a palavra ato vem de “ação”, e este trabalho nada mais é do que uma reflexão feita por pessoas que agem no mundo, e dessa forma tentam transformá-lo para melhor.

formal de educação. Para isso, teço um percurso que alia duas entrevistas realizadas com professoras de artes - uma de escola pública e outra de escola particular - a um recorte da recente bibliografia especializada sobre o tema do ensino afro-brasileiro e indígena assegurados respectivamente pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08. Também apresento o projeto de extensão Ação Griô na Unicamp constituído pelos eventos Ciclos de Vivências da Pedagogia Griô (2014) e Práticas de Extensão em Pedagogia Griô (2015) como uma possibilidade de integração dos saberes tradicionais ao contexto da Universidade e por fim uma análise da “Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô”, uma ação realizada sob minha coordenação e organização entre UNICAMP, grupos de tradição oral, pontos de cultura e a Escola Municipal Maria Pavanatti Favaro com apoio da Pro-Reitoria de Extensão e Pesquisa da UNICAMP.

No quarto e último ato, apresento as considerações finais desta pesquisa de mestrado realizada ao longo de dois anos e meio de investigação.

Diante da complexidade que se configurou transpor para a palavra escrita um saber que só se constitui na oralidade, cabe ressaltar que esta dissertação também insistiu em propor outra plataforma para conceber e construir conhecimento. Deste modo, estas escritas contam com um ensaio de imagens feito a partir da manipulação de fotografias capturadas em sua maioria durante a pesquisa de campo e que se sobrepõem a desenhos e textos dos alunos da EMEF Maria Pavanatti Favaro, livros didáticos, estêncil com spray, fitas de cetim, tecidos e linhas. Este experimento parte dos Estudos Culturais das Ciências, inspirados na obra de Tim Ingold (2007,2012) e Bruno Latour (1994,1997, 2001), que conheci durante o período em que cursei duas disciplinas no Labjor<sup>9</sup> e que atravessaram meu pensamento e minha prática durante o período da pesquisa, ainda que não tenham ganhado força na escrita da dissertação. Espera-se que as imagens que atravessam o texto possam levar o leitor para outros registros e sensações.

---

<sup>9</sup> Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e Divulgação Científica e Cultural. – IEL/Unicamp

## ATO I – GRIÔS

### 1.1 - Origem e reinvenção do termo *griot*

- Quem é você que ousa tocar o meu instrumento mágico?

- Eu sou Dugamussa, caminhante, contador de histórias, genealogista. E você Sumanguru, o grande rei feiticeiro, sábio dos mistérios do fogo e da forja.

E assim Dugamussa começou a fazer uma louvação a Sumanguru, a contar a história do pai, da mãe, dos avós e bisavós de Sumanguru, suas lutas e glórias pelo bem do império. E a contar o mal que ele tinha feito também. Falou tudo isso tocando o Balafon. Sumanguru apreciou a coragem e a beleza de Dugamussa e então disse:

- Sendo assim, eu lhe ofereço este Balafon e lhe nomeio Balafassegue Kouyatê. “Bala” do instrumento Bala, “Fa” de pai, “Segué” de gavião e Kouyatê como a primeira família Griô do Mali. Balafassegue também significa aquele que faz o bem. (CAÍRES, 2015, p. 130)<sup>10</sup>

O termo *griô* abarca uma imensa (in)definição. Palavra portuguesa, francesa, africana, brasileira... *griô* é plural, mas é também uma síntese. É universal, e ao mesmo tempo particular.

A colonização de diversos países do noroeste da África foi primeiramente portuguesa e depois francesa. Dessa forma, *griot* (em francês):

[...] foi uma transformação linguística das “pessoas que gritavam” ou “gritadores” que os portugueses encontraram durante sua expedição. É uma tradução da palavra africana *dieli* ou *jieli* que significa “sangue que circula” (PACHECO, 2006, p. 29)

Os *jielis* eram comunicadores do rei, pessoas que caminhavam nas aldeias, emitindo mensagens cantando e tocando instrumentos de percussão, fazendo circular a vida pelas comunidades. A palavra *griô* é também derivada de *creole*, ou *criolo*, uma

<sup>10</sup> Trecho do conto “A história do primeiro Griô”, contada pelo Griô Velho Diabaté, escrita e adaptada por Márcio Caíres no artigo “Caminhada de iniciação de Márcio Caíres na África do Oeste”, disponível no E-book “Dossiê em Pedagogia Griô”, Diversitas-USP-2015. Link: <http://diversitas.fflch.usp.br/node/3661>. Último acesso em 01/07/2015.

das línguas dos negros na diáspora africana. Os primeiros griôs que se tem conhecimento foram os contadores de história, músicos e brincantes dos grupos étnicos africanos Bambaras e Fulas na região do Mali.

Essa tradição chega ao Brasil junto com os negros vindos da África nos navios negreiros, sendo aqui adaptadas e se tornando instrumentos para a manutenção das culturas africanas em terras brasileiras como formas de resistência e transmissão dos saberes e fazeres das comunidades negras. O primeiro registro desse fato histórico consta no livro “O Abolicionismo” de Joaquim Nabuco de 1883, onde o mesmo afirma: “O que foi, e infelizmente ainda é, o tráfico de escravos no continente africano, os exploradores nos contam em páginas que horrorizam; o que era nos navios negreiros, nós o sabemos pela tradição oral das vítimas [...]”. (NABUCO, 2003, p. 89 apud PINHEIRO, BUSSOLETTI, 2012, p. 02).

O griô, mestre griô ou mestra griô são homens e mulheres<sup>11</sup> guardiões e guardiãs da memória, que possuem suas tradições transmitidas por gerações através da linguagem da fala e do corpo, sendo o indivíduo que valoriza o poder da palavra e da oralidade dentro de determinada comunidade. Podem ser considerados griôs os contadores de histórias, genealogistas, cantadores(a), lavadeiras, congadeiro(a), jongueiro(a), folião(ã) dos reis, capoeiristas, parteira(o), palhaços (a), artistas circenses, zelador(a) de santo, erveira(o), caixeiro(a), carimbozeiro(a), reiseiro(a), tocador(a) de viola, sanfoneiro(a), rabequeiro(a), cirandeiro(a), maracatuzeiro(a), cordelista, pajé, mediadores políticos, artesão(ã), e diversos outros que carregam consigo, a biblioteca viva dos saberes.

Griô ou Mestre(a) é todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como herdeiro(a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo. A tradição oral tem sua própria pedagogia, política e economia de criação, produção cultural e transmissão de geração em geração.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Durante minha trajetória de pesquisa, também encontrei alguns autores, dentre eles Hampate Bâ no livro “Amoukille – O Menino Fula” de Hampata Bâ, a palavra africana *griote* (com “e” ao final) para designar o *griot* do sexo feminino. Entretanto, nessa pesquisa mantive *griô* para ambos os sexos ou a titulação Mestra Griô, conforme a reinvenção brasileira do termo dentro do contexto da Pedagogia Griô.

<sup>12</sup> <http://www.acaogrio.org.br/acao-grio-nacional/o-que-e-grio>. Acesso em: 17/09/2014

Embora a figura dos griôs esteja ancorada e repouse no reconhecimento local, muito de sua cultura atravessou o oceano. Amadou Hampâté Bâ falecido em [1991](#), foi um dos seus grandes disseminadores, sobretudo após a publicação de *Amkoullel l'enfant peul* (“*Amkoullel*, o menino fula<sup>13</sup>”). No livro, o autor conta as histórias de sua infância e juventude na região da savana africana do Mali, transportando para o papel, as impressões de uma cultura que sobrevive basicamente na palavra falada. O historiador e escritor dedicou sua vida a salvar do esquecimento os saberes do mundo fula e ocupou importantes responsabilidades na administração e na diplomacia de seu país junto a UNESCO, sendo notório o seu papel na divulgação e transmissão dos saberes africanos.

Os griôs têm uma imagem social e política muito importante no funcionamento das sociedades do noroeste da África onde o conhecimento pela oralidade é muito importante até os dias de hoje. Embora o mundo moderno repouse seus saberes cada vez mais em uma cultura da escrita, a África ainda mantém importantes traços de uma cultura através da oralidade onde o griô, embora não seja o único, é um dos principais guardiões desses saberes, desse conhecimento que é praticamente vivo na palavra falada. Sobre isto, Hampâté Bâ nos diz que:

A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. Em compensação, ao mesmo tempo que se difunde, vemos que a escrita pouco a pouco vai substituindo a palavra falada, tornando-se a única prova e o único recurso; vemos a assinatura tornar-se o único compromisso reconhecido, enquanto o laço sagrado e profundo que unia o homem à palavra desaparece progressivamente para dar lugar a títulos universitários convencionais. Nas tradições africanas - pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de savana ao sul do Saara -, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de "forças etéreas", não era utilizada sem prudência. Inúmeros fatores - religiosos, mágicos ou sociais - concorrem, por conseguinte, para preservar a fidelidade da transmissão. (BÂ, 1982, p. 182)

---

<sup>13</sup> Os fulas são pastores que guiam seus rebanhos pela África savânica, em busca de pastos, água fresca e ovinos para transmitir suas histórias e ensinamentos.

Ainda segundo Hampâte Bâ, na tradição oral africana, o *griot* pode se subdividir em três categorias (BA, 1982, p. 202):

- *Músicos*: que tocam qualquer instrumento (monocórdio, guitarra, cora, tantã etc) e, geralmente, são grandes cantores, que compõem, preservam e transmitem a música antiga.
- *Embaixadores e Cortesãos*: que são responsáveis por mediar as possíveis desavenças que ocorrem entre famílias. Eles estão sempre ligados a uma família nobre ou real. Também são encarregados de algumas funções, como, por exemplo, fazer união matrimonial: quando um jovem nobre necessita revelar seu amor a uma jovem nobre, ele solicitará a um griô para que este se encarregue de ser o porta-voz do seu sentimento.
- *Genealogistas, historiadores ou poetas* (que podem ser os três ao mesmo tempo): são os contadores de histórias, viajantes e não estão, necessariamente, ligados a uma família.

No âmbito desta pesquisa, o conceito de griô que será utilizado refere-se ao termo criado e sistematizado por Lilian Pacheco no contexto da Pedagogia Griô na cidade de Lençóis, Bahia. Não se trata, portanto do griot africano, mas de um arquétipo reinventado a partir dos ritos de vínculo e aprendizagem desenvolvidos no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô. Eles são geralmente pessoas mais velhas, sábios e sábias reconhecidos pela sua comunidade, contadores de história, envolvidos com ações de incidência educativa e cultural como escolas, grupos de capoeira, Pontos de Cultura, etc.

A figura desse griô relido, ou seja, inicialmente brasileiro, lençoense e caminhante foi personificado por Márcio Caires, companheiro de Lilian Pacheco e co-criador da Pedagogia Griô que assumiu o arquétipo do Velho Griô em caminhadas por entre as comunidades, conforme relatado por ele. A entrevista coletiva com Marcio Caires ou como é também conhecido Marcio Griô ou ainda Velho Griô, foi realizada no dia 26 de fevereiro de 2015 durante o curso de Formação em Pedagogia Griô. Eu estive acompanhado de algumas pessoas que também faziam o curso e que se dispuseram a estar junto para uma roda em torno da fogueira na casa do próprio

Márcio, em Lençóis, onde ele mora com a esposa Lílian e seus dois filhos: Ciro e Tainã.

MÁRCIO – (...) O primeiro projeto chamava “Escola Real – Escola Ideal”. Mas foi um projeto bem difícil de se realizar, por que na prática as coisas mudavam muito...

LILIAN – É... a gente chegava nas comunidades, pra falar com os senhozinhos e senhorinhas e não conseguia travar uma conversa sabe? Ficava aqueles papéis, cheios de perguntas... Não funcionava.

MÁRCIO – Aí Lílian começou a desenhar esse arquétipo, essa figura que mais tarde deu origem ao Velho Griô.

LILIAN– Por que Márcio já fazia essas caminhadas né? E ele já era contador de histórias e tudo isso. Ele ia às comunidades e quando voltava chegava com um monte de informação, um monte de coisa pra contar... Aquilo era muito mais vivo, mais orgânico do que um monte de planilha, uma estrutura rígida de projeto e tal... Aí eu comecei a viajar nessa história desse caminhante.

MÁRCIO – Lílian queria que eu chegasse num cavalo, na comunidade (risos). Imagina eu chegando de cavalo?

LILIAN – Eu tive um sonho uma vez, e também uma conversa com o Mestre Dunga, uma orientação espiritual que foi muito importante para mim e para Márcio. Enfim, nós pensamos em muita coisa até chegar no Velho Griô, nesse arquétipo que chega cantando, brincando e chamando todas as pessoas de todas as idades pra roda. (Caderno de campo, fevereiro de 2015)<sup>14</sup>

Nesse extrato de conversa podemos observar que a tentativa frustrada de dialogar com os mais velhos da comunidade foi fundamental para a criação do arquétipo inspirado no *griot* africano. Ao invés de entrevistas e questionários para compreender melhor a cultura local, foram realizadas caminhadas com o Velho Griô, de maneira que as trocas, as relações estabelecidas fossem realizadas de forma dialógica e vivencial, onde as histórias e informações pudessem ser retransmitidas para outros espaços e comunidades. É o corpo vivo prevalecendo sobre a palavra escrita, conforme nos aponta PACHECO (2015):

---

<sup>14</sup> Optei por manter os elementos paralinguísticos e figuras de linguagem das anotações de diário de campo da mesma forma que adotei nas transcrições das entrevistas.

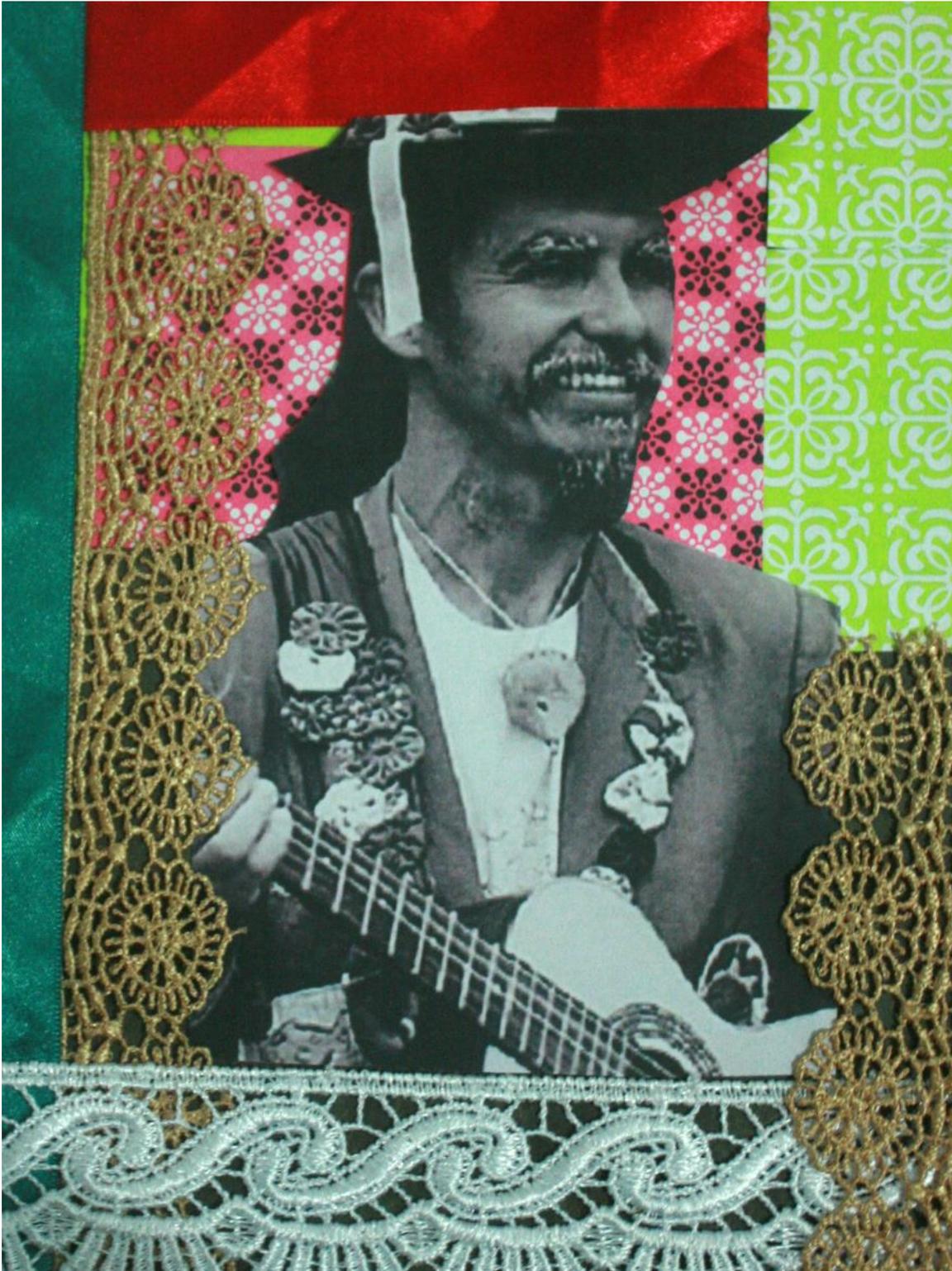


Imagem 01 – Velho Griô ou Márcio Caíres - Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô-Lençóis - BA.  
*Técnica:* Colagem e sobreposição de papeis de carta, fitas de renda e cetim.

Compreendemos que não podíamos nos relacionar com os mestres griôs como pesquisadores acadêmicos com instrumentos e linguagens da tradição escrita. Compreendemos que tínhamos que assumir o lugar de aprendizes da tradição oral com a sua própria linguagem de vínculo, elaboração e transmissão, assim nasceu o encantando, arquétipo de nossa ancestralidade, o Velho Griô e sua caminhada aprendendo e cantando a cultura de nossa região. <sup>15</sup> (PACHECO, 2015, p 01)

O Velho Griô apresenta vários elementos que remetam ao universo das artes da cena, tais como: apresentação com voz e violão ou uma vestimenta com chapéu e fita, maquiagem branca nas sobrancelhas/barbas, terno azul marinho adornado com pequenos brinquedos, chitas e desenhos. Entretanto, é preciso esclarecer que sua ação não se trata de um espetáculo ou uma performance.

O Velho Griô é um arquétipo, um transe e não um personagem. O que o Velho Griô aprende em suas caminhadas na comunidade (músicas, brincadeiras de roda, saberes, etc) é reelaborado nas oficinas com as crianças e adolescentes no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô e formam a base das práticas da Pedagogia Griô, que reconhece os saberes das comunidades e mantém vivas suas tradições e reinventam suas histórias através da oralidade, ou seja, do ato de narrar.

## **1.2- Narração: corpo-palavra-memória**

Identificado o personagem central desta pesquisa, faz-se necessário um mergulho para compreender melhor este sujeito que faz da palavra e do corpo sua forma singular de se relacionar com o mundo. Na busca de uma teoria para a narrativa que se propõe a pensar a experiência do corpo-palavra-memória na contemporaneidade, é na complexa obra do autor Walter Benjamin (1986, 1994), que me debruço para entender a potência do narrador ou contador de histórias enquanto guardião da memória. Falo aqui também do enfrentamento que a tradição oral precisa empreender perante um mundo cada vez mais calcado na comunicação pela certificação da cultura escrita e da tecnologia.

---

<sup>15</sup> Apostila de Formação em Pedagogia Griô, escrita por Lilian Pacheco – Módulo II “O que é Griô” pg 01.

Benjamin, por meio de seu ensaio já considerado clássico “O Narrador”<sup>16</sup>(1994), entende a narração tradicional como parte fundamental para a formação do homem e na qual se reconhece a possibilidade de transcendência. Não só nesta obra, mas em diversas outras como, por exemplo, “Experiência e Pobreza” ou “Histórias e Contos” a narrativa ocupa um lugar de destaque onde a memória é evocada pelo narrador afim de que seus ouvintes atentem para segredos preciosos e saberes esquecidos. Para o autor, a narrativa tradicional poderia salvar o presente a partir do momento em que resgata o passado. A história é entendida como narração e a narração por sua vez, a base para a história, na medida em que se não for lembrada por meio da palavra e do corpo na experiência do trabalho, desaparece no silêncio e no esquecimento..

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIM, 1994, p 205.)

Ainda segundo o autor, a matéria do narrador é a vida humana e a riqueza presente na narração oral não está apenas na voz de quem narra, mas também na paciência de quem ouve. O narrador colhe o que narra na experiência própria ou relatada e transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história. Essa experiência (*erfahrung*) é a “experiência que anda de boca em boca”, é a “fonte onde beberam todos os narradores”, ou seja, a experiência popular de contar e re-contar histórias (BENJAMIN, 1994).

No ensaio sobre o narrador, Benjamim (1994) busca por um autor que no século XIX, depreende sua atenção sobre os mitos e lendas folclóricas de tradição oral da Rússia: Nikolai Leskov. O autor que olha para as esquecidas narrativas tradicionais de seu país estimula Benjamim a pensar sobre as duas distintas formas

---

<sup>16</sup> Para alguns estudiosos do tema, a obra “O Narrador : Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov” fora mal interpretado e nesse sentido, a tradução literal para “Der *Erzähler*” deveria ser “o contador de histórias”. Dentro desse raciocínio, a versão em inglês “The Storyteller” teria sido a tradução mais próxima e fiel do termo. Para título dessa dissertação, optou-se por manter a palavra “narrador” conforme tradução feita para o português do Brasil.

discursivas, e traz para o embate a questão que volta e meia cerceara outras de sua obra: a perda da capacidade de narrar e sua relação com a barbárie.

Já em “Experiência e Pobreza” (1986), o autor nos conta sobre uma parábola onde um velho, às vésperas de sua morte, reúne seus filhos e revela a eles um segredo: mantém um tesouro enterrado abaixo de seus vinhedos. Quando o ancião morre, os filhos vão à sua procura cavando a terra até ficarem cansados, mas não encontram nada. Pouco tempo depois, chega o outono e as vinhas produzem como nunca. É nesse momento que os filhos compreendem que o pai havia transmitido uma certa “experiência” e que o verdadeiro tesouro não está no ouro, mas sim no trabalho.

É com esta pequena história, que acreditam ser da autoria de Esopo<sup>17</sup>, que Benjamin faz a crítica sobre o desaparecimento da capacidade de narrar. Esta baixa capacidade teria suas origens nas experiências traumáticas criadas pelo homem, na barbárie específica da guerra de 1914-1918. Para Benjamin, os horrores vistos na guerra pelos soldados eram incapazes de serem narrados e por isso os mesmos voltavam mudos, calados, mais pobres em experiências comunicáveis.

Se no conto descrito acima o autor nos apresenta o início da falência da capacidade de narrar para criticar as mãos que pegaram em armas durante o combate, é em outra história, mais especificamente em um pequeno conto que Benjamin vai creditar a narração e os gestos a poderes especiais de cura:

:

A criança está doente. A mãe a leva para cama e se senta ao lado. E então começa e lhe contar histórias. Como se deve entender isso? Eu suspeitava das coisas até que N. me falou do poder de cura singular que deveria existir nas mãos de sua mulher. (BENJAMIM, 1987, p. 269)

Em “Narrativa e cura”, a mãe a beira da cama do filho muito doente começa a contar-lhe histórias. Sua expressão é a mesma, mas é no vigor de seus gestos, de sua mão que acontece o milagre:

---

<sup>17</sup> Fabulista grego que teria nascido no final do século VII a.C, Esopo era escravo e segundo se tem conhecimento, não teria deixado nada escrito. As fábulas que lhe foram atribuídas pela tradição oral antes do advento da impressão eram ilustradas em peças de louça, manuscritos e tecidos. O autor La Fontaine foi um dos maiores escritores que se dedicou a recolher suas obras recontando-as através dos livros. Fonte: QUINELATO, Eliane. A figurativização do trabalho nas fábulas de Esopo. 2009. Dissertação (Doutorado em Estudos Literários) UNESP – Araraquara -SP

[...] a narração não criaria, muitas vezes, o clima apropriado e a condição mais favorável de uma cura? Não seria toda doença curável se ela se deixasse levar pela correnteza da narração até a foz? Se considerarmos a dor uma barreira que bloqueia a corrente da narração, podemos ver claramente que ela se quebra quando o declive é suficientemente acentuado para arrastar tudo que encontra em seu caminho em direção ao oceano do venturoso esquecimento. (BENJAMIM 1987, p. 269)

Para Benjamin, a tradição oral é indissociável da linguagem corporal e nela se confunde até não ser possível entender onde começa uma e termina outra. A mão, o olho, a boca, ou seja, os elementos do narrador na obra benjamiana são reforçados a palavra falada e vice versa.

Walter Benjamin esta para Leskov assim como Márcio Caíres esta para o Velho Griô. Ambos projetam na figura do narrador uma estratégia de combate à barbárie imposta pelo mundo moderno como uma necessidade de revolução.

A figura do narrador ou do “Justo” conforme na obra benjamiana o autor se refere a Leskov, se aproxima muito do griot africano ou do griô reinventado de Lençóis. São sábios e sábias que se utilizam de toda uma expertise, transformando seu corpo em um instrumento que atravessa o tempo embaralhando os saberes da história, das ciências e dos mitos através da experiência. Essa experiência da ordem do corpo e também da alma é cultivada pelos mestres griôs, pelos narradores, contadores de histórias, todos eles convertidos no Justo, como força criadora, capaz de transformar a vida. Como um artesão da voz, o narrador/contador de história/griô descreve os elementos de sua experiência explorando sua voz, seu corpo e seu gesto. De acordo com o pesquisador Barzano:

Toda a pesquisa histórica feita pelo griô é apropriada por ele, de modo que ela fique impregnada em seu corpo, o que faz com que na hora de contá-la para o público, todos os sentidos do contador passam a ser aguçados e todo o corpo passa a transmitir o conto não apenas pelo fato de ser verbalizado, daquilo que sai oralmente, mas pela comunicação corporal que acontece nos gestos dos membros, na expressão corporal, no ritmo e entonação da voz, ou seja, há o estabelecimento de uma performance, como ocorre em uma cena teatral. (BARZANO, 2008, p. 39)

Diante do exposto acima, ficam no ar algumas perguntas: Quem é este narrador benjamiano? Quem é esse Griot? Quem é Marcio-Velho-Griô? Que lugares eles ocupam nessa sociedade? Por que pensar em guardar o passado?

Volto no tempo, apoiando-me ainda sobre as ideias de Benjamim para tentar respondê-las: Com o surgimento das novas tecnologias, da imprensa e do romance, esta experiência do homem dentro de uma tradição que parte da memória e no qual a narração oral é fundamental para a troca de experiências, se esvazia.

As transformações diversas incidiram no mundo do trabalho e fizeram com que as sociedades se adaptassem a um modelo de vida ditado pela hiperurbanização. Um modelo de consumo, dominado pelo capitalismo global em rede, por um projeto hegemônico de vida e de cultura planetárias. A experiência do corpo-memória teria se rompido nesse processo. O homem, acreditando que a partir do conhecimento poderia controlar a natureza, enquanto o ritmo do mundo moderno o teria levado à ausência do diálogo, a incapacidade de narrar e trocar experiências. É essa alienação do homem a partir da linguagem, do trabalho que se configuraria no caminho para a barbárie e a guerra, onde não há troca de experiências e fortalecimento das tradições que a figura do sujeito que narra justifica-se.

Leskov, Benjamin, Velho Griô... Poetas líricos, narradores tradicionais pseudo-contemporâneos que buscam nos camponeses, nos trabalhadores, rememorar através da palavra-corpo-corpo-palavra uma relação com a terra e uma outra experiência do corpo-palavra-memória, que possivelmente tenha desaparecido na modernidade, embora para todos eles, seja fundamental na formação do sujeito.

### 1.3 – Entendendo a Cultura de Tradição Oral

*Eu sei o que é cultura. Cultura, é um canal que passa na televisão onde eu assisto Castelo Rá-Tim-Bum (Arthur, 6 anos.<sup>18</sup>)*

Como exposto anteriormente, em comum, para Lilian Pacheco, Márcio Caíres e Walter Benjamin, a palavra tem uma importância primordial dentro da manutenção e da memória de todo o povo. É uma cultura *do povo* e *para o povo*, que enfrenta o poder hegemônico através da palavra dita e do corpo vivo. Mas quando estamos falando da cultura dentro do universo griô, de que cultura realmente estamos falando?

---

<sup>18</sup> Arthur (nome fictício) foi meu aluno em um colégio particular na cidade de Valinhos, na região metropolitana de Campinas durante o ano de 2013. Durante esta dissertação, volto aos meus registros de caderno de campo nessa época com a mesma turma para problematizar sobre a tradição oral no ensino formal, no ato III dessa dissertação.



Imagem 2: Mestra Dona Maria Alice – Comunidade Jongo Dito Ribeiro – Campinas-SP

*Técnica:* Colagem e sobreposição de estêncil com spray, fitas de cetim e livro didático, costura com linhas e agulha.

## Uma Cultura contra Hegemônica? Uma Cultura Popular? Uma Cultura de Tradição Oral?

A própria palavra “cultura” por si só já é um termo em disputa e que abarca uma multiplicidade de significados e interpretações. Para uma criança, cultura pode ser a emissora em que ela assiste o seu programa favorito de televisão. Para um professor, essa palavra pode corresponder à cultura escolar onde ele exerce sua profissão, etc.

Genericamente, a palavra cultura tem origem no termo cultivo (do latim *colere*) e remete “à ideia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante” (COELHO, 1997, p. 18)

Numa busca rápida do termo cultura no site de pesquisa do *Google*, veremos uma série de definições que atestam o quão grande o escopo dessa palavra pode abarcar: tv cultura, ministério da cultura, livraria cultura, cultura indígena, cultura organizacional, cultura de massa...

No ano de 2003, o Ministro da Cultura (MinC) Gilberto Gil apropriou-se de um conceito antropológico da cultura para nortear os programas que viria desenvolver em sua gestão, incluindo a Ação Griô Nacional<sup>19</sup>. Esse conceito abarcou três dimensões:

[...] a dimensão simbólica, relacionada ao imaginário, às expressões artísticas e práticas culturais: a cultura como cidadania, direito assegurado na Carta Magna, nas Declarações universais, condições indispensáveis do desenvolvimento humano; finalmente, a cultura como economia, geradora de crescimento, emprego e renda”<sup>20</sup>

No contexto da Pedagogia Griô é proposto o nome “Cultura de Tradição Oral” ao invés do termo já conhecido *folclore*, um neologismo de língua inglesa ( *folk* = povo e *lore* = saber) de matriz colonizadora advinda de um olhar estrangeiro. Também opta-se pela substituição da expressão “Cultura Popular”, pelo fato preconceituoso que esse termo carrega, reforçando as dicotomias entre erudito e popular, colocando a sabedoria oral em detrimento da sabedoria escrita.

Durante muitos anos, os povos cuja cultura não repousavam na tradição escrita foram discriminados, menosprezados e até mesmo taxados de “sem cultura”. Com o passar do tempo, essa área do conhecimento foi sendo reconhecida e os saberes advindos da tradição oral foram sendo incorporados ao patrimônio cultural e imaterial de toda a humanidade. Este fato se deve graças a resistência das comunidades de

<sup>19</sup> A Ação Griô Nacional esta apresentada na pagina 37 dessa dissertação.

<sup>20</sup> <http://www.vivaculturaviva.org.br/index.php?p=2&v=1&prt=1>. Acesso em: 06/11/2014

tradição oral que lutaram bravamente para (re)existirem durante todo esse tempo, e também as pesquisas no campo da Etnografia, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Pedagogia Social e demais ciências multiculturais que no Brasil começaram a ganhar força na década de 80. De acordo com Almeida:

Na década de 50, porém, um grupo de historiadores passou a utilizar o método oral nos Estados Unidos e, em seguida, na Itália, antropólogos formalizaram a chamada Segunda Forma da História Oral, usada para reconstituir a cultura popular. Em 1975, realizou-se o XVI Congresso Internacional de Ciências Históricas de San Francisco, quando a História Oral foi apresentada como nova metodologia para a pesquisa. Na França, em 1980, aconteceu o primeiro encontro de pesquisadores que adotaram essa metodologia. Em 1983, a Fundação Getúlio Vargas integra em suas pesquisas o método. Em 1990, surgiu a quarta geração e hoje a oralidade está integrada com plenitude à pesquisa científica de ciências interdisciplinares em todo o mundo.<sup>21</sup>

Os termos cultura de tradição oral e cultura popular criam tensões, dualidades entre a cultura hegemônica e cultura contra-hegemônica que são fundamentais para o entendimento sobre a Pedagogia Griô e que estão referenciados na tabela a seguir<sup>22</sup>:

<b>Cultura Hegemônica</b>	<b>Cultura Contra-Hegemônica</b>
Do centro dos grandes centros urbanos, da cidade	Da periferia urbana, do interior, dos guetos, da floresta, do sertão, da zona rural e ribeirinha, e daqueles que não tem lugar
Da tradição escrita, das linguagens artísticas reconhecidas pela elite; da folclorização e da espetacularização da cultura;	Da tradição oral, das artes, saberes e fazeres do povo de um lugar, vivencial e cotidiana dos povos;
Das instituições particulares de ensino e pesquisa, da cultura erudita, acadêmica, das tecnologias modernas, presente na grande mídia e nas grandes redes de programas proprietários	Das organizações sócio-educativas, da produção partilhada do conhecimento, da erudição das comunidades, dos projetos de extensão, dos grupos de estudo interdisciplinares, das Tvs e rádios comunitárias, da inclusão digital, das redes de conhecimento e programas livres;
Da razão e da higiene, da beleza associada ao estereotipo, ao padronizado e ao civilizado	Da vivência das emoções e da corporeidade vivida, da beleza associada á diversidade, a criatividade e a natureza

<sup>21</sup> Consultado no texto “A moral do oral na era digital” de Márcio Almeida disponível no endereço: <http://cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=5271>. Acesso em 06/02/2015.

<sup>22</sup> Tabela extraída da Apostila 01 “Curso de Formação na Pedagogia Griô”. Módulo 01, 2014, p. 05 por Lilian Pacheco.

Das instituições do estado, dos grandes partidos políticos e da justiça institucional armamentista;	Das lideranças orgânicas, do associativismo comunitário;
Dos grandes cartéis econômicos capitalistas, do fundamentalismo do consumo, do excesso e da carência; da competitividade, desenvolvimentista, do neoglobalismo; do agronegócio, dos latifúndios	Da economia comunitária e solidaria, do empreendedorismo social, dos pequenos créditos, dos mutirões, das trocas, das moedas sociais, da cooperação, dos 4Rs (repensar, reduzir, reciclar, reutilizar), da sustentabilidade
Eurocentrica, norte-centrica, estrangeira, importada, das línguas internacionais, da colonização, da neo-colonização;	Ameríndia, afro sul americano, das línguas, comunidades e povos tradicionais, dos nativos, dos diálogos culturais, da interculturalidade;
A cultura do ter, da cidadania do consumidor, do branco, adulto e masculino; do culto a tecnologia	A cultura do ser, da cidadania dos direitos humanos, da diversidade, das relações étnico-raciais positivas, indígena, negra, cigana, da criança, do jovem, do velho, das relações positivas de gênero, da população LGBT, do cuidado com a natureza
Do fundamentalismo religioso cristão e muçulmano	Da diversidade religiosa;
A cultura dos incluídos, da maioria absoluta, a cultura hegemônica.	A cultura dos excluídos, das minorias que são majorias absolutas, a cultura contra-hegemônica

No Dicionário Crítico de Política Cultural de Teixeira Coelho (1997) encontramos a seguinte definição:

[...] cultura designa o processo de cultivo da mente, nos termos de uma terminologia moderna e cientificista, ou do espírito, para adotar um ângulo mais tradicional. Sob este aspecto, o termo aponta para:

1. um estado mental ou espiritual desenvolvido, como na expressão "pessoa de cultura";
2. o processo que conduz a esse estado, de que são parte as práticas culturais genericamente consideradas;
3. os instrumentos (ou os media) desse processo, como cada uma das artes e outros veículos que expressam ou conformam um estado de espírito ou comportamento coletivo.

Na contemporaneidade, a primeira noção é alvo de fortes críticas por implicar a ideia de que o metro para avaliação desse "estado desenvolvido" é o fornecido pela cultura de elite ou superior, o que conduziria a marginalização de largas camadas da sociedade que, não partilhando daqueles valores culturais, não seriam menos cultas num sentido antropológico. Tem sido comum, assim, privilegiar a segunda e a terceira noções, despidas da ideia restritiva embutida na primeira e entendidas como os modos pelos quais alguém ou uma comunidade responde a suas próprias necessidades ou desejos simbólicos. (COELHO, 1997, p. 103)

Analisando a tabela e a definição de Coelho acima, somos remetidos a pensar no emprego, no senso comum das expressões “ter cultura” e “não ter cultura” como sinônimos de culto e inculto, gerando uma série de distorções e preconceitos. No entanto, as definições 2 e 3 nos levam a reconsiderar este conceito de cultura mais conservador, justamente a propiciando a sua ressignificação, quando situados num contexto fora do eixo das grandes economias, grandes e ricas sociedades do norte do planeta.

Nessa linha equivocada de pensamento o sujeito dito “culto” ou “incluído” é aquele que, como ficou explícito acima, frequentou o ensino regular e/ou fez graduação/pós graduação, emprega o uso da norma culta, fala outro idioma, enfim, tem acesso e conhecimento a linguagem escrita. Por outro lado, o sujeito “inculto” ou “excluído” é aquele que não frequentou a escola, não conhece outro idioma, emprega na sua linguagem expressões regionalistas que por vezes fogem a linguagem formal e tem acesso ao conhecimento através do saber oral.

Na Pedagogia Griô, essa tensão entre a cultura hegemônica e contra hegemônica ou o saber dos incluídos e excluídos aparece da seguinte forma:

[...] voltemos á nossa história. Estamos de volta á comunidade, longe dos centros das cidades e das megalópoles (...) diante de uma heroína de nosso cotidiano de criança – uma trabalhadora ancestral, velha e sua família rural, de tradição oral, de periferia, indígena, negra. E nossa heroína nos responde – “Eu não sei de nada não, minha filha, eu sou analfabeta”. E nós não sabemos nem metade do que não sabemos sobre ela. Porque ela responde que não sabe? Ficamos cientificamente, politicamente e emocionalmente angustiados, esvaziados, diante da heroína que em nossa ancestralidade é a fonte do saber. Este é um momento de reflexão fundamental para a invenção da Pedagogia Griô. A Cultura hegemônica projeta o olhar do “incluído” refletido no olhar da heroína “excluída”. É uma intersubjetividade óbvia e por outro lado velada, que se dá entre os dois, nos questionando:

- O incluído é aquele que conhece e o excluído é aquele que não conhece?
- O excluído é visto pelo incluído como carente de cultura e conhecimento?
- O incluído elege-se porta-voz e representa o conhecimento do excluído? (...) <sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Extraído da Apostila 01 “Curso de Formação na Pedagogia Griô”. Módulo 01, 2014, pg 03 por Lilian Pacheco.



**Imagem 3:** Mestre Alceu, do Grupo Urucunus, Quijengues e Pieta-Campinas-SP.

*Técnica:* Colagem e sobreposição de estêncil com spray, fitas de cetim e costura com linhas e agulha.

Essa dicotomia entre o incluído e excluído conforme apontado no fragmento acima é muito revelador. No campo da Pedagogia Social, mais especificamente no domínio sociocultural, que possui como “áreas de conhecimento as manifestações do espírito humano expressas por meio dos sentidos, tais como as artes, a cultura, a música, a dança e o esporte”, (SILVA; SOUZA NETO; MOURA, 2009), vale a pena destacar o trabalho da professora e pesquisadora Patrícia Teixeira de Almeida, sobre o processo de alfabetização empreendido por ela com comunidades indígenas de São Gabriel da Cachoeira Iauaretê no Amazonas:

A investigação sobre os sujeitos do processo de alfabetização revelou que conhecíamos muito pouco sobre a realidade das comunidades indígenas, socialmente invisíveis para nós. Por trás das nossas perguntas, escondiam-se conceitos equivocados sobre os indígenas, que fixavam esses povos em um momento histórico em que viviam afastados do meio urbano, sobreviviam exclusivamente da produção coletiva – extrativismo, caça e pesca – e eram agrários. (ALMEIDA, 2011, p. 72)

Através desse trecho, a pesquisadora assume, uma situação muito comum ao se trabalhar com uma comunidade de tradição oral: o quanto nós, “brancos, letrados, incluídos” projetamos, idealizamos e folclorizamos essa cultura que desconhecemos.

Ainda neste mesmo trabalho, a pesquisadora relata uma observação de um professor indígena:

Eles arrancaram na marra, o nosso modo de viver, sem perguntar se a gente queria. Agora não querem que a gente viva com o branco, mas que volte a viver como antigamente? E como resolver a miséria do nosso povo: Isso é o que me preocupa. A educação escolar indígena não pode representar atraso, mas uma vida melhor para todos nós. (ALMEIDA, 2011, p. 73)

Diante do exposto, fica a pergunta feita por Lilian Pacheco no curso em Formação de Pedagogia Griô: “Como o incluído busca a erudição e é ensinado a ver a cultura do povo, cultura, popular, lendária, folclórica ou espetacular?” Ou ainda: “Como o incluído confunde sua linguagem escrita como se fosse o próprio saber? E o excluído é identificado por uma negação de sua identidade, ou seja, analfabeto – não alfabetizado?”<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Extraído da Apostila 01 “Curso de Formação na Pedagogia Griô”. Módulo 01, 2014, pg 03 por Lilian Pacheco.

De acordo com Santos (1996) essa tensão entre referir-se a uma cultura dominante ou a qualquer cultura que permanece, explica em parte a multiplicidade de significados do que entendemos pelo significado da palavra cultura. Para o autor:

Cultura pode por um lado referir-se à "alta cultura", à cultura dominante, e por outro, a qualquer cultura. No primeiro caso, cultura surge em oposição à selvageria, à barbárie; cultura é então a própria marca da civilização. Ou ainda, a "alta cultura" surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de domínio da língua escrita, ou à falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes. No segundo caso, pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. Considera-se como cultura todas as maneiras de existência humana. (SANTOS, 1996, p. 35)

Entende-se, portanto, que a cultura, do ponto de vista de situações que agem como uma manifestação da diversidade e da vida, como um ato de resistência e a legitimação de saberes ditos marginalizados, estão numa cruzada contra a barbárie. A barbárie neste contexto, pode ser entendida segundo a ótica de Theodor Adorno (1995), como um impulso da destruição que se opõe diretamente a lógica da cultura: a construção de um novo mundo.

O trabalho da Lilian Pacheco e a Pedagogia Griô ou de Patrícia e a Pedagogia Social, assim como diversas outras experiências que buscam provocar mudanças significativas por meio da educação e cultura, ou seja, que almejam combater à barbárie, podem ser analisadas e classificadas dentro de um contexto que Teixeira Coelho (1997) nomeou como ação cultural:

Sob um ângulo específico, define-se a ação cultural como o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura.(...) Neste sentido, por depender daquilo que as pessoas e grupos aos quais se destina entendam dela fazer, a ação cultural, apresentando-se como o contrário da fabricação cultural, não é um Programa de materialização de objetivos previamente determinados em todos os seus aspectos por uma política cultural anterior,mas um processo que,tendo um início claro, não tem um fim determinado nem etapas intermediárias previamente estabelecidas. (COELHO, 1997, p. 33)

Na Ação Cultural integram-se grupos ou indivíduos com interesse em facilitar com que pessoas tenham domínio e compreensão dos processos criativos, para que a partir disso, possam se expressar por elas mesmas, transpondo esses valores para outros campos de suas vidas sociais. Coelho (1997) nos afirma que a ação cultural :“propõe às pessoas, considerando seu momento e seu espaço próprios, bem como

os meios à sua disposição, uma reflexão crítica sobre a obra cultural, sobre si mesmas e sobre a sociedade”.

Na lógica de Coelho, ao considerar o contexto cultural de seu entorno, podemos afirmar que o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô reelabora o envolvimento com a comunidade possibilitando uma vivência cultural que valoriza e protagoniza os seus saberes, dando um novo significado para a comunidade e para o entendimento da cultura. Nas palavras de Lilian Pacheco (2015):

Portanto, estamos buscando um conceito de cultura como um processo de elaboração do conhecimento que parte da vivência e da consciência guia do selvagem no mundo no seu projeto existencial e coletivo de humanização. Este processo de elaboração pode ser deflagrado por uma pedagogia que estude o potencial dos rituais, manifestações, ofícios, expressões religiosas, costumes e saberes das culturas orais e contra-hegemonicas configurando caminhos vivenciais, afetivos, corporais inteligentíssimos e diversos de humanização..<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Extraído da Apostila 01 “Curso de Formação na Pedagogia Griô”. Módulo 01, 2014, p 03 por Lilian Pacheco.

## ATO II - A PEDAGOGIA GRIÔ

### 2.1 – De Lençóis para o mundo: Grãos de Luz e Griô

*A Pedagogia Griô  
Vem de um Ponto de Cultura  
De Lençóis, la na Bahia  
Vida Roda se mistura  
O Grãos de Luz e Griô  
Criança velho professor  
O criador, a criatura*

*(Cordel “O Griô de Todo Canto” – Marcio Caíres)*

Localizado no centro histórico da cidade de Lençóis, tombado em 1973 como patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN, o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô fica cerca de 410 km de Salvador, na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina, no Estado da Bahia. Com uma população aproximada de 9.617 habitantes, a maioria da população é de origem afro-descendente e 49,8% vivem abaixo da linha da pobreza, com uma renda per capita familiar menor que meio salário mínimo (PACHECO, 2006, p. 20).

O nome da cidade é uma referência as barracas dos acampamentos feitas com palha e algodão que pareciam lençóis estendidos em meados de 1845 quando a cidade começa a receber um grande fluxo de pessoas dispostas a trabalharem no garimpo do rio da cidade em busca de ouro e diamante. Durante muito tempo o garimpo foi à principal fonte de renda da população. Por volta de 1871, esses recursos começam a desaparecer e a África do Sul desponta como o mais novo foco para extração de ouro e diamante, levando grande parte desse fluxo migratório para lá. Este fato gera uma crise econômica na cidade que para se reerguer aposta na plantação de café e na extração de carbonato. Com o tempo, a economia foi sendo direcionada para grandes e médios empreendimentos turísticos, que marginalizaram a história e a cultura do povo:

A transformação econômica vivida em Lençóis retirou o personagem central da atividade do garimpo (o garimpeiro) e o trabalhador rural, com toda a cultura que a sociedade produzia e reproduzia no seu cotidiano: as rendeiras e seu artesanato, os rituais das mães e pais-de-santo, as(os) reiseiras(os), o samba-de-roda, as cantigas das

lavadeiras, as rezadeiras e curadores(as), as parteiras e outros personagens representantes da sabedoria da tradição oral.<sup>26</sup>

Atualmente, a economia da cidade é baseada no turismo ecológico da região que é muito rica em cachoeiras, trilhas, grutas e demais belezas naturais que atraem turistas de diversas regiões do país.

É nesse lugar, historicamente situado entre tensões de exploração humana e belezas naturais que surge o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, uma organização social sem fins lucrativos coordenada por Lílian Pacheco e seu companheiro Márcio Caíres. A história deste espaço inicia-se com uma sopa comunitária realizadas pelas mulheres do Bairro Alto da Estrela, na Associação Grãos de Luz. Com o tempo, esta ação foi agregando outros projetos, como horta comunitária com crianças e adolescentes, além de atividades de artesanato e reforço escolar. Em 1997, o projeto é abarcado pela instituição Avante Lençóis, e passa a receber seus primeiros financiamentos de instituições da Suíça, que iniciaram um processo de formação de uma fundação que apoiasse projetos sociais com crianças e adolescentes no Brasil. Nesse estágio do projeto, chega a educadora Lílian Pacheco, que coordenaria e sistematizaria as oficinas. Inicia-se então, a criação de uma nova proposta pedagógica que abarcaria a educação biocêntrica<sup>27</sup> e a valorização da cultura popular., fortalecendo a identidade cultural das crianças e adolescentes. Até hoje, muitos anos depois é realizado “o dia da sopa, um dia muito festivo em que a comunidade inteira vem participar e celebrar o espaço” ( trecho da entrevista com Lilian Pacheco, em 20 de outubro de 2014).

No ano de 2002, a ONG se expande para a Chapada da Diamantina abarcando 15 municípios e já no ano de 2003, o Projeto Grãos de Luz e Griô é vencedor do prêmio Itaú-Unicef de “Educação e Participação”, sobre o tema “Muitos Lugares para Aprender”. Com esta conquista, o grupo se instala em um novo imóvel no centro histórico de Lençóis, além de participar de festivais internacionais de artes populares, em São Paulo e na Espanha.

O sucesso e o alcance do projeto foi tão grande, que eles foram selecionados como Ponto de Cultura do programa governamental: “Cultura, Educação e Cidadania”

---

<sup>26</sup> <http://www.acaogrio.org.br/apresentacao/o-contexto-de-lencois> acesso em 12/04/2015

<sup>27</sup> A Educação Biocêntrica foi concebida por Roland Toro. Seu principio se apóia na idéia deque toda atividade humana está em função da vida e segue um modelo interativo de rede e de conectividade.

do programa “Cultura Viva” do qual falarei mais adiante<sup>28</sup>. No ano seguinte foram convidados pela Secretaria de Programas e Projetos Culturais – SPPC / MINC, para criar e coordenar um plano de expansão, denominado “Ação Griô Nacional”<sup>29</sup> do qual também tratarei mais adiante nessa dissertação, com o intuito de repetir o sucesso de seu programa por todo o Brasil, articulando as redes educacionais e culturais de transmissão popular e oral por todo o país, através de pontos de cultura, escolas e universidades.

A sede do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô esta sempre de portas abertas, exceto aos domingos, segundo Lilian o *“dia em que descansamos e cuidamos da família e da casa”* (entrevista em 20 de outubro de 2014). O portão de madeira aberto faz o convite: “Entre e conheça o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô”. O espaço é muito grande e também muito acolhedor. Ao entrar, de um lado há uma secretaria/setor administrativo onde trabalham duas funcionárias que na infância também foram usuárias do Grãos e hoje trabalham na instituição.

Do outro lado, há um “kiosque” com mesas, cadeiras e diversos produtos confeccionados pelas crianças e jovens: filtro dos sonhos, bonecos, carrinhos, dentre outros. Mais adiante, há um grande salão com piso de madeira e equipado com refletores, onde acontecem as aulas de teatro. Há também uma sala de comunicação e artes gráficas, uma sala de computação (onde a comunidade em geral pode acessar a internet gratuitamente), uma sala de produção cultural, uma biblioteca e uma sala de vivências, além de cozinha, copa e banheiros. Recentemente, o Ponto de Cultura passou a construir o “Museu do Garimpo” para contar a história de Lençóis.

## **2.2 – Ação Pedagógica**

Como já dito anteriormente, a Pedagogia Griô é uma pedagogia criada por Lilian Pacheco e Márcio Caíres a partir da experiência com crianças e adolescentes no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô com o objetivo de valorizar as práticas e os saberes de tradição oral incidindo no ensino formal. Esta pedagogia integra mito, arte, ciência, história de vida e todos os saberes e fazeres tradicionais da comunidade

---

<sup>28</sup> O Cultura Viva esta apresentado na pagina 40 dessa dissertação.

<sup>29</sup> A Ação Griô Nacional esta apresentada na pagina 37 dessa dissertação.

colocando a vivência, a oralidade e a corporeidade como pontos de partida para a elaboração do conhecimento.

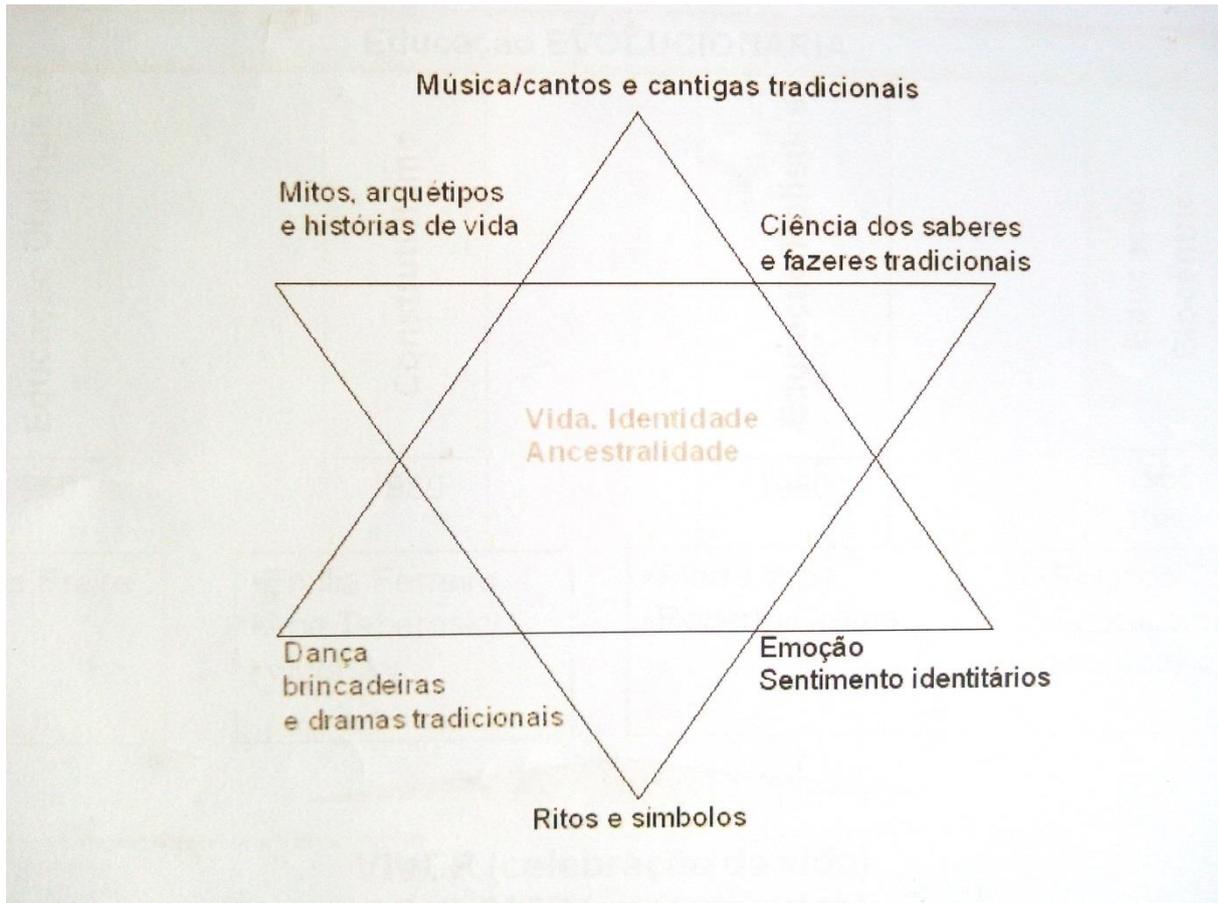
A prática central dessa pedagogia se dá através do Ritual de Vínculo e Aprendizagem para fortalecer a identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida dos estudantes:

O ritual de vínculo e aprendizagem integra cantigas, danças, símbolos, versos, mitos, heróis, arquétipos, saberes, artes, provérbios, ofícios e ciências da vida de tradição oral da comunidade e de seu grupo étnico cultural numa rede de palavras e temas geradores. (PACHECO, 2006, p.92).

O modelo de Ação Pedagógica da Pedagogia Griô foi inspirado inicialmente no triângulo do Sistema de Biodança proposto por Rolando Touro, uma das grandes influências para a criação da Pedagogia Griô segundo Lilian Pacheco e que originalmente possui os pontos: Música, Dança e Emoção. No contexto da Pedagogia Griô foi incorporado posteriormente, um segundo triângulo com o acréscimo de outros conceitos chaves, dando origem a uma forma de seis pontas, uma estrela, com as palavras Vida, Identidade e Ancestralidade ao centro

Os protagonistas dessa pedagogia são os Griôs e Mestres de Tradição Oral que são empoderados numa perspectiva da ancestralidade e da identidade, onde se elaboram os saberes através de rituais, cantos, danças, contação de histórias, mitos e símbolos. O diálogo entre os grupos de tradição oral, escola e comunidades são realizados por outras duas figuras importantes nesta pedagogia: O Griô-Aprendiz e o Educador – Griô.

O Griô-Aprendiz, assim como o Velho Griô, é um arquétipo ou um personagem mítico que a partir de sua experiência e corporeidade realiza uma ponte entre os saberes de tradição oral e a educação formal. Ele é iniciado através de vivências e rituais, de maneira que seu arquétipo que está constituído na história que carrega em sua pele se revele, inspirado por seus ancestrais e suas expertises. O Griô-Aprendiz abre espaço e cria uma atmosfera lúdica e encantada para a chegada dos Mestres Griôs nas escolas ou nos outros espaços sociais. Geralmente possui habilidades de contador de história, educador popular e cantor ou tocador de instrumentos tradicionais como pandeiro, tambor, berimbau, violão dentre outros.



Quadro 01 - Modelo de Ação Pedagógica. Fonte: Apostila Formação em Pedagogia Griô. (PACHECO, 2015, p 25)

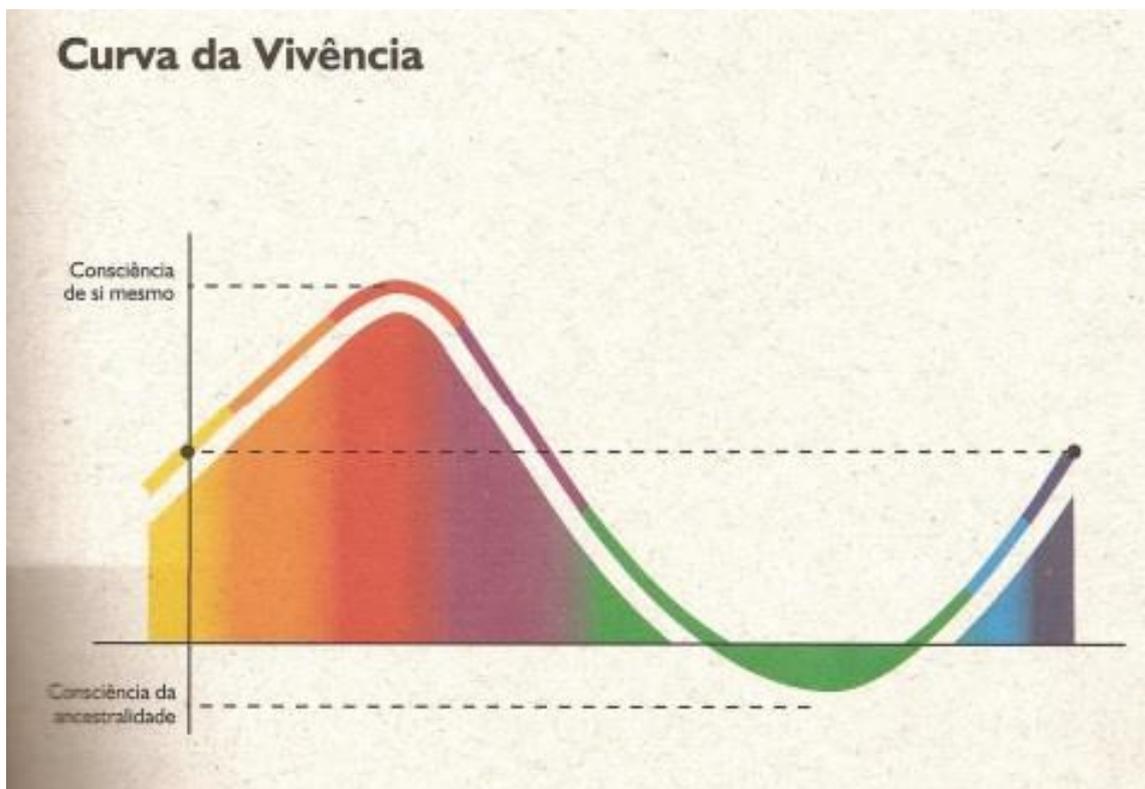
Da mesma forma que o Griô-Aprendiz, o Educador-Griô também é uma ponte entre os saberes de tradição oral e a educação formal. Geralmente trata-se do professor, merendeira ou outra figura que no âmbito da educação, conhece parte dos rituais de vínculo e aprendizagem da Pedagogia Griô e elabora da sua maneira as práticas que incidem no âmbito da educação. O que diferencia o Griô-Aprendiz do Educador-Griô é que este último, está circunscrito a um terreno pontual (geralmente a escola) enquanto o outro, transita em diversos espaços.

Os Mestres Griôs, Griôs-Aprendizes e Educadores-Griôs realizam vivências da Pedagogia Griô com a finalidade de facilitar o encantamento pela tradição oral e as ciências da vida, fortalecendo a identidade pessoal e local, no intuito de criar um sentimento de pertencimento e orgulho da ancestralidade e identidade. Durante o

percurso desta pesquisa, tive a chance de acompanhar algumas dessas vivências<sup>30</sup> que, embora variem um pouco, seguem a seguinte composição:

- Cantiga de chegada
- Roda de ciranda e brincadeiras
- Roda de acalanto
- Roda de contação de história
- Convite ao ritual de contação de histórias
- Roda de despedida
- Cantiga de despedida

Como contextualizado anteriormente, é por meio de rituais de vínculo e aprendizagem com, cantos, danças, contação de histórias, mitos e símbolos que essa vivência se expressa, como explicitado na tabela a seguir:



Quadro 02 - Curva de Vivência. Fonte: Livro "Pedagogia Griô – A Reinvenção da Roda da Vida" p 60

<sup>30</sup> Especificamente as vivências realizadas por Lilian Pacheco com os alunos adultos do curso em Pedagogia Griô durante minha estadia em Lençóis (2014 e 2015) e no projeto Ação Griô na Unicamp. Também acompanhei Márcio Caires na Escola Maria Isabel Silveira - Ba e EMEF Maria Pavanatti Favaro -SP.

As práticas pedagógicas da Pedagogia Griô elaboradas e reelaboradas no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô Pedagogia Griô se dividem em quatro categorias:

1. *Rituais Griôs*: caminhada griô, louvação griô, ocupação griô, trilha griô, oficina de saberes griôs, cortejos e mutirões griôs .
2. *Rituais de identidade e ancestralidade*: roda de benção e permissão, rodas de contação de histórias, roda de jogos e versos, ladainhas, improvisações e repentis, brincadeiras de roda, rodas de harmonização, rodas de embalo, rodas de acalanto, rodas de expressão da identidade, rodas de integração, roda da vida e das idades, danças de luta, plantação e colheita, roda de comunhão, chamamento do nome, reverencia a identidade e a ancestralidade;
3. *Rituais de passagem*: do nascimento, das idades, da formatura, do casamento, dos projetos existenciais – o que quero fazer, onde quero viver, com quem, da cura, da morte, rituais dos quatro elementos, rituais da alimentação;
4. *Rituais dialógicos*: aula espetáculos, encontros dialógicos, círculo de cultura, jogos cooperativos, painel integrado e textos coletivos, dramatização dos níveis de consciência, roda de qualificação em rede.

Exemplo de Prática Ritual de Vínculo e Aprendizagem número 01:

### **Periquito Maracanã**

(*Ritual de identidade e ancestralidade*: Cantiga acalanto, recolhida do Mestre Dunga - BA)

“Periquito Maracanã, cadê a sua iaiá  
 Periquito Maracanã, cadê a sua iaiá  
 Faz um ano, faz um dia que eu não vejo ela passar  
 Faz um ano, faz um dia que eu não vejo ela passar”

Depois de atingirem o ponto máximo de euforia através das cantigas de roda, anteriores, as crianças se abraçam e fecham os olhos. O facilitador entoia a cantiga a capela, que é repetida algumas vezes pelos participantes. Em seguida, deitam-se e escutam histórias

Exemplo de Prática Ritual de Vínculo e Aprendizagem número 02:

**Marimbondo me picou!**

(*Ritual de identidade e ancestralidade: Cantiga de roda de ciranda e brincadeiras, recolhida do Griô-Aprendiz Ulisses Junior - SP*)

“Tanta laranja espalhada pelo chão,  
vem cá mulato eu não vou lá não!  
Que isso nega, é marimbondo Sinhá?  
Pega em cima, pega em baixo, pega em todo lugar!  
- Marimbondo me picou!  
- Aonde? Aonde? Aonde? Aonde?”

Sempre em roda, as crianças cantam a música acompanhada de palmas. Dois aprendizes griôs ficam do lado de fora tocando respectivamente uma alfaia e um pandeiro. A frase “*pega em cima, pega em baixo, pega em todo lugar*” marca o momento em que a roda para e uma criança (às vezes acontece de vir mais de uma) vai para o centro da roda e grita “*marimbondo me picou!*”. Uma parte das crianças que estão na roda “socorrem” a criança que esta no meio, retirando “*de faz de conta*” os marimbondos de seu corpo. A outra parte continua mantendo a roda, batendo palma e cantando em coro “*Aonde? Aonde? Aonde? Aonde?*”. A dinâmica recomeça, inúmeras vezes, até que todas (ou grande parte) das crianças tenham tido a oportunidade de ir ao centro da roda.

### 2.3- As referências

*[...] a gente acrescenta muita coisa, o tempo todo. Então é isso, a Pedagogia Griô se propõe a ser uma pedagogia muito da terra, muito do povo é uma Pedagogia Griô do Brasil para o Brasil.* <sup>31</sup>

Tendo sido sistematizada há quase 20 anos e reinventando-se sempre, a Pedagogia Griô hoje possui como conceitos e referências: (1) educação biocêntrica de Rolando Toro e Ruth Cavalcante, (2) educação para as relações étnico-raciais-positivas de Vanda Machado, (3) a psicologia comunitária de Cezar Wagner Góis, (4) a educação dialógica de Paulo Freire, (5) a cultura viva comunitária de Célio Turino e (6) a produção partilhada do conhecimento de Sergio Bairon.

<sup>31</sup> Lilian Pacheco, em entrevista durante o projeto “Ciclo de Vivências e Práticas da Pedagogia Griô” em 2014.

Para localizar com mais clareza as concepções metodológicas da Pedagogia Griô, faço abaixo uma breve descrição de cada uma delas:

- *Educação biocêntrica de Rolando Toro e Ruth Cavalcante:*

Criada pelo psicólogo chileno Rolando Toro nos anos 1960, a biodança é uma espécie de terapia não verbal. É um método de conscientização pessoal e de integração afetiva através de contatos estabelecidas por movimentos de dança e música. Pode-se dizer que esta concepção é a principal referência da Pedagogia Griô. Lilian é formada em biodança, tendo atuado muitos anos com essa técnica no Brasil e na Europa. Segundo Lilian, a biodança “era muito elitista, e eu comecei a fazer a minha própria biodança, descobrindo meus próprios caminhos (...) Nessa época eu também aprendi que você não pode desconstruir o que o outros construiu, você tem que construir o seu próprio caminho” (caderno de campo, outubro de 2014).

- *Educação para as relações étnico-raciais-positivas de Vanda Machado:*

Concebido no Programa de Pós- Graduação em educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) , a pesquisa de Mestrado realizada por Vanda Machado torna-se um referencial na construção da Pedagogia Griô. A autora pesquisou o processo de ensino-aprendizagem com foco na cultura de crianças negras. Os mitos de origem africana que são muito presentes na pedagogia desenvolvida por Pacheco foram investigados por Vanda Machado em sua pesquisa cultural e política descortinando as possibilidades e efetividades de metodologias pedagógicas que reconhecessem e valorizassem a cultura afro-brasileira. De acordo com MACHADO:

A palavra é vida, é ação, é jeito de aprender e de ensinar. Assim nasceram os mitos. Contar mitos, em muitos lugares na África, faz parte do jeito de educar a criança que, mesmo antes de ir para escola, aprende as histórias da sua comunidade, os acontecimentos passados, valorizando-os como novidade. (MACHADO, 2006, p. 03)

- *Psicologia comunitária de Cezar Vagner Góis:*

A Psicologia Comunitária é recente na história da psicologia e por esse motivo é difícil sua conceituação. Dentre os vários referenciais teóricos considerados e também as práxis realizadas, a Pedagogia Griô buscou no trabalho de Góis os

fundamentos para o seu desenvolvimento. Essa ciência se caracteriza por trabalhar com sujeitos sociais em condições ambientais específicas, com especial atenção as suas necessidades e individualidades. Seus objetivos se referem à melhoria das relações entre: as pessoas, a natureza e as instituições sociais. Nas palavras de Gois:

[...] consideramos que a Psicologia Comunitária está centrada em dois grandes modelos: o do desenvolvimento humano e o da mudança social (busca de alternativas sócio-políticas), os quais partem de uma visão positiva da comunidade e das pessoas. Nesses modelos está presente o reconhecimento da capacidade do indivíduo e da própria comunidade de serem responsáveis e competentes na construção de suas vidas, bastando para isso a existência de certos processos de facilitação social baseados na ação local e na conscientização. (GOIS, 2003, p 277)

- *Educação dialógica de Paulo Freire:*

Os elementos freirianos são muito presentes na criação da Pedagogia Griô. Várias práticas como o círculo de cultura dialógico ou as palavras geradoras foram incorporados e reelaborados para a dinâmica desta pedagogia criada na Bahia.

O método Paulo Freire influenciou não somente as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) da Igreja Católica onde Lilian Pacheco na juventude, iniciou suas missões de educação pela periferia junto com o Padre Hugo, mas também, anos mais tarde, influenciaria o surgimento da Pedagogia Griô, baseado na palavra e na capacidade de narrar.

Em Pedagogia do Oprimido, sobre a teoria dialógica (1987), Freire entende o diálogo como “o encontro entre os homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo” (idem p. 93). Nesse sentido, o autor desenvolve uma pedagogia baseada no processo de conscientização crítica da realidade, de uma educação problematizadora, humanista e crítica. O diálogo torna-se a essência de uma educação humanizadora e se constitui como um fenômeno essencialmente humano, realizado pelas pessoas por meio da palavra, a partir de duas dimensões: (1) a ação, para a transformação e não alienação e (2) a reflexão, atrelada à conscientização crítica e não alienante.

- *Cultura Viva Comunitária de Célio Turino:*

O Programa Cultura Viva Comunitária é uma dobra do Programa Cultura Viva<sup>32</sup> idealizado por Turino que viabilizou a criação de mais de 2.500 Pontos de Cultura espalhados em mais de mil municípios do Brasil, beneficiando mais de 8 milhões de pessoas e criando 30.000 postos de trabalho.<sup>33</sup> A proposta busca em cada país (em especial os países da América Latina como Argentina, Guatemala, México dentre outros), o fortalecimento da identidade local e a destinação de uma parte do orçamento público para o “fazer cultural” autônomo e protagonista, potencializando os pontos de cultura existentes e valorizando os povos de cultura de tradição oral.

- *Produção partilhada do conhecimento de Sergio Bairon:*

A proposta do Livre Docente pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Sergio Bairon, foi o último elemento a compor a Pedagogia Griô, durante o movimento que a Pedagogia Griô criou ao estabelecer pontes com o ensino superior. A ideia parte da premissa de realizar um outro tipo de etnografia, onde as comunidades pesquisadas são apoderadas e empoderadas como produtoras de mídia. O pesquisador deixa de ser uma figura externa para criar e participar junto de maneira solidária e dialógica<sup>34</sup>. A comunidade em questão, o “objeto de pesquisa” que pode ser uma tribo indígena, um grupo de maracatu, uma comunidade de rendeiras, etc, passa a ter a chance de protagonizar e divulgar a produção de seus conhecimentos de uma outra maneira. A Produção Partilhada do conhecimento parte do princípio de que não deve haver hierarquia entre os saberes das Culturas Tradicionais Oraís e da Universidade e que a produção do conhecimento deve ser o resultado do diálogo entre ambas. Atualmente, Sergio Bairon é um dos professores do curso de Pedagogia Griô oferecido pelo Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô.

Por fim, as referências da Pedagogia Griô abarcam ainda uma infinidade de mestres e mestras que são responsáveis por sua inspiração e reinvenção, conforme nos PACHECO (2015):

Em toda comunidade brasileira existem mestres griôs de tradição oral trabalhando espontaneamente e informalmente pela sobrevivência de

---

<sup>32</sup> Abordarei melhor esse assunto no Ato III dessa dissertação.

<sup>33</sup> Reportagem sobre a Teia Paulista de Pontos de Cultura. Jornal. Documento sem data.

<sup>34</sup> <http://educomusp.wordpress.com/2013/01/14/educomunicadores11>

suas tradições junto á comunidade, educando crianças e adolescentes, produzindo uma economia de partilha, uma economia comunitária. São atores e autores sociais vivos da cultura brasileira que inspiram uma pedagogia recriada no Ponto de Cultura Graos de Luz e Griô [...]

#### **2.4- Ação Griô Nacional: Quando se encontram política e cultura**

*A política cultural é tão antiga quanto o primeiro espetáculo de teatro para o qual foi necessário obter uma autorização prévia, contratar atores ou cobrar pelo ingresso. Tão velha, em outras palavras quanto à Grécia antiga. (COELHO, 1997 p. 08)*

Criada pelo Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, a Ação Griô Nacional foi uma rede articulada e gerida em conjunto com a Secretaria da Cidadania Cultural do MinC, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e mais 7 equipes regionais formadas por pontos de cultura, ONGs e universidades federais parceiras. No primeiro edital em 2007, 50 projetos foram selecionados iniciando a rede da Ação Griô. Em 2009, esta se amplia com um novo edital, englobando mais estados e passando para 131 projetos em todo país, beneficiando 650 mestres e griôs brasileiros.<sup>35</sup>

Cada Ponto de Cultura e ONG desenvolveu um projeto pedagógico de educação e tradição oral em parceria com escolas, universidades, educadores, estudantes Griôs e Mestres de sua comunidade construindo um novo modelo de educação no Brasil, baseado nas raízes que formam a identidade brasileira com suas rodas, rituais de vínculo, brincadeiras, músicas, danças e histórias inspirados na Pedagogia Griô. A Ação Griô fez parte do Programa Cultura Viva, durante o governo de Luis Inácio da Silva eleito em 2002 pelo Partido dos Trabalhadores (PT) marcando uma articulação impar entre sociedade civil e o poder público (esferas municipal, estadual e federal).

Para localizar melhor a importância desta ação que integra cultura e política, faz se necessário uma breve retrospectiva da história da politica cultural que incidiu no Brasil nos últimos anos:

---

<sup>35</sup> Retirado da Ação Griô Nacional em <http://www.acaoario.org.br/acao-grio-nacional/>. Acesso em 15/09/2014



Imagem 4: Mestre Marcos Simplicio, Grupo de Capoeira Menino Crispim Levado – Campinas-SP.  
*Técnica:* Colagem e sobreposição de fitas de cetim, livro didático e desenhos de alunos da EMEF Maria Pavanatti Favaro.

Os rumores para a criação do Ministério da Cultura começam na década de 70, pós ditadura militar, enquanto o país se redemocratizava. Calabre (2005) afirma que o Conselho Federal de Cultura (CFC), criado em 1966, chegou a apresentar algumas propostas nos anos de 1968, 1969 e 1973, sem que nenhuma delas tenha sido aceita. Na década de 80, fortemente influenciada pelas reivindicações do Fórum Nacional de Secretários de Cultura, finalmente foi criado um órgão com autonomia e recursos orçamentários específicos para área, que até então estava sob a custódia do Ministério da Educação (MEC). Nasce então, em 1985 por meio do Decreto No 91.144, o Ministério da Cultura (MinC) que passou por uma série de problemas até ser extinguido em 1990 quando o governo do Presidente Fernando Collor de Mello o transformou em Secretaria de Cultura. Após seu impeachment, no governo do Presidente Itamar Franco, em 1992 a situação é revertida e o MinC volta a operar.

Neste cenário marcado por ações imediatistas e pela descontinuidade de seus dirigentes podemos destacar duas ações:

Lei Sarney – Criada em 1986, a lei nº 7.505 foi a primeira lei federal de financiamento às atividades artísticas do país. A partir de renúncia fiscal, Empresas e cidadãos poderiam financiar atividades de caráter cultural. Entretanto, a Lei foi alvo de várias críticas o que fez com que ela fosse revista entre os anos de 1991 e 1992 quando a pasta era coordenada pelo filósofo e antropólogo Paulo Sérgio Rouanet.

Lei Rouanet - O Programa Nacional de Incentivo à Cultura foi criado com o intuito de responder as críticas da antiga Lei Sarney. Originalmente, a Lei é formada por três mecanismos: o patrocínio ou doação, o Fundo Nacional de Cultura (FNC) e o Fundo de Investimento Cultural e Artístico (Ficart). O que observa-se no entanto é que essa plataforma de financiamento nunca se implementou completamente. O Ficart nunca foi concretizado, e o mecenato (patrocínio e/ou doação) atingiu uma pequena parcela de projetos, em sua maioria privilegiando grandes nomes e corporações da indústria cultural, sendo 80% provenientes da Região Sudeste.

Após a gestão do Presidente Itamar Franco, o governo de Fernando Henrique Cardoso (1994 a 2002) e seu ministro Francisco Wellfort (1995-2002) realizaram ações e programas a partir das críticas feitas as leis de incentivo anteriores.

“Refizeram” o novo modelo de política pública brasileiro inspirado por Ronald Reagan (EUA) e Margaret Thatcher (Grã-Bretanha), por sua vez baseado numa política neoliberal do Estado mínimo. Na prática, o governo federal diminuía os investimentos públicos na área da cultura e repassava para a iniciativa privada a decisão sobre os rumos da produção cultural no Brasil, transformando a cultura num “bom negócio”<sup>36</sup> e abrindo caminhos para o marketing cultural. De acordo com Rubim:

A gestão Fernando Henrique Cardoso / Francisco Weffort entronizou o mercado, em detrimento da identidade nacional, no núcleo de sua atuação cultural, através das chamadas leis de incentivo à cultura. Tais leis, de imediato, ocuparam quase integralmente o lugar das políticas de financiamento e – ato contínuo – tomaram o espaço das políticas culturais. Assim, o estado retraiu seu poder de deliberação político-cultural e passou a uma atitude quase passiva, através da qual apenas tinha a função de isentar, muitas vezes em 100%, as empresas que «investiam» no campo cultural. Em resumo, ainda que o recurso fosse, em sua quase totalidade, público, o poder de decisão sobre quais atividades deveriam ser apoiadas passou a ser de responsabilidade apenas das empresas. (RUBIM, 2009. p. 101)

Na contramão do que se esperava, a iniciativa privada não dispôs de seus recursos para os projetos culturais e a parceria público/privada acabou reduzida ao Estado que financiaria os projetos, mas transferiria ao setor privado as decisões sobre quais projetos receberiam estes recursos.

Para Calabre (2005) o governo não elaborou propostas, planos ou diretrizes de gestão pública para o campo da cultura, e sim, inseriu a cultura em um ramo mercadológico pouco preocupado com as manifestação de saberes e fazeres do povo brasileiro.

É neste cenário, pós FHC, que surge o Programa Cultura Viva sob a condução do Ministro Gilberto Gil (2003-2008), sob a gestão do 1º. Mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, que foi eleito entre outras coisas para combater a ideia de Estado Mínimo, mas precisou governar por meio de uma coalizão de centro-esquerda que já ali rompia com o princípio de um Governo dos Trabalhadores para Todos (vide parcerias público privadas, etc.). A ideia importada, mercadológica e homogeneizante da cultura é substituída pela ideia de diversidade cultural, onde abre-se espaço para a cultura

---

<sup>36</sup> Foram distribuídas cartilhas para as empresas com o tema “A cultura é um bom negócio” onde era explicado passo a passo como funcionaria essa política de investimento.

popular, cultura erudita, arte urbana dentre outras. O Programa Cultura Viva nas palavras do próprio ministro seria uma “uma espécie de ‘do-in’ antropológico, massageando pontos vitais, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do país” (BRASIL, 2004, p. 21). Sua ação inicial foi pensada a partir de cinco vertentes:

- *Pontos de Cultura*: ação que articula as demais ações do Cultura Viva. Compreende o apoio institucional e financeiro do MinC a entidades civis que desenvolvem atividades de impacto sócio-cultural em suas comunidades. Até abril de 2012, eram 2,5 mil Pontos de Cultura em 1122 cidades brasileiras.
- *Agente Cultura Viva*: pretende favorecer atitude crítica, auto-estima e consciência de si em jovens atuantes em Pontos de Cultura. Um edital de seleção de bolsistas seleciona projetos de capacitação de jovens como agentes culturais.
- *Cultura Digital*: ação catalizadora da rede formada pelos Pontos de Cultura, destinada a fortalecer, estimular, desenvolver e potencializar redes virtuais e presenciais. Dentre suas atividades, destacam-se o papel de facilitadora da apropriação e do acesso às ferramentas multimídia em *software* livre pelos Pontos de Cultura para a geração de autonomia.
- *Escola Viva*: integra Pontos de Cultura com a escola, articulando formas de saber reflexivo e sensível por meio da cultura.
- *Griôs – Mestres dos Saberes*: apoio a projetos pedagógicos que contemplem as práticas da oralidade, dos saberes e dos fazeres dos Mestres e Griôs nas parcerias dos Pontos de Cultura com escolas, universidade e entidades do terceiro setor.

A última vertente do Programa Cultura Viva, os Griôs, não estava previsto no plano de governo inicial. Célio Turino, convidado por Gilberto Gil para desenvolver um programa de democratização e acesso a cultura nos conta que:

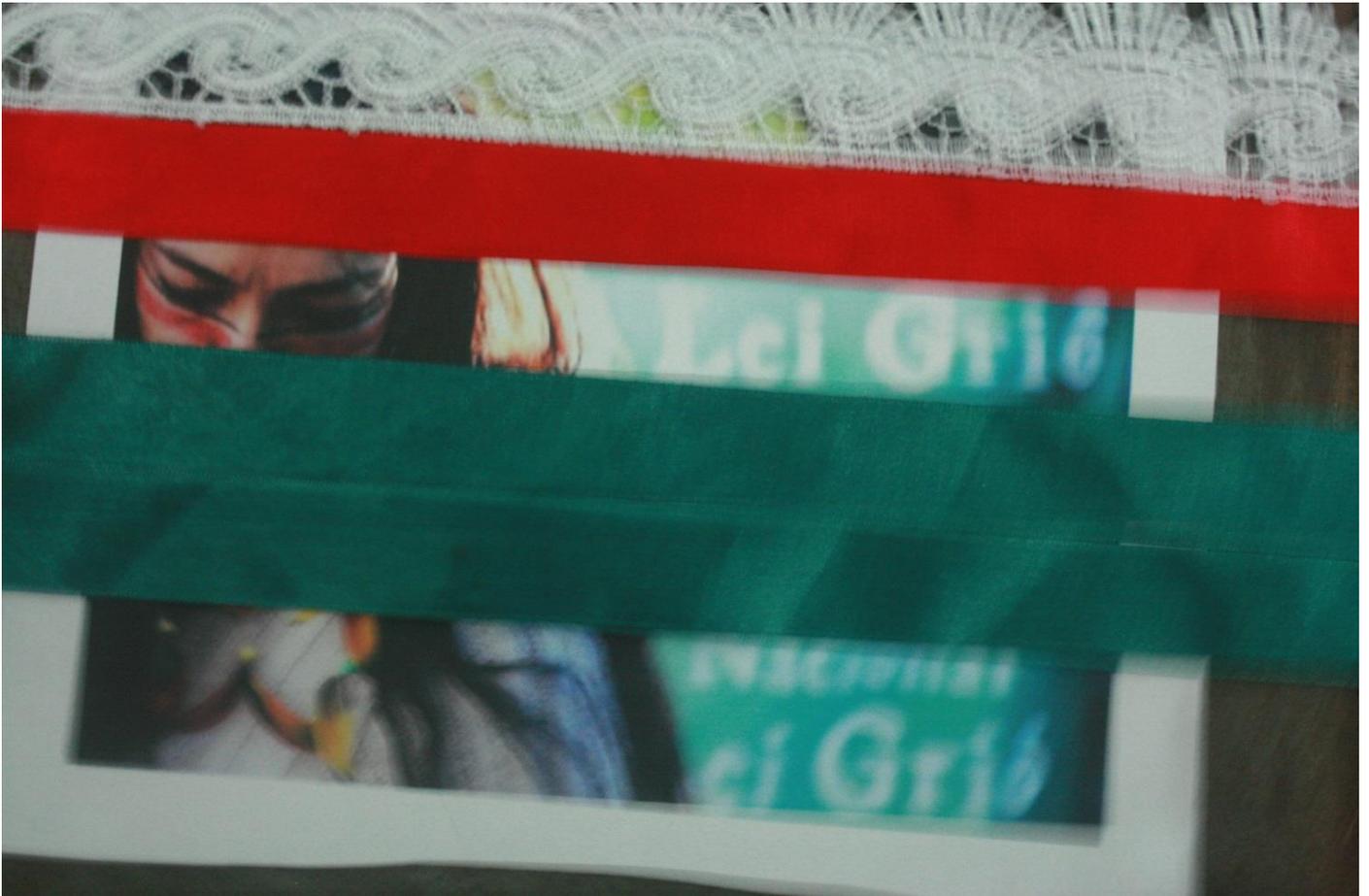
Com a Ação Griô são realizadas oficinas culturais, místicas, caminhadas, rodas de oralidade. É o conhecimento ancestral sendo valorizado, o conhecimento do comum, dos mestres, que vem do fundo de nossa alma. Esta ação não havia sido planejada. Mas sentia que faltava algo. Cultura digital, juventude, escola, Ponto de Cultura. Faltava a ancestralidade, o elemento terra, um chão firme para pisar e dar o salto. Foi quando ainda no primeiro edital, uma entidade manda sua proposta [...]. Era o que faltava. Conversamos por mensagem eletrônica, pedi maiores detalhes sobre a prática deles, sobre a tradição oral. (TURINO, 2010, p 97)

Para Lilian Pacheco, tão pouco eles esperavam realizar um projeto com o governo. Não havia tido até o momento nenhuma identificação com as gestões culturais e o encontro com Célio foi, nas palavras da criadora da Pedagogia Griô “um marco”:

A gente criou a Pedagogia Griô foi pra nossa terra, não tinha esse desejo de sair do Brasil, por que nossa viagem existencial mesmo era voltar para o mato, ficar no mato, longe da cidade, com nosso povo e tudo. E aí a gente tinha umas relações que não eram locais, como por exemplo a Tv Cultura, o Marcos Eulaqui, o Itau Unicef por que a gente tirou o primeiro lugar do Brasil... Mas a gente sempre negava essa relação com o governo. Até que Lula ganhou, e nós votávamos em Lula, mas não tínhamos interesse em multiplicar a Pedagogia Griô, sabe? Isso de multiplicar não batia com a gente... Mas aí chegou o Célio Turino que foi um marco. Nós fizemos um vínculo de coração, de pensamento, foi visceral. Então nós tivemos uma profunda identificação com o Cultura Viva, que foi um encontro de alma. O Celio sentou no chão com a gente, com os educadores, com as crianças... Igual Fatima fez né? Então a gente aceitou entrar nesse projeto com ele de criar a Ação Griô. Aí eu fui criar essa ideia de gestão partilhada a nível nacional e Célio gostou e nós fomos implementando (Lilian Pacheco, entrevista concedida em março de 2014)

É neste momento, dentro do Programa Cultura Viva, que a Associação Grãos de Luz e Griô torna-se um Pontão de Cultura e integra o programa como uma de suas ações culturais prioritárias. A entidade abre edital público para pontos de cultura e organizações não governamentais com projetos de tradição oral em todo território brasileiro e inicia-se a Rede da Ação Griô Nacional.

Os Pontos de Cultura que figuram no topo do programa Cultura Viva é considerado por unanimidade a maior contribuição do governo em sua gestão política-cultural. Escolhidos por meio de edital público, são priorizados os centros/iniciativas/espços culturais constituídos por grupos já existentes, e que desenvolvem projetos comunitários/artísticos/culturais. Segundo Pardo:



**Imagem 5:** Griô-Aprendiz Vangri da Comunidade Aldeia do Maracanã – Rio de Janeiro-RJ

*Técnica:* Colagem e sobreposição de foto com fitas de cetim.

Esta foi a direção da construção do programa: criar ampla linha de ação a partir do que já existe e já atua, com legitimidade comunitária, como entidades, órgãos locais e mecanismos já existentes que poderão ser fortalecidos, aperfeiçoados e continuamente avaliados. (PARDO, 2011, p. 08)

O caráter aberto, plural e democrático do Programa Cultura Viva e dos Pontos de Cultura fizeram com que não só o Grão de Luz e Griô, mas uma série de outras iniciativas como grupos de teatro, escolas de samba, povos de terreiro e mais uma diversidade de ações no âmbito da cultura pudessem ser empoderadas:

O Ponto de Cultura não tem um modelo único, nem de instalações físicas, nem de programação ou atividade. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e comunidade. Pode ser instalado em uma casa, ou em um grande centro cultural. A partir desse Ponto, desencadeia-se um processo orgânico agregando novos agentes e parceiros e identificando novos pontos de apoio: a escola mais próxima, o salão da igreja, a sede da sociedade amigos do bairro, ou mesmo a garagem de algum voluntário.<sup>37</sup>

É neste momento que o Ministério da Cultura faz um importante rompimento com as políticas culturais que haviam incidido no Brasil nos últimos anos e privilegiam ações a margem do mercado cultural, que por sua vez, já possuíam patrocinadores com o interesse de investir em projetos massificadores, pertencentes à indústria cultural.

Ou seja, o Cultura Viva investiu recursos financeiros para apoiar projetos realizados em espaços já existentes em todas as regiões do país e dessa forma fomentou de maneira democrática e horizontal a pluralidade da diversidade cultural brasileira, criando um novo modelo de Estado que “compartilha o poder com novos sujeitos sociais, ouve quem nunca foi ouvido, conversa com quem nunca conversou”(Publicação do Programa Cultura Viva, 2004, p. 33). Em suma: um modelo inédito na história das Políticas Públicas do Brasil.

A aplicação do conceito de gestão compartilhada e transformadora para os Pontos de Cultura tem por objetivo estabelecer novos parâmetros de gestão e democracia entre Estado e Sociedade. No lugar de impor uma programação cultural ou chamar os grupos culturais para dizerem o que querem (ou necessitam), perguntamos como querem. Ao invés de entender a cultura como produto, ela é

---

<sup>37</sup> Site do ministério da Cultura: [www.cultura.gov.br](http://www.cultura.gov.br). Acesso em 17/09/2014

reconhecida como processo. Este novo conceito se expressou com o edital de 2004, para seleção dos primeiros Pontos de Cultura. Invertemos a forma de abordar os grupos sociais: o Ministério da Cultura diz quanto pode oferecer e os proponentes definem, a partir de seu ponto de vista e de suas necessidades, como aplicarão os recursos. (TURINO, 2010, p 64)

Ainda que se possa discorrer sobre algumas limitações do programa - uma certa burocracia estatal dificultando a implementação do próprio programa e mesmo de ações da sociedade civil, por exemplo (IPEA, 2011), nunca uma política pública atingiu tão expressivamente (quantitativa e qualitativamente) diferentes segmentos da sociedade e entendeu a cultura menos como política de evento e entretenimento, como em gestões anteriores do MinC, e mais como ação política transformadora. Também convém observar, conforme nos aponta Marinho (2011) que, embora a proposta do programa seja a implantação dos Pontos em todos os lugares do País, nota-se uma significativa concentração deles nas principais capitais do País e seus municípios mais próximos.

Em 2008, Gilberto Gil deixa o Ministério, e assume em seu lugar o Secretário Executivo, Juca Ferreira. Entre 2010 e 2014, ainda no governo do PT o Ministério da Cultura passa por um momento delicado: Ana de Holanda e Marta Suplicy assumem a pasta, mas nenhuma delas consegue dar prosseguimento ao Programa Cultura Viva, o que significou uma grande perda e ruptura na rede.

Atualmente, o esforço mais latente em termos de política, pontos de cultura e oralidade é o projeto de Lei Griô, dentro do movimento da Ação Griô Nacional. Segundo o artigo 1º, esta lei “institui a Política Nacional Griô, voltada para a proteção e o fomento à transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral”<sup>38</sup>. O Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô e outros pontos simpatizantes são os proponentes dessa lei apresentada pela deputada federal Jhandira Fergali (PCdoB), dentre outros parlamentares, que esta sendo analisado/votado desde 2012 no Congresso Nacional.

---

<sup>38</sup> Extraído da Ementa original, ainda em fase de avaliação. Documento sem data e sem número. Fonte: Márcio Caíres.

## ATO III - UM OLHAR PARA A TRADIÇÃO ORAL NA EDUCAÇÃO FORMAL

### 3.1. Ensino Afro-Brasileiro e Indígena

O texto abaixo é um fragmento de anotações em uma escola particular, no ano de 2013, na cidade de Valinhos, onde fui professor de Teatro para uma turma de alunos<sup>39</sup> com idade entre 08 e 10 anos enquanto trabalhava com um dos vídeos sobre a Pedagogia Griô. Recorro à transcrição dessa aula, para iniciar a discussão sobre o Ensino Afro-Brasileiro e Indígena nas escolas neste último capítulo da dissertação, além de confrontá-la com a pesquisa de José Ricardo Oriá Fernandes, Doutor em História da Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e a entrevista de Vanda Machado à “Presente! Revista de Educação” sobre diversidade cultural na sala de aula. Também são analisados a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as entrevistas com Flávia Machado, professora de Artes na rede municipal de ensino na cidade Sumaré-SP e Renata Cristina<sup>40</sup>, professora de Artes na rede particular de ensino na cidade de Campinas-SP, em maio, durante o evento “Práticas de Extensão em Pedagogia Griô” do qual falarei mais adiante.

**Eu:** Então turma, eu sei que vocês estão ensaiando uma dança pra festa junina, certo? Sei também que a coreografia das crianças de 05 a 09 anos é uma dança country...

**Luiza:** É, a gente vai dançar a música da Shania Twain<sup>41</sup>, que é assim...

(Começa a cantar e fazer os passos, outras meninas acompanham, os meninos tiram sarro).

**Eu:** Muito bom, mas eu queria falar um pouco sobre a origem das festas juninas, por que essas músicas que a escola está ensaiando não fazem muito parte da cultura do Brasil não é mesmo? Elas têm outras figuras, outra língua...

---

<sup>39</sup> Os nomes das crianças foram trocados para preservar suas identidades.

<sup>40</sup> Nome fictício a pedido da entrevistada.

<sup>41</sup> De origem canadense a cantora ficou famosa ao misturar o estilo country com o estilo pop. O álbum “The Woman in Me” com a música cantada pela aluna na sala de aula ficou muito popular entre os jovens.

**Pedro:** É por que a turma do integral faz aula de inglês do lado do colégio, antes tinha aula de inglês aqui, mas agora os pais pagam a parte.

(Novamente um alvoroço, alguns alunos defendem que era melhor ter inglês dentro da escola, outros preferem fazer na escola/empresa ao lado.)

**Eu:** Esta certo... Mais voltando ao assunto: As festas juninas que são realizadas nessa escola e nos outros lugares ocorrem sempre nos meses de junho e julho. Elas são uma homenagem a São João, por isso tem esse nome, *joanina*, que acabou passando por um processo linguístico e hoje se chama junina. Tem várias manifestações brasileiras que nós não conhecemos, mas conhecemos a de outros países. Pensando nisso, eu queria passar um vídeo pra vocês que foi feito por um Ponto de Cultura em Londrina e que se chama “Tudo o que você gostaria de saber sobre macumba e nunca teve vontade de perguntar”<sup>42</sup> (*as crianças riem*). Mas antes, eu queria perguntar pra vocês, o que é macumba? O que vocês sabem sobre isso?

**Pedro:** Macumba é um negócio que a gente fuma e fica doidão.

**Ícaro:** Não, isso é maconha. Macumba é um negócio de pegar um gato preto e esfregar na gente.

**Luiza:** E serve pra dar azar também você canta assim: “catissa sarava, catissa sarava”

(Todos começam a rir. Acalmo os ânimos da turma, para em seguida, exibir o curta-metragem. Depois, retomo a conversa)

**Eu:** Todo mundo entendeu o que é macumba? Será? Me falem agora o que vocês aprenderam com este vídeo...

**Pedro:** Macumba é uma dança e macumbeiros são as pessoas que dançam o ritmo da macumba.

**Alexandre:** E a macumba é dançada com três tambores.

**Luiza:** E a Mãe de Santo é uma mulher normal, que nem a gente. Ela tem uma casa, brinca com os netos, pega ônibus... Ela não é uma bruxa, é uma mulher que faz as coisas normais como a gente. Quer dizer, mais ou menos né? Por que eu não pego ônibus (todos riem). (Caderno de Campo, junho de 2013)

---

<sup>42</sup> O vídeo “Tudo que você gostaria de saber sobre macumba mas nunca teve coragem de perguntar” foi produzido pela Vila Cultural Alma Brasil para o Prêmio Griô na Escola e na TV, sobre a mestra griô mãe Vilma, mais conhecida como Yá Mukumby. No vídeo, realizado na cidade de Londrina no estado do Paraná, a mestra responde a pergunta de várias crianças sobre o que é macumba de maneira honesta clara e divertida. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=lomplMkV1SM>.

Como se pode notar diante das narrativas dos alunos transcritas acima, levar para a sala de aula os saberes advindos da tradição oral significa entrar em um embate ideológico com o que já se tem de estabelecido na cultura escolar. No que tange o discurso dos alunos, os mesmos dizem que “*macumba é um negócio que a gente fuma ou fica doidão*” ou “*serve pra dar azar*” e mesmo depois que assistem o vídeo e compreendem do que se trata, reagem gracejosos e com uma dose de escárnio: “*Ela não é uma bruxa, é uma mulher que faz as coisas normais como a gente. Quer dizer, mais ou menos né? Por que eu não pego ônibus (todos riem)*”. Ou seja, a identidade e subjetividade dos estudantes brasileiros é construída por um padrão baseado numa cultura europeia e branca. Qualquer tentativa de driblar esses aspectos encontram dificuldades na sua recepção que se manifestam, entre outras coisas, pela ignorância ou pelo deboche.

A contadora de história e atriz Renata Cristina, professora de Artes em um colégio particular de classe média alta na cidade de Campinas e Flávia Machado, atriz, jogueira e também professora de Artes em 03 escolas públicas de Sumaré, também apontaram questões semelhantes a estas nas entrevistas realizadas.

[...] recentemente os alunos do 7º ano questionaram a discussão de um dos temas que era Literatura de Cordel. Por que o que acontece é que isso passa a ser uma referência muito distante dessa era digital e dessa nova juventude que surge com outros interesse de tudo né? De pesquisa, de visão de mundo de tudo... E também considerando a classe social desses alunos, acaba sendo um tema que não é interessante pra eles, eles não gostam, não querem ver. Então quando eu vou trabalhar com o tema do Nordeste, as referencias que eles tem são as praias ou os *resorts* que eles vão passar as férias no meio e no final do ano... Então é bem nesse registro... Tem também essa coisa do adolescente ser muito critico né? E eles ficam zuando, tirando sarro... O material da escola é bastante audiovisual né? Tem fotos, vídeos... Então sempre da margem pra alguma piada, alguma gracinha.

(Professora Renata - 27/05/2015)

Já cheguei muitas vezes na escola com colar e lenço e um aluno me falar que “isso é coisa de demônio, por que meu pai falou que isso é coisa do demônio”. Então nesse momento você dá uma desconstruída nessa estrutura rígida sabe? “Ah, seu pai falou isso, pera lá então, vamos conversar...” (Professora Flavia - 23/05/2015)

Se voltarmos um pouco no tempo, para compreender esta questão, veremos que, embora tenham se passado mais de cinco séculos da miscigenação entre europeus, africanos e indígenas, além de grandes transformações nos campos das ciências, das artes, dentre outros, ainda nos deparamos com um padrão eurocêntrico dado como superior as demais construções e elaborações do conhecimento advindo de outros povos, incluindo o nosso próprio. A escola, compreendida como um espaço que reproduz parte das relações sociais da sociedade na qual esta imersa, configura-se também, neste sentido, como um mecanismo de reprodução de preconceitos e discriminações que atingem não só os alunos, mas também todos os atores desse processo: professore(a)s, diretores, merendeiras, família de alunos...

O modelo escolar brasileiro durante muito tempo seguiu parâmetros curriculares educacionais que privilegiaram conhecimentos científicos e não os conhecimentos/saberes advindos das tradições culturais/orais, já que a visão transmitida pela escola é sempre a visão determinada pelas classes dominantes e letradas. Este processo educacional aliado aos interesses do capitalismo que explora e domina os povos colonizados segundo a filosofia do colonizador, confluiu para que a identidade brasileira constituída por um caleidoscópio de povos e culturas, em especial as indígenas e as africanas fossem relegadas a um segundo plano, ou então, tivessem suas verdades distorcidas, quando não raras as vezes suprimidas.

Ao analisar a disciplina de História no contexto da educação brasileira, o pesquisador José Ricardo Oriá Fernandes conclui que:

[...] o conteúdo programático dessa disciplina na escola fundamental tem primado por uma visão monocultural e eurocêntrica de nosso passado. Inicia-se o estudo da chamada “História do Brasil” a partir da chegada dos portugueses, ignorando-se a presença indígena anterior ao processo de conquista e colonização. Exalta-se o papel do colonizador português como desbravador e único responsável pela ocupação de nosso território. Oculta-se, no entanto, o genocídio e etnocídio praticados contra as populações indígenas no Brasil: eram cerca de 5 milhões à época do chamado “descobrimento”, hoje não passam de 350 mil índios. Os africanos, que aportaram em nosso território na condição de escravos, são vistos como mercadoria e objeto nas mãos de seus proprietários. Nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileiras, embora tenha sido ele a mão-de-obra predominante na produção da riqueza nacional, trabalhando na cultura canavieira, na extração aurífera, no desenvolvimento da pecuária e no cultivo do café, em diferentes

momentos de nosso processo histórico.  
(ORÍÁ, 2005, p. 380)

Dentro da perspectiva de mudar esse quadro, foi criada a lei 10.639/03 que obrigou o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, e cinco anos mais tarde, a lei complementar, de numero 11.645/08, que prevê o estudo da História e Cultura Indígenas em todas as escolas nacionais particulares e públicas de Ensino Fundamental e Médio.

De acordo com o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)<sup>43</sup> o ensino deve se basear em três princípios:

- 1) a consciência política e histórica da diversidade;
- 2) o fortalecimento de identidades e de direitos;
- 3) as ações educativas de combate ao racismo e às discriminações.

Segundo a Lei, criada no início de 2003, fruto de um amplo processo de luta por parte da sociedade civil - em especial o Movimento Negro - com o poder público, todos os conteúdos devem ser ministrados de forma transversal, dialogando com todo o currículo escolar com especial atenção para as disciplinas de artes, literatura e história. Inicialmente, a Lei 10.639/03 determinava os seguintes artigos:

Art. 26 – A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1<sup>a</sup> – O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2<sup>a</sup> – Os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

---

<sup>43</sup> Extraído do site <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lbd.pdf>. Acesso em 10/05/2015.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.<sup>44</sup>

Embora o tema seja de fundamental importância e nos últimos alguns esforços como a criação de novos livros didáticos ou projetos extensionistas venham adaptados para lidar com o conteúdo da Lei 10.639/03 e 11.645/08, não se pode negar as enormes dificuldades que a equipe escolar tem enfrentado para por em prática suas diretrizes.

Especificamente, no contexto do ensino particular, a professora Renata observa que:

[...] a escola particular favorece um espaço de trabalho diferente da escola pública principalmente no que diz respeito a recursos e materiais. Essa escola que eu trabalho adota uma metodologia de trabalho que se chama UNO e esse UNO tem os livros e as apostilas de cada série onde ficam disponibilizados os conteúdos e as sequências didáticas que são fornecidos por um *ipad* [...]. Por exemplo, na turma do sexto ano, tem a Pedagogia Griô, e aí explica um pouco dessa história, desses contadores de histórias que vieram da África e tal. Tem também uma parte sobre Danças Africanas, Ritmos Brasileiros, enfim... Então dá uma contextualizada de âmbito geral na cultura popular. Ou seja, o livro apresenta alguns temas e a escola elege para trabalhar quatro temas desses durante o ano escolar. Então alguns aspectos da cultura popular são trabalhados durante o ano com esses temas. Só que este material tem algumas propostas que são um pouco inviáveis na sala de aula. São propostas que são pensadas fora do espaço físico e nem sempre isso é possível dentro da dinâmica escolar. (Professora Renata - 27/05/2015)

Como se pode notar pelo discurso da professora, a existência de um material específico não assegura que os conteúdos sejam trabalhados de maneira concreta na sala de aula. As dificuldades com a “dinâmica escolar” representado como: a arquitetura da escola, o tempo das aulas e a quantidade de alunos são elencados pela professora como fatores que prejudicam o trabalho que necessitam de elementos impensáveis na sala de aula. Além disso, a dificuldade da compreensão por parte dos demais docentes também vem contribuir para que essas Leis no espaço educativo sejam deixadas de lado:

Então a sugestão da escola nesse sentido foi que o tema África fosse um tema de discussão comum no projeto Escola Aberta. A Escola

---

<sup>44</sup> Extraído do site <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lbd.pdf> Acesso em 10/04/2015.

Aberta é como se fosse uma feira de ciências em que cada sala propõe um trabalho e a escola abre as portas para os pais, mostrando tudo o que foi feito ao longo do ano e tal... Só que a Escola Aberta é em outubro e ainda não teve assim um planejamento de como vai ser o trabalho desse conteúdo (...). E nesse sentido tem esse caráter de estranhamento e de resistência não só dos alunos, como eu já falei, mas também do próprio corpo docente. Por exemplo, a Educação Infantil que é o grande forte dessa escola e que sempre faz um trabalho mais visível e mais bonito e tal [...] Houve uma resistência por parte desses docentes tanto da Educação Infantil que sugeriram trocar esse tema, como também dos outros professores que queriam sugerir outros países né? A escola é uma escola bilíngue, então eles achavam que tinha que trabalhar com um país de língua inglesa e não escolher a África... E aí eu vejo essa resistência como um preconceito pra trabalhar com esse tema. Então por que não fazer esse dialogo né? Eu vejo que tem uma cultura muito burguesa engessada. (Professora Renata - 27/05/2015)

Para a professora Flávia, o fator de resistência dos professores é um agravante, uma vez que, diferente das escolas particulares, em sua realidade de escola pública não existem materiais didáticos que forneçam elementos para trabalhar com as Leis, ou se existem os mesmos são de caráter duvidoso, o que torna o trabalho anda mais difícil:

Então... a gente tem outros espaços né? Que são as reuniões pedagógicas, as reuniões de formação. Então nesses espaços, em todo momento que eu posso evidenciar esse assunto eu falo. Então vamos fazer um passeio? Legal. Então vamos fazer um passeio. Aí eu proponho, por exemplo, fazer o roteiro afro dessa cidade [...]. Mas é sempre um conflito né? Por que você vem com essa ideia e outros professores querem fazer um passeio mais batido ou mais tradicional né? Eles propõem ir ao *buffet* ou num *shopping*... Esses lugares onde o capital esta incidindo mais né? E não a cultura do nosso povo. Então eu acho que é sempre um grande esforço de nesses espaços tentar lembrar sobre essa descolonização sabe? Por que você vê muitas praticas se repetindo né? [...]. Eu não sinto uma grande busca por isso. Realmente não vejo. Mas eu vejo uma grande distância... De alguns outros professores, no espaço de formação por exemplo, que eu estou tendo no CEFEM em Sumaré por exemplo eu vejo que só alguns professores estão dispostos a escutar sobre o assunto e se você chegar com algum material, eles estão dispostos a te escutarem. Só que esse material não existe. Este material precisa ser inventado. Pelo menos eu acho que não existe. Na minha escola não tem materiais bons pra trabalhar com essas leis... Até tem umas cartilhas com uns indiozinhos, uma imagem de uma pessoa negra desenhada e tal... Então até tem, mas são uns materiais que não me agradam muito... (Professora Flávia – 23/05/2015)

As professoras concordam que a implementação da Lei é recente e que os espaços de formação de professores, principalmente no âmbito da graduação ainda é incipiente. Para ambas, as discussões sobre esse tema vieram depois que concluíram a graduação. Para Flávia, esse espaço de formação veio com a Comunidade Jongo Dito Ribeiro<sup>45</sup>, onde a mesma trabalha dançando com o grupo de Jongo e também na Comunicação Institucional do projeto, que recebe professores, escolas e demais interessados sobre a cultura-afro campineira. No caso de Renata, foi durante o mestrado na Unicamp com um grupo de pesquisa convidado, durante um evento promovido pela FE / Unicamp de maneira concisa e fragmentada:

Eu não me lembro de ter vivido ou falado sobre essas Leis em algum momento da minha graduação... Se foi falado foi bem assim, superficial... Eu me formei em 2008 né? A Lei estava mais nova ainda... Então realmente não me lembro disso, de ter visto nada dessas Leis. E hoje ao contrário, eu vivo prestando atenção nessas leis né? Com a vivência na Casa de Cultura Fazenda Roseira que trabalha com a cultura afro, acaba que todo dia a gente lembra [...]. Então eu estou vivenciando agora essa lei com uma grande surpresa, com uma grande coisa nova né? E que já era pra eu estar sabendo na minha formação né? Eu saí da minha formação e me deparei com o mundo real... Que mundo real é esse? É esse mundo onde a população é preta né? A população é indígena. Nós somos estrangeiros, certo? Os meus antepassados são os colonizadores, foram os estupradores, violadores, genocidas... Os meus antepassados! Eu me deparo com meus antepassados né? Como a Lilian Pacheco faz aquela pergunta “afinal, quem eram nossos antepassados?” Então eu saio de lá e vejo que os meu antepassados eram essas pessoas né? (risos). (Professora Flávia – 23/05/2015)

Em relação as Leis, por mais que tenha esse tempo todo de vigor dessa implementação não é uma discussão recente acho que nem no espaço da Universidade e nem na escola pública ou nem na escola particular. É uma Lei que existe mas que não é discutida no meu ponto de vista. No meu caso que fiz bacharel e não licenciatura essas questões voltadas pro ensino da arte, pedagógicas e tal não tiveram muito um espaço pra discussão... Acho até que isso foi um aspecto falho na minha formação... Ah não, minto! Lembrei! Eu vi essa discussão quando teve um seminário sobre o ensino da África nas Escolas aqui na FE. Mas não foi na graduação, foi no Mestrado né? E foi um grupo de fora, um grupo militante no vigor dessas leis nas escolas de Campinas que trouxeram essa discussão... Mas eu não tive essa discussão na Universidade durante a graduação e no Mestrado foi desse jeito né? De uma maneira mais fragmentada e que eu nem

---

<sup>45</sup> Explicações sobre a Comunidade Jongo Dito Ribeiro estão melhores detalhadas na pagina 74 desta dissertação, dentro do contexto do projeto “Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô”

lembro muito bem como foi, mas foi nesse âmbito dos grupos de pesquisa que sempre trazem outras discussões e a gente recebe muito convidados aqui... (Professora Renata - 27/05/2015)

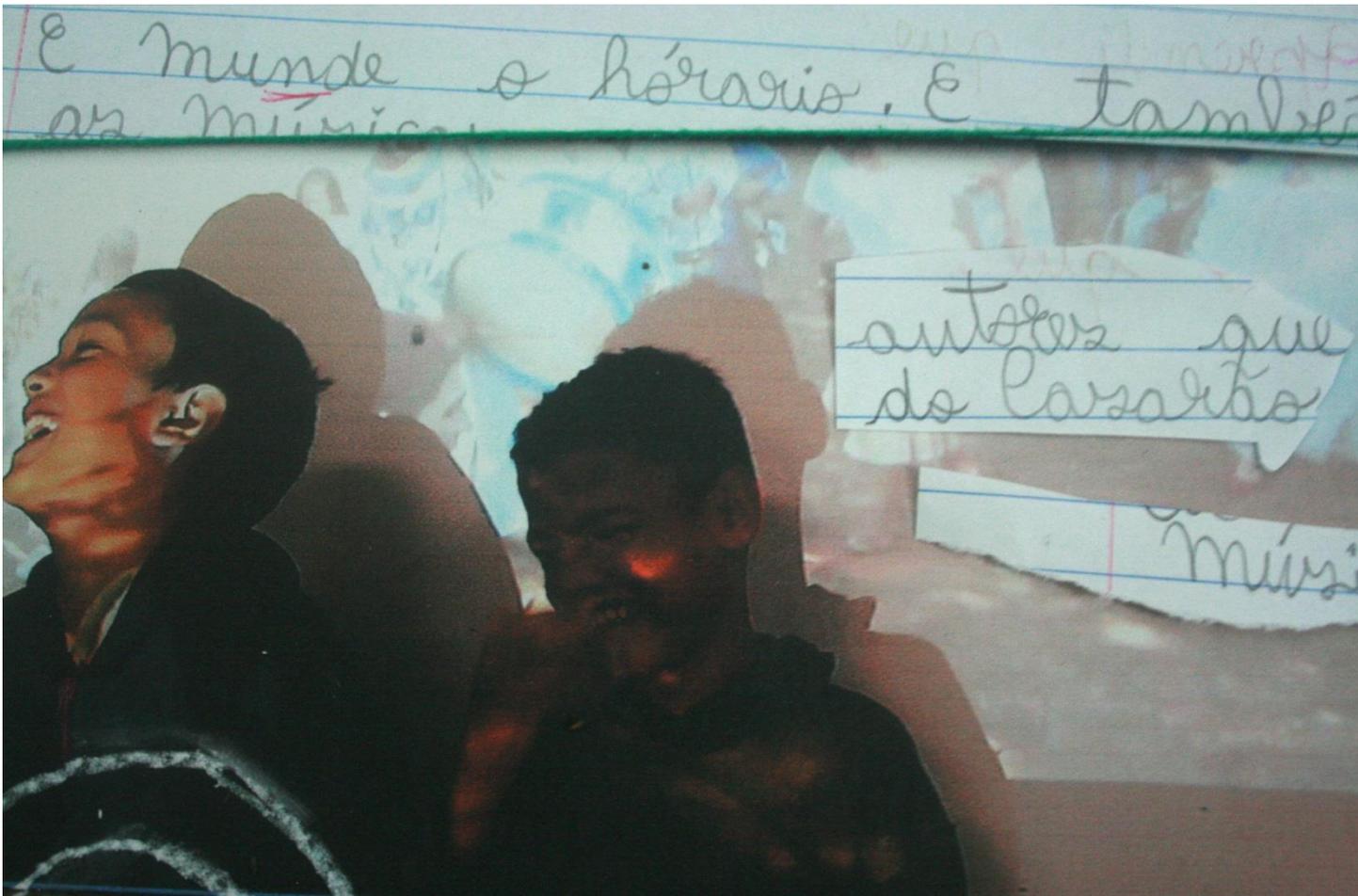
Como podemos observar na entrevistas das professoras, as diferenças de estrutura e recursos entre as escolas públicas e particulares ou a questão da formação dos professores, que em sua maioria nunca tiveram durante sua formação na graduação as disciplinas sobre História da África ou Indígena e ainda o preconceito da comunidade escolar podem ser apontados como os maiores dificultadores para a aplicabilidade da Lei nos espaços escolares. Vanda Machado, uma das referências para a criação da Pedagogia Griô conforme apontado na página 34 desta dissertação, nos diz a este respeito que:

A questão básica é que as leis não mudam nada. Quando alguém me diz que está “trabalhando a lei”, eu já penso que não está, pois não se trata de trabalhar a lei. Trata-se de trabalhar pela formação da pessoa. Dizer que está trabalhando a lei é fácil. Agora, pensar em reconhecer as identidades indígena e negra, buscar nas histórias desses povos o conhecimento para a formação da pessoa, aí é outra coisa. Então, a meu ver, não é a lei que transforma. Tenho que me encontrar com a minha identidade brasileira, com a minha consciência histórica, seja qual for a minha etnia. Isso não é assunto para os negros. Isso é assunto para o povo brasileiro. A idéia não é inaugurar uma outra hierarquia racial. Não se trata de trocar um discurso branco por um discurso negro. Seria uma grande bobagem e não nos levaria a nada diferente do que já está posto. A idéia é que possamos nos formar pessoas solidárias, coletivas e com autonomia. Temos que compreender que a minha etnia é a sua etnia, quando nos entendemos como povo brasileiro. Nós não somos apenas brancos, ou apenas negros, ou somente índios. Somos negros, brancos e índios, ou índios, brancos e negros... Nos livros geralmente está “brancos, negros e índios”, mas seria o contrário, pois os índios foram os primeiros a habitar as terras brasileiras.<sup>46</sup>

Mais do que uma lei obrigatória, essa estratégia propõe ao professor/educador uma ressignificação da maneira de entender o mundo e também de compreender sua própria identidade e participação na escola, para que assim, o tema da oralidade na sala de aula possa deixar de ter uma abordagem conteudista sobre o assunto. É muito comum, por exemplo, que a cultura indígena seja restrita ao conhecimento de algumas brincadeiras ou então que se limitem a estudar o negro no Brasil somente no período

---

<sup>46</sup> Consultado em: [www.ceap.org.br/downloads/pdf/entrevista\\_vanda\\_machado.pdf](http://www.ceap.org.br/downloads/pdf/entrevista_vanda_machado.pdf). Acesso em 20/11/2014



**Imagem 6:** Alunos da EMEF Maria Pavanatti Favaro

*Técnica:* Projeção de imagens no corpo das crianças, colagem e sobreposição de fotos com linhas e textos do alunos.

escravocrata, deixando de lado considerações sobre o estudo da África ou ainda, associarem a cultura africana à religião, o que dentro da escola “dita” laica, segue sendo um grande tabu. A autora Vanda Machado, sobre isso, ainda nos destaca que:

Um grande equívoco, muito presente nas escolas, é o de associar a cultura e história africanas à religião. Quando isso acontece, o diálogo fica emperrado. Também é comum pensar que cultura africana é coisa do demônio. Assim, como ninguém precisa mudar de religião para pensar a cultura negra, o fato de ser negro não quer dizer que precisa ser *pai ou mãe de santo* ou pertencer de algum modo à religião de matriz africana. Se assim fosse, a gente teria perdido sacerdotes cristãos maravilhosos como o Pe. Garpar Sadoc, Dom Giglio, Pe. Clóvis Cabral e também alguns pastores que estão por aí fazendo valer esse sentimento de agregação, de estar junto e ser uma família planetária. O fato é que é difícil pensar a religião como possibilidade agregadora.<sup>47</sup>

É possível afirmar, diante do exposto, que da parte dos alunos e professores lhes faltam consciência histórica do seu próprio processo de identidade. Falta compreender que o Brasil começou antes da chegada de Pedro Álvares Cabral e que discutir dentro do calendário escolar o “Dia do Índio” ou o “Dia da Consciência Negra” de maneira folclorizada e sem estar ancorada a um projeto político e pedagógico transversal, não são suficientes para realizar mudanças significativas na formação desse sujeito crítico e reflexivo, que a escola do século 21 deveria pretender formar. O processo é gradual, contínuo e com muitas dificuldades claro, mas que precisa ser contornado com compromisso e afetividade, conforme nos aponta a professora Flávia Machado:

Não tem um momento específico onde eu digo “agora eu vou trabalhar a Lei”. Não, esse tema esta sempre permeando as minhas aulas sabe? Por exemplo, sempre nas aulas eu levo referencias né? Tem que ter referências negras, indígenas e de outros povos também entende? [...]. Então alguma criança fala “passa o lápis cor de pele” por que eu dou aula de artes né? Então alguma criança fala “passa o lápis cor de pele” e vai alguém e dá um lápis rosinha sabe? Aí eu digo, “pera lá, que pele é essa? Tem outras cores de pele também”. Aí eu mostro as outras possibilidades também. Em cada momento eu acredito que eu posso falar sobre essas leis [...]. Por que você é a professora ali. Você é o exemplo. Você esta sendo alvo de todo amor, atenção e carinho dessa criança sabe? Desculpa, mas as crianças amam os professores sabe? Eles te amam, eles são super carinhosos. Por mais bagunça que eles façam eles amam você. Eles estão confiando em você. Então

---

<sup>47</sup> [www.ceap.org.br/downloads/pdf/entrevista\\_vanda\\_machado.pdf](http://www.ceap.org.br/downloads/pdf/entrevista_vanda_machado.pdf). Acesso em 20/11/2014

você como professor tem a possibilidade de incidir sobre esse assunto e deixar uma outra imagem. (Flávia – 23/05/2015)

### 3.2- Universidade e Extensão: Ação Griô Na Unicamp

*Memórias afloradas, cheiro de terra, tucumã, banho de rio, torrar farinha, mãe d'água, carimbo, curupira, tio-índio, tacacá, açaí, tapioca, mangue, Oxossi, oxum, andiroba, avó curando garganta... Modos de vida; Potencia em vida!*

(Tatiane Pinheiro, Estudante)<sup>48</sup>

Há mais de vinte anos na Bahia surgia a Pedagogia Griô distante dos grandes centros urbanos, das academias, das escolas e da tradição escrita. Na micropolítica da cidade de Lençóis, junto aos sábios e sabias da comunidade, em seus terreiros, quintais, roças, se originou uma prática libertadora, e agregadora, embebida na tradição oral de um povo múltiplo e miscigenado.

Passado o tempo, esta pedagogia ganhou corpo, ganhou tónus, atravessou as fronteiras geográficas, culturais, políticas, científicas e configurou-se em uma proposta inovadora, compartilhada e interdisciplinar. É nesse contexto globalizante, de projeção e disputas de narrativas que a Pedagogia Griô, têm se aproximado da Universidade, o lugar do qual originalmente, ela precisou se afastar para acontecer.

A parceria entre as instituições de ensino superior e a Pedagogia Griô apontam para um reconhecimento tardio dos saberes de tradição oral que agora podem ser reinventados integrando os saberes acadêmicos com os da comunidade. *Hackeando* os espaços das Universidades, recriando uma ação comunitária, pedagógica, científica e cultural, buscando, enfim, integralizar a maneira formal, não formal e informal de ensinar e aprender, criando um novo campo de ação.

---

<sup>48</sup> Registro deixado no Caderno de Memórias, durante as duas edições do projeto Ação Griô na Unicamp. O caderno foi uma tentativa que encontrei de equalizar dois modelos distintos de produção de conhecimento: de um lado a Universidade com seus registros qualitativos, quantitativos, entrevistas, questionários, etc. De outro lado, a tradição oral com seus processos vivenciais, afetivos, dialógicos, pautados no corpo e na memória. O caderno foi um meio termo que encontrei entre esses dois lados. Ele ficou disposto durante todo o projeto, de maneira que as pessoas que se sentissem a vontade, voluntariamente pudessem deixar suas impressões sobre o evento. O resultado final foi um grande mosaico com textos, poesias, e desenhos.

O movimento criado pelos desdobramentos da Ação Griô Nacional possibilitou que os esforços da Pedagogia Griô pudessem iniciar seus primeiros passos em instituições de ensino superior em algumas Universidades brasileiras como, por exemplo, a Universidade de São Paulo (USP)<sup>49</sup> e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)<sup>50</sup>. Inicialmente, a porta de entrada para estas experiências se foi por meio de projetos de extensão que foram e continuam sendo as mais viáveis formas de comunhão entre Universidade e Comunidade. Para o professor da USP Sergio Bairon et al (2015):

O objetivo é que no interior das instituições científicas passemos a contar com a tradição presente no saber do Mestre Griô como interlocutora da produção de conhecimento sobre fenômenos sócio culturais, alcançando e reproduzindo uma prática já indicada por Durand, ao afirmar que o cogito está no interior do ser e não o inverso (DURAND, 1979b). No entanto, o desafio está no fato de encontrarmos um ambiente propício para que estes conhecimentos possam conviver, uma espécie de hipercenografia (PIAULT, 2000), que aja como entorno para o diálogo destas diversidades tradicionais que encontramos tanto nos modos formalização do conhecimento presentes no mundo acadêmico, quanto na organicidade do saber do Mestre Griô cultural. (C. LAZANEO, R. BATISTELLA, S. BAIRON, 2015, p 259)

Neste sentido, como parte do corpus de pesquisa desta dissertação, tentando tematizar a relação entre a Pedagogia Griô e o diálogo com o ensino formal, em especial a Universidade, foi proposto o desenvolvimento dentro do OLHO-

---

<sup>49</sup> A USP realizou em 2012 o curso de extensão na Pedagogia Griô e na Produção Partilhada do Conhecimento da Universidade Griô em parceria com o Diversitas e Cedipp, a coordenação da Rede Ação Griô e a Comissão Nacional dos Griôs e Mestres. O curso contou com os tradicionalistas da capoeira angola e das etnias Karajá, Xavante e Bororo e demais griôs aprendizes. Em 2015 a USP também realizou através do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas a Revista Diversitas com o tema "Dossiê em Pedagogia Griô" reunindo pela primeira vez artigos acadêmicos e científicos de pesquisadores, mestres e griôs aprendizes em uma mesma obra.

<sup>50</sup> A UFRJ lançou em 2012 junto com o Ponto de Cultura Graos de Luz e Griô o Laboratório de Políticas Culturais, uma ação de pesquisa e extensão com gestão compartilhada entre Universidades Públicas e movimentos sociais para elaborar, políticas públicas para a Cultura no Brasil. A primeira ação do projeto teve como objetivo fortalecer a experiência da Rede Ação Griô, no diálogo entre a tradição oral e a educação formal. O evento contou com a presença da Presidente da Frente Parlamentar de Cultura do Congresso Nacional, Jandira Feghali, a Secretária de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura Márcia Rollemberg, mestres e griôs representantes da Comissão Nacional dos Griôs e Mestres de Tradição Oral, o cantor, compositor e Secretário de Cultura da Paraíba- PB Chico César, o rapper GOG (DF) e a cirandeira Lia de Itamaracá (PE).

Laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação, o projeto “Ação Griô na Unicamp” através do FAEPEX - Fundo de Apoio a Projetos de Extensão. Este edital permitiu que realizássemos os eventos científicos-culturais “Ciclos de Vivência e Práticas de Pedagogia Griô” (2014) e “Práticas de Extensão em Pedagogia Griô” (2015) com atividades variadas que contavam com mesas de debates, trilha griô, vivências e oficinas com mestres de tradição oral, estudantes de graduação, alunos do PIBID (Programa interinstitucional de Bolsas de Iniciação a Docência) e estudantes de pós-graduação.

Buscávamos analisar e discutir a tendência da Educação Comunitária no Brasil e América do Sul e com ela a Pedagogia Griô como uma forma de inserir no contexto formal os conhecimentos de tradição oral compostos por saberes africanos e indígenas. Almejávamos também criar outros espaços para a visibilidade e a produção do conhecimento dentro do ensino superior sobre o universo da tradição oral, genericamente marcado por mecanismos e modelos que primam por uma educação eurocêntrica, como é a situação, por exemplo, dos financiamentos institucionais, conforme nos aponta Oriá Fernandes:

As instituições de fomento à pesquisa (CAPES, CNPq, FINEP, FAPESP, entre outras) poderiam incentivar essa formação mediante criação de bolsas de estudos e intercâmbios culturais com centros de pesquisa de países africanos. Ainda hoje, a maior parte dos bolsistas que saem do Brasil para cursar a pós-graduação escolhe os Estados Unidos ou países europeus. Assim, reforça-se uma formação acadêmica de caráter estritamente eurocêntrico. (ORÍÁ, 2005, p 57)

A ideia de uma extensão a serviço de um processo democrático e transformador, que nasce do encontro da Universidade com os saberes que estão fora dela, não somente estão de acordo com os pressupostos da Pedagogia Griô, como também estão ancorados no próprio conceito de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, conforme nos aponta o Plano Nacional de Extensão, elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e pela Secretaria do Ensino Superior do Ministério da Educação e do Desporto:

A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão

um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social.<sup>51</sup>

Ancorados no conceito explicitado acima, entendendo a extensão universitária como um processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa, Universidade e sociedade, convidamos grupos, mestres, estudantes e professores para compor um evento que tencionasse o saber de tradição oral com o saber acadêmico. Este encontro possibilitou que desenhassemos uma programação plural com as seguintes ações:

2014 - Ciclos de Vivência e Práticas de Pedagogia Griô:

- **“Formação em Pedagogia Griô”** Convidados: Lillian Pacheco e Márcio Caíres (Grãos de Luz e Griô - BA)
- **Roda de Conversa 01: “Quando a Universidade reconhece a Comunidade”** Convidados: Susana Dias (Unicamp), Alessandra Ribeiro (Jongo Dito Ribeiro), Célio Turino (Historiador e idealizador dos Pontos de Cultura). Mediação: Lillian Pacheco.
- **Roda de Conversa 02: “Partilhando Processos da Pedagogia Griô”**. Convidados: Mestre Marquinhos (Capoeira e Tiririca-SP), Mestre Alcides (Capoeira CEACA-SP), Lillian Pacheco e Márcio Caíres (Grãos de Luz e Griô-BA). Mediação: Henrique Dutra.
- **“Vivência da Pedagogia Griô com Cantigas, Danças e Contação de Histórias”** na EMEF Maria Pavanatti Favaro. Convidados: Grupos de Tradição Oral da cidade.
- **“Trilha Griô nas Terras do Boi Falô”** – Percurso Cultural pelo imaginário da lenda do Boi Falô em Campinas por meio de visitas históricas, cantigas, danças e símbolos.

2015 – Práticas de Extensão em Pedagogia Griô:

- **Pedagogia Griô em oficina de saberes e fazeres – Pedagogia Griô e Teatro Popular** com Ponto de Cultura Nina (Campinas-SP)
- **Pedagogia Griô em oficina de saberes e fazeres – Oficina de Brinquedos** com Cristiane Amador (Educadora Popular e Griô-Aprendiz – PE)

<sup>51</sup> FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão e a Flexibilização Curricular: Uma visão da Extensão. Porto Alegre, UFRGS, Brasília, Mec/Sesu, 2006. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-ExtensaoUniversitaria/04-Indissociabilidade-Ensino-Pesquisa-Extensao/Indissociabilidadee-Flexibilizacao.pdf>. Acesso em 01/06/2015.

- **“Vivência de Modelo de Ação Pedagógica”** Convidada: *Lilian Pacheco (Graos de Luz e Griô – BA)*
- **Mesa Dialógica de Metodologia em Pedagogia Griô.** Convidados: *Lilian Pacheco (Grãos de Luz e Griô-BA), Sergio Bairon (Universidade de São Paulo – USP), Mestre Marcos Simplicio (Capoeira Menino Crispim Levado- SP)*
- **“Trilha Griô nas Terras do Boi Falô”** – *Percurso Cultural pelo imaginário da lenda do Boi Falô em Campinas por meio de visitas históricas, cantigas, danças e símbolos.*
- **Encontros Dialógicos de Práticas da Pedagogia Griô.** Convidado: *Márcio Caíres (Graos de Luz e Griô – BA)*
- **“Vivência e Análise do Jogo de Trilha Griô e Dramatização dos Níveis de Consciência”** com *Lilian Pacheco e Márcio Caíres (Graos de Luz e Griô – BA)*
- **Análise da curva da vivência e despedida com Ritual de Vínculo e Aprendizagem** com *Lilian Pacheco e Márcio Caíres (Graos de Luz e Griô – BA)*

A palavra “extensão” remete a ideia das cirandas entoadas em nossas práticas pedagógicas. Estendemos as mãos que se fortalecem no encontro de um com o outro, realizando uma ponte entre os saberes da instituição e da comunidade, acordando para um processo educativo gradual, que reconhece as possibilidades de aprender e ensinar, ser e estar, ouvir e escutar.

[...] foi uma grande descoberta por que sou formada em jornalismo, tinha entrado no mestrado em antropologia e tinha saído... Eu já tinha descoberto que pra mim academia não dava certo... Eu queria uma formação que pudesse ser prática e reflexiva. Ai a Pedagogia Griô fez esse encontro [...] Num primeiro momento o que mais me pautou a concepção do meu trabalho de coletas de contos populares foi a possibilidade de inserção na Educação Formal, fazer parcerias aí que é um dos princípios da pedagogia griô. (Cristiane Amador - entrevista em 20/10/2014)

Já conhecia a Pedagogia Griô de outros encontros, no Rio, São Paulo e Lençóis (BA) e a cada nova experiência não existe uma repetição, mas sim, renovação, como mais uma volta de uma espiral. Esta perspectiva trata de coisas que busco e que sonho muito para a universidade. Sabemos que o ensino formal – universidade inclusive – esta distante da vida, do ser, e foi assim que se constituiu, negando o corpo, a natureza, a comunhão do grupo. No entanto, isso não quer dizer que a gente não possa aos poucos se “infiltrar” com outra atitude,

pois o ensino formal carece desse movimento, isso faz parte do nosso sonhos.<sup>52</sup> (Marta Peres, Professora UFRJ)

Os trechos acima, oriundos da professora Marta e da Educadora Popular Cristiane, nos permite identificar o quanto a interlocução Universidade e Comunidade é uma latente preocupação que influencia o potencial transformador da Pedagogia Griô ou dos pares (grupos de pesquisa, escola, mestres e mestras) que realizaram este evento. O desejo, o “sonho” como bem se refere a professora, faz parte de um projeto de “se infiltrar” nos espaços, disputando outros conceitos, maneiras e formatos de se pensar e produzir conhecimento não só dentro da Universidade, mas dentro de si próprio, como nos diz outro participante:

Não conhecia a Pedagogia Griô [...] A vivência pela manhã foi bastante deflagradora para reflexões profundas sobre “quem sou eu?” É bastante satisfatório fazer parte de um coletivo onde a linguagem surge de um lugar onde o meu EU se inclui.<sup>53</sup> (Helenice – Professora da rede estadual de ensino)

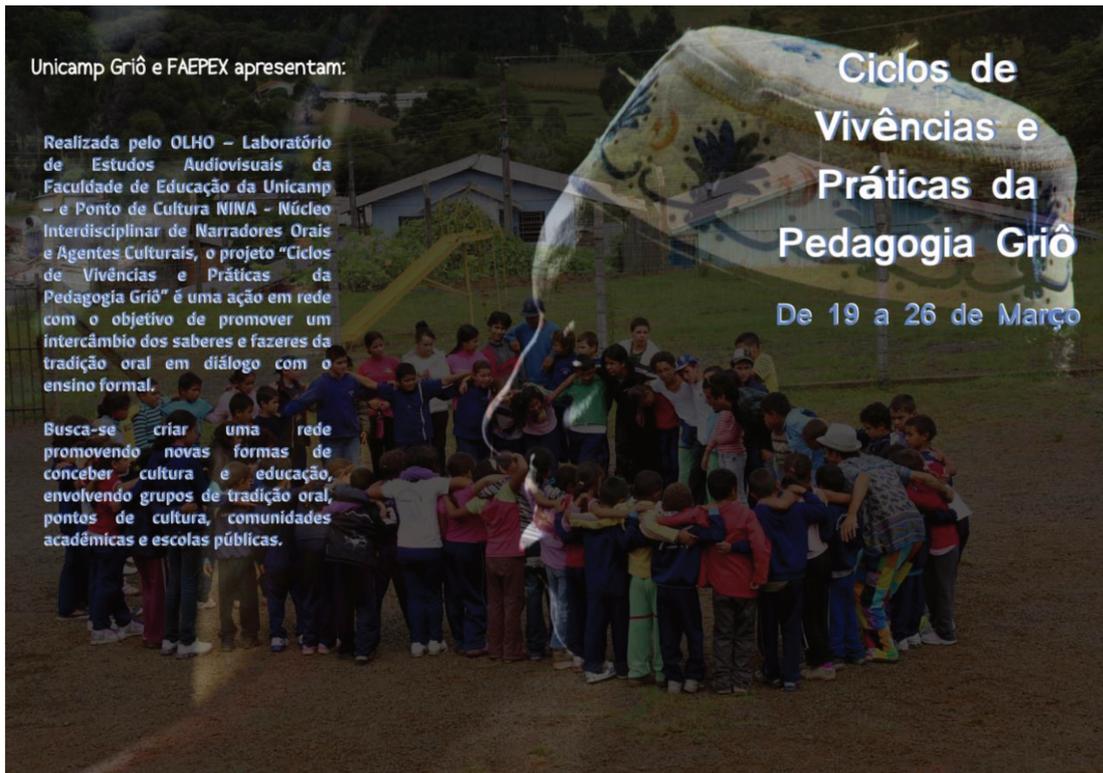
Inclusão também é a palavra chave que designa o projeto Ação Griô na Universidade, bem como os projetos de extensão que em geral propõem outras formas de democratizar o conhecimento. Preocupamo-nos em não somente abarcar os estudantes da Unicamp, mas também pessoas de outros contextos, afastadas das Universidades, (não privilegiadas devido a acirrada e controversa competição do vestibular), ou ainda os grupos das comunidades de tradição oral que tem uma incidência fora do espaço formal. A estratégia encontrada para tal realização se deu principalmente no convite a Escola Maria Pavanatti Favaro e o Ponto de Cultura Nina para construírem juntos o projeto.

Desse modo, o conhecimento não se traduziu como privilégio aos “inseridos” mas abriu as portas para o que estão “de fora”, fazendo uma integração verdadeira. Além disso, inclusão no sentido de construir e partilhar junto, convocando os mestres e mestras para comungar de um outro lugar na construção do conhecimento através da produção partilhada, conforme nos aponta

---

<sup>52</sup> Caderno de Memórias.

<sup>53</sup> Caderno de Memórias.



Unicamp Griô e FAEPEX apresentam:

Realizada pelo OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação da Unicamp – e Ponto de Cultura NINA - Núcleo Interdisciplinar de Narradores Orais e Agentes Culturais, o projeto “Ciclos de Vivências e Práticas da Pedagogia Griô” é uma ação em rede com o objetivo de promover um intercâmbio dos saberes e fazeres da tradição oral em diálogo com o ensino formal.

Busca-se criar uma rede promovendo novas formas de conceber cultura e educação, envolvendo grupos de tradição oral, pontos de cultura, comunidades acadêmicas e escolas públicas.

## Ciclos de Vivências e Práticas da Pedagogia Griô

De 19 a 26 de Março

## Programação: Unicamp Griô

### Evento Gratuito

<p><b>19/03 - quarta - das 09h às 13h</b></p> <p><b>“Formação em Pedagogia Griô”</b> com Lilian Pacheco e Marcio Caires (BA) Local: Casa do Lago – Unicamp</p> <p><b>20/03- quinta - das 09h às 12h</b></p> <p><b>Roda de Conversas 01: “Quando a Universidade reconhece a Comunidade”</b> Corpo Docente: - Susana Oliveira Dias (Unicamp) - Alessandra Ribeiro (Jongo Dito Ribeiro) - Célio Turino (Historiador e idealizador dos Pontos de Cultura) Mediação: Marcelo das Histórias. Local: Casa do Lago – Unicamp</p> <p><b>Roda de Conversas 02: “Partilhando Processos da Pedagogia Griô”</b> Corpo Docente: - Mestre Marquinhos (Capoeira e Tiririca) - Mestre Alcides (Capoeira CEACA) - Lilian Pacheco (Grãos de Luz e Griô) - Marcio Caires (Grãos de Luz e Griô) Mediação: Henrique Dutra Local: Casa do Lago – Unicamp</p>	<p><b>20/03 - quinta - das 19h às 22h</b></p> <p><b>Abertura da Exposição Fotográfica “Jongo no Sudeste”</b> por Reinaldo Meneguim (IPHAN SP) Local: Estação Cultura de Campinas</p> <p><b>21/03 - sexta - das 09h às 16h</b></p> <p><b>“Vivência da Pedagogia Griô com Cantigas, Danças e Contação de Histórias”</b> Local: EMEF Maria Pavanatti Favaro. Av: José Oliveira Carneiro - Jd São Cristovão Campinas-SP</p> <p><b>27/03- quinta - das 08h às 12h</b></p> <p><b>“Trilha Griô nas Terras do Boi Falô”:</b> -Percurso Cultural pelo imaginário da lenda do Boi Falô em Campinas-SP, por meio de visitas históricas, cantigas, danças, símbolos da tradição oral e da cultura negra da Local: -Ônibus 1: saindo em frente a Faculdade de Educação da Unicamp. -Ônibus 2: saindo em frente a EMEF Maria Pavanatti Favaro</p>	<p><b>Envolvidos no Processo</b></p> <p><b>Realização:</b> OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação da Unicamp; e Ponto de Cultura NINA - Núcleo Interdisciplinar de Narradores Orais e Agentes Culturais.</p> <p><b>Supervisão Geral:</b> Rogério Moura</p> <p><b>Direção de Produção:</b> Henrique Dutra e Maria Cecília Campos</p> <p><b>Ass. De Produção:</b> Fernanda Lemos, Dolores Assaritti, Larissa Segatto e Ana Paula Piunti</p> <p><b>Assessoria Pedagógica:</b> Lilian Pacheco</p> <p><b>Articulador da Ação Griô Nacional:</b> Marcelo das Histórias</p> <p><b>Griôs Aprendizizes Escola:</b> Maria Clara Teixeira,, Flávia Machado, Iara Lage</p> <p><b>Griôs Aprendizizes Trilha:</b> Everaldo Candido, Henrique Dutra, Lis Nasser</p> <p><b>Mestres Griôs:</b> Mestre Marquinhos, Mestra Maria Alice, Mestre Alcides</p> <p><b>Equipe de Mídia:</b> Felipe Garcia, Neander Heringer e Everaldo Cândido</p> <p><b>Patrocínio:</b> FAEPEX-Unicamp</p>
---	---	---

Realização:        

Quadro 03 – Arte e Programação Faepex- Unicamp 2014

# Práticas de Extensão em Pedagogia Griô

**FACILITADORES**

**Lillian Pacheco:** Educadora, escritora e criadora da Pedagogia Griô; Idealizadora e coordenadora dos projetos Grãos de Luz e Griô, Ação Griô Nacional, Trilha Griô, Curso de Pós Graduação na Pedagogia Griô – USP, Universidade Griô, Prêmio Griô na Escola, na Internet e na TV; autora de diversos livros e artigos sobre a Pedagogia Griô.

**Márcio Caires:** Educador, pós-graduado em antropologia, co-criador da Pedagogia Griô. Griô iniciado nas tradições griô no oeste da África, e nas tradições orais de raízes afro-indígenas do Brasil; Coordenador dos projetos Grãos de Luz e Griô, Ação Griô Nacional, Trilha Griô e Universidade Griô.

**Sergio Bairon:** Livre Docente pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, onde exerce atividades docentes e de pesquisa na temática do Audiovisual, da Hipermídia e da Produção Partilhada do Conhecimento. Possui doutorado em Ciências pela F.F.L.C.H. da Universidade de São Paulo e pós-doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC SP e em Comunicação e Humanidades pela Freie Universität Berlin, Alemanha.

**23 a 28 de maio**

Inscrições: <https://www.fe.unicamp.br/dform/gera.php?form=griô>  
 Contato: (19) 99192 0028  
 Local: Faculdade de Educação da Unicamp

## PROGRAMAÇÃO

**23/05 (sábado)**  
 14 às 17h – Estação Cultura - Centro de Campinas  
 Pedagogia Griô em oficina de saberes e fazeres – Pedagogia Griô e Teatro Popular (Ponto de Cultura Nina- Campinas)

**25/05 (segunda)**  
 8 às 17h – Faculdade de Educação - Sala do NAE  
 Pedagogia Griô em oficina de saberes e fazeres – Oficina de Construção de Brinquedos com Tubos de Papelão com Cristiane Amador (Educadora Popular e Griô-Aprendiz – PE)

14 às 17h – Faculdade de Educação - Sala ED 03  
 Pedagogia Griô em oficina de saberes e fazeres – Pedagogia Griô e Teatro Popular (Ponto de Cultura Nina - Campinas)

**26/05 (terça)**  
 9 às 12h – Faculdade de Educação - Sala de Conferência  
 Vivência de Modelo de Ação Pedagógica com Lillian Pacheco (Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô - BA)

14 às 17h – Faculdade de Educação - Sala de Conferência  
 Mesa Dialógica de Metodologia em Pedagogia Griô. Com Lillian Pacheco (Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô – BA), Sergio Bairon (Universidade de São Paulo – USP), Mestre Marcos Simplicio (Grupo de Capoeira Crispim Menino Levado- Campinas) e Marcelo das Historias (Ponto de Cultura Nina - Campinas)

**27/05 (quarta)**  
 8 às 11:30h – Diversos espaços da cidade\*  
 Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô: Percurso pedagógico e cultural sobre a história da identidade negra de Campinas com alunos da EMEF Maria Pavanatti, comunidade acadêmica e grupos de tradição oral da cidade de Campinas.  
 \*Um ônibus saíra as 7:15h em frente a Faculdade de Educação da Unicamp.

14 às 17h – Faculdade de Educação - Sala do NAE  
 Encontros Dialógicos de Práticas da Pedagogia Griô

**28/05 (quinta)**  
 8 às 12h – Sala do NAE  
 Vivência e Análise do Jogo de Trilha Griô; e Dramatização dos Níveis de Consciência com Lillian Pacheco e Márcio Caires (Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô – BA)

14 às 17h – Sala do NAE  
 Vídeo Aulas com Aulas Espetáculos; O lugar do Griô Aprendiz; Os saberes e fazeres da comunidade; A identidade e a ancestralidade; Análise da curva da vivência e despedida com Ritual de Vínculo e Aprendizagem com Márcio Caires (Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô – BA)

Coordenação e Produção: OLHO-UNICAMP, Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, Ponto de Cultura Nina, Capoeira Crispim Menino Levado, Jongo Dito Ribeiro, Escola Viva Olho do Tempo e EMEF Maria Pavanatti Favaro. Supervisão Geral: Rogerio Moura. Mestrando: Henrique Dutra. Assessoria Pedagógica: Lillian Pacheco. Patrocínio: Faepex-UNICAMP.

Quadro 04 – Arte e Programação Faepex- Unicamp 2015

BAIRON (2015). Por meio do projeto de extensão, a Universidade pode levar à comunidade os conhecimentos de que é detentora e abrir-se também para receber os saberes do seu entorno, articulando o conhecimento científico com o conhecimento popular, numa troca em que ambos são autores, rediscutindo essa ideia do lugar do pesquisador que “detém o saber” e do grupo de tradição oral que se configura apenas no “objeto de estudo”:

O sujeito conceitual, em uma proposição da *produção partilhada*, configura-se, ao mesmo tempo, como *objeto* e *sujeito* da *pesquisa-diálogo*. Nestas tramas conceituais, o lugar acadêmico institucional, visto como “origem” de um saber hegemônico, é posto como *objeto de partilha* horizontalmente em relação aos saberes do Mestre Griô, sugerindo, deste modo, possibilidades de trocas estético-conceituais com comunidades nas quais as formas da produção do conhecimento realmente acontecem. Ocorre disto a reconfiguração do sujeito pesquisador, para a função de interlocutor — também *objeto* da *comunidade-sujeito* — a exercer a mediação e o alicerce comunicativo na produção do conhecimento. (C. LAZANEO, R. BATISTELLA, S. BAIRON, 2015, p 256)

Ressalto ainda que esse compartilhamento entre a academia e a sociedade apontam para reflexos positivos na formação dos estudantes do ensino superior e possibilita o reconhecimento e a possibilidade do desenvolvimento do saber popular e científico. Na prática, o conhecimento trabalhado na Extensão deve articular conteúdos que prepararam o indivíduo tanto no nível profissional, quanto no nível social, em uma relação dupla, por meio do qual os conhecimentos produzidos e trabalhados na Universidade afetem e dialoguem com as experiências e modos de vida das pessoas, assim como, por outro lado, os “conhecimentos populares” afetem e contribuem para o desenvolvimento do “conhecimento científico”.

Nesse sentido, o projeto Ação Griô na Unicamp também se configurou como uma forma de trazer elementos para o desenvolvimento das leis 10.639/03 e 11.645/08, respectivamente as Leis que obrigam o ensino afro e indígena, o que dentro da Universidade ainda é uma lacuna.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Durante os dois anos e meio em que estive na Unicamp fazendo a pesquisa de mestrado conheci poucas propostas que abordavam esse tema. Dentre eles, destaco o projeto Fabulografias, coordenado pela professora Alik Wunder. Realizado também em caráter de extensão, o grupo se dedica ao estudo sobre o tema das africanidades a partir da leitura de obras de poetas afro-brasileiros e africanos, exercícios de fotografia, criação de textos poéticos, oficinas de criação de cartões postais, exposições e saraus culturais. Outra medida que cabe dizer aqui é a recente entrada do livro *Terra Sonâmbula* do escritor moçambicano Mia Couto, nas leituras obrigatórias para o vestibular. Ainda assim, tais medidas se

Apesar de sua importância, de forma geral, as práticas institucionais que entrelaçam educação e cultura através do fazer extensionista estão longe de ser uma realidade concreta nas Universidades paulistas. Especificamente dentro do projeto Ação Griô na Unicamp muitos problemas nas duas edições se deram em parte, ao fato de haver recursos financeiros e a falta de integração entre os diversos projetos e ou grupos de pesquisas. É evidente a necessidade de buscar uma nova forma de desenvolver projetos de extensão. Além da relação de cooperação entre universidade e sociedade, as atividades extensionistas devem atender às demandas do processo de ensino-aprendizagem postos pela sociedade e pela escola pública.

A maior interação entre discentes e docentes e, um maior apoio por parte das instituições de ensino são ações importantes a serem implementadas em busca desta nova maneira de ver a extensão.

### **3.1- Escola e Cultura de Tradição Oral: Projeto Trilha Griô**

Apresento agora uma análise do projeto denominado “Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô”, experiência do qual participei na qualidade de griô-aprendiz e organizador que aliou extensão universitária, grupos de tradição oral pontos de cultura e a Escola Municipal de Educação Fundamental Maria Pavanatti Faváro<sup>55</sup> para criar novas maneiras de incidir sobre o tema da oralidade no ensino formal.

Concebida sob a forma de um espetáculo a céu aberto, a Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô configura-se como um percurso de educação e turismo cultural de base comunitária que tem duração aproximada de 07 horas. Passando por patrimônios materiais e imateriais da cidade de Campinas, tendo como tema gerador a principal história do município, que é a História do Boi Falô e utilizando como metodologia a Pedagogia Griô. O roteiro passa por duas fazendas históricas da cidade de Campinas, a fazenda Santa Genebra, apontada pela memória oral como o lugar onde o Boi Falô e a Fazenda Roseira, um quilombo urbano cuidado pelo Ponto de Cultura Jongo Dito Ribeiro. Além desses locais, também são visitados o marco onde o Boi Falô, em Barão

---

concentram somente nos aspectos afro-brasileiros e africanos, a temática indígena segue ainda bastante incipiente.

<sup>55</sup> A Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Pavanatti Favaro fica localizada no Bairro Jardim São Cristóvão em Campinas. A escola é parceira do Ponto de Cultura NINA desde 2010, ano em que a professora, atriz e aprendiz-griô Cintia Birochi assumiu as aulas de artes.

Geraldo e o Cemitério da Saudade, onde está enterrado o escravizado Toninho, que escutou o boi falar.<sup>56</sup> Toninho foi o primeiro negro a ser enterrado ao lado do seu escravocrata, o Barão Geraldo de Resende no setor onde estão todos mausoléus dos Barões de Café de Campinas.

A trilha foi idealizada pelo Ponto de Cultura NINA Griô, Mestres, Griôs-Aprendizes e demais grupos de tradição oral da cidade: Urucungos, Puítas e Quijengues, Capoeira de Angola Menino Crispim Levado e Ponto de Cultura Jongo Dito do Ribeiro. Apesar das inúmeras dificuldades que um projeto como esse enfrenta, principalmente a escassez de recursos financeiros e a dificuldade de conciliar as agendas de todos os profissionais envolvidos para os ensaios, a trilha foi realizada em 4 momentos, desde sua concepção e produção:

- Em outubro de 2012, atendendo um grupo composto só por alunos e outro grupo só de professores, com recurso financeiro do prêmio cultural do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID,
- Em março de 2014, com recurso do Fundo de Apoio a Pesquisa, Ensino e Extensão (FAEPEX) da Unicamp, durante o evento *Ação Griô na Unicamp - Ciclo de Vivências e Práticas da Pedagogia Griô*
- Em novembro de 2014, com recursos do governo federal, por meio do edital *Mais Cultura Nas Escolas*.
- Em maio de 2015 com recurso do Fundo de Apoio a Pesquisa, Ensino e Extensão (FAEPEX) da Unicamp, durante o evento *Ação Griô na Unicamp - Práticas de Extensão em Pedagogia Griô*.

Sempre atendendo alunos e professores da EMEF Maria Pavanatti Favaro, a premissa básica da trilha era propor uma outra relação entre sujeito e objeto cultural, diferente do modelo da educação vigente na qual “mente e corpo foram separados no processo de ensino e aprendizagem” (MOURA, 2010), colocando razão e sentimento em lados opostos e fracionando os saberes na escola e relegando algumas matérias como sendo de “mais importância” e de “menos importância”. A Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô envolve esses saberes e fazeres a partir de uma

---

<sup>56</sup> Segundo o mito, o boi teria dito ao escravizado que “aquela dia era sexta-feira santa, portanto, não era dia de trabalhar”

proposta criada de forma coletiva e interativa, baseada na arte de narrar e trocar experiências de seus protagonistas, utilizando-se de elementos da Pedagogia Griô que trabalham conjuntamente as emoções (por meio dos mitos e lendas), a música (por meio das cantigas e jogos) e o corpo (por meio das danças tradicionais).

Essa ação (o intercâmbio de experiências, mediado pela música e pelo movimento físico), muito presente nas sociedades primitivas, mas esquecidas na sociedade contemporânea devido às novas formas de produção e consumo que a legitimam, foram bem explicitadas por Benjamin (1994). Sobre a perda da experiência, o autor nos diz que:

[...] as experiências estão deixando de ser comunicáveis [...]. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção [...]. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que esta desaparecendo, tem se desenvolvido concomitante com toda uma evolução secular das forças produtivas. (BENJAMIN, 1994, p. 201)

É sobre essa égide da ação e da experiência voltada para a tradição oral, que todo o roteiro artístico se desenvolve em distintos lugares. O público não assiste à trilha, ele a complementa de maneira ativa, por meio de vivências corporais, danças, músicas e contações de histórias, protagonizadas pelos Mestres e Griôs-Aprendizes.

Conforme contam os Mestres e Mestras Griôs da cidade, Campinas foi o último município do Brasil a abolir a escravidão. A memória desse período pode ser encontrada materializada em monumentos em praças e nomes de ruas que homenageiam personalidades ou datas importantes dessa época (como a estátua da Mãe Preta no Largo São Benedito, por exemplo), mas também encontra ressonância nas muitas histórias transmitidas oralmente pelos descendentes dos escravizados, que narram as crueldades<sup>57</sup> dos barões dessa cidade, que também já foi conhecida pelo nome de “bastilha negra”. Paulo Freire, umas das principais influências teóricas e práticas da Pedagogia Griô, sobre a importância de conhecer o passado para a construção do futuro, nos lembra que:

---

<sup>57</sup> Entre as crueldades narradas, uma delas remete ao corte do tendão do tornozelo, impedindo a corrida, porém permitindo ainda o caminhar.

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para sabermos o que seremos. (FREIRE, 1985, p. 33)

A história do boi falô é uma dessas histórias que atravessam o tempo sendo contadas pelos filhos e netos dos campineiros que vivenciaram a dura experiência da escravidão. Embora existam diversas variações da mesma história, característica típica dos contos de tradição oral, onde cada pessoa que reconta imprime na sua narrativa “a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIM, 1994, p. 205), a história do boi falô conta as artimanhas do escravizado Toninho, que para não trabalhar no dia santo, informa ao seu senhor que o boi havia falado. Quem conta essa história e abre o ritual do percurso encantado da Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô, são os Griôs-Aprendizes do Ponto de Cultura NINA sobre a batuta do Mestre Griô Marcos Simplício, ou Mestre Marquinhos<sup>58</sup>, como é mais conhecido nas rodas de capoeira.

No parágrafo seguinte, transcrevo o áudio da versão do Mestre, repetida a exaustão em nossos ensaios e por fim, nos dias das apresentações:

Conta-se que em 1888, numa sexta feira santa na Fazenda Santa Genebra, o Barão Geraldo de Rezende ordenou ao seu escravo Toninho que preparasse o boi para arar a terra. O cativo, muito religioso, se mostra relutante, explicando que sexta-feira santa não era dia de trabalhar. Com a insistência do Barão, e com medo de sofrer os castigos que eram impostos aos escravos, Toninho muito a contragosto vai preparar o boi para seu ofício. Ocorre, no entanto, para o espanto do negro que o boi reclama e diz que ‘aquele não era dia de trabalho’. O escravo Toninho sai correndo pelos campos da fazenda gritando: ‘O boi Falô! O boi Falô!’

A principio, o Barão não acredita no que o escravo fala: ‘Negro mentiroso, não quer saber de nada mesmo!’, e ordena que busquem o boi para comprovar essa história. O animal nada diz e Toninho é obrigado a trabalhar. Acontece porém, que o Barão adocece e vira ‘um corpo seco’. Amaldiçoado pelo que fez, sua única chance de sobreviver é ir até Aparecida do Norte, pagar promessa por ter feita judiação no dia de sexta-feira santa.

---

<sup>58</sup> Marcos Alberto Simplício, mais conhecido como Mestre Marquinhos é Mestre de Capoeira de Angola. É fundador do grupo “Capoeira Angola Crispim Menino Levado”.

Além do Mestre Marquinhos, muitos outros Griôs e Mestres contam essa história. Ela já foi tema de trabalhos escolares, enredos de escola de samba, poesias e festivais da cidade de Campinas, em especial no distrito de Barão Geraldo, onde todo ano, no dia da sexta feira santa, ocorre a Festa do Boi Falô. A escolha do Mestre para protagonizar essa história no início da trilha foi decidida de forma coletiva, pois, além do seu envolvimento com o Ponto de Cultura NINA Griô e com a Ação Griô Nacional, Mestre Marquinhos escutou essa história do seu pai, que escutou do seu avô, que escutou do seu bisavô, que foi escravizado. Ao contar a história, o Mestre não simplesmente “despeja uma narrativa”, mas ele revisita lugares, passeia pelos terrenos de sua memória íntima e divide com o público dezenas de anos de uma tradição que passa de pessoa a pessoa (de pai para filho) sendo essa, “a fonte da qual todos os narradores recorrem” (BENJAMIM, 1994, p. 198).

Corpo, gesto e voz são acrescentados a essa narrativa. Os Griôs-Aprendizes criam as imagens e sublinham os textos importantes, agindo como um coro contemporâneo, intermediando, facilitando e criando abertura para as narrativas dos mestres e grupos de tradição oral. A barulheira das crianças empolgadas no ônibus e na entrada da fazenda já não pertence mais a esse lugar. Inicia-se o ritual da contação de histórias, tão urgente na sociedade midiaticizada dos tempos modernos. Ingrid Koudela, ao analisar o trabalho de Alessandra A. Faria<sup>59</sup> sobre a criança, a contação de histórias e o jogo teatral, nos lembra que essas são “umas das raras oportunidades para se ter uma relação com a criança sem a mediação de uma tela...tv...computador...isto é vida, aqui e agora!”

Na sequência, abre-se a roda. Tambores, surdos, xequerês e cantoria adentram pelo espaço. É o grupo Urucungus, Puítas e Quijengues<sup>60</sup> que convida os participantes para uma apresentação de umbigada e samba de bumbo, atividades artísticas que eram praticadas pelos escravizados na época retratada pela trilha, mas

---

<sup>59</sup> “FARIA, Alessandra Ancona de. Contar Histórias Com Jogo Teatral. São Paulo. Perspectiva 2011. p. 13

<sup>60</sup> Fundado em 1988, o grupo de teatro e música Urucungus, Puítas e Quijengues tem como missão preservar e divulgar a cultura de tradição oral brasileira. Uma das características principais do grupo é fazer com que o público participe das suas performances, criando um ambiente de integração coletiva.

que carregam consigo um ato político, pois era durante os rituais corporais de aproximação que os escravizados conseguiam se reunir e debater questões importantes de forma velada aos olhos dos barões. Essa ação de “mascarar” a verdade para manter viva a sua ideologia foi um recurso muito utilizado pelos escravizados em busca de sua liberdade e na construção de uma identidade em meio à uma repressão muito forte.

Paulo Freire dizia que a consciência do oprimido encontra-se imersa no mundo preparado pelo opressor, dividindo-se em duas: de um lado, a aceitação dos valores e ideologias do dominador, de outro lado, o desejo e a necessidade de libertar-se. A relação entre liberdade e comunidade aparece para o autor da seguinte maneira:

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão. (FREIRE, 1987, p. 27)

O grupo formado por moças, rapazes, grãos, mestras e mestres contam histórias, abre uma roda de conversa e ao final, faz um jogo teatralizado, permeado por cantigas populares. Embalados pelo batuque potente dos instrumentos, os participantes avançam e recuam criando um jogo de pergunta e resposta, que acontece várias vezes:

*Eram 25 corvos que veio comer um carneiro  
Cada um comeu o pedaço, levantou o carneiro inteiro*

Um dos integrantes do grupo, Mestre Alceu se adianta e conta:

A terra só ficou entre eles (os filhos do Barão), a terra não foi distribuída pra ninguém, pro escravo mais querido, pro Toninho... Então isso daí a gente chama de latifúndio. Que nome mais esquisito né? Parece nome de remédio (as crianças riem). Como é que chama? Então essa música falava disso, do Barão que deixou toda a sua terra pros 25 filhos dele. Eles tinham que cantar de uma forma poética, que não desse na cara...<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Registro de vídeo captado pelo vídeo-maker do Ponto de Cultura Nina-Griô, Neander Heringer no dia 07/11/2012.

Todos são convidados a jogar: professores, alunos e gestores do projeto que acompanham o desenvolvimento da trilha que transforma-se em um espaço para criação e interação entre os participantes, além de já o ser também para os Mestres e Griôs-Aprendizes integrantes.

O público deixa a Fazenda Santa Genebra em direção à próxima parada da trilha. Os contadores de histórias, griôs aprendizes e atores-jogadores lhes encaminham para o ônibus sempre dentro dessa esfera “encantada”. Sabemos todos, obviamente, que tudo não passa de uma encenação. Não somos baroneses, escravizados ou qualquer uma destas figuras desse universo, mas o que é a arte, se não isso? Encantamento... A experiência estética da trilha propõe um constante jogo de, por meio da arte, esquecermo-nos de nós mesmos, fazermos um parênteses em nossas vidas cotidianas e nos entregarmos, por algumas horas que sejam, a um novo universo, “a uma suspensão da realidade” (JUNIOR, 2011, p. 59).

O grupo chega a uma pequena praça no distrito de Barão Geraldo. Lá está localizado o “Marco do Boi Falô”, onde, dizem, teria de fato se passado o diálogo do boi com o escravizado Toninho. É importante salientar que a praça e o marco são insignificantes perto do cenário que compõe a geografia desse espaço no raio de alguns metros. Tangendo a praça, é possível encontrar uma grande rede de supermercados à frente, postos de combustível, um em cada lado, e uma enorme loja de dois andares destinada à venda de brinquedos infantis. Então surge a questão: quem vê o marco? Em meio a luzes, *outdoors* e propagandas, o marco do boi falô, patrimônio material e imaterial da cidade, padece. Não há espaço para a ancestralidade do povo campineiro. Seu valor simbólico é sufocado pelos meios de produção dominantes e pela hegemonia do poder e da sociedade de consumo.

No marco, está Tia Nice<sup>62</sup> com uma barraca de acarajé. Ela recebe o grupo, conversa, conta histórias, serve mini acarajés, sorri. A sua versão da história do boi difere um pouco da versão do Mestre Marquinhos (questão típica das histórias de

---

<sup>62</sup> Tia Nice do Acarajé é muito conhecida em Campinas. Ela tem uma barraca de acarajé na feira mais tradicional da cidade, a feira de artesanatos, também conhecida como “Feira Hippie”. Essa feira se iniciou entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 em torno da barraca de acarajé de Tia Nice e os hippies que por ali também expunham. Hoje, a feira tem um caráter mais diversificado, porém a Tia Nice ainda tem sua barraca e os hippies ainda contam com um espaço para expor seus produtos à venda. O ponto de acarajé da Tia Nice figura entre as poucas barracas de tradição popular que ainda sobrevivem. Somam-se a elas barracas de brinquedos populares de madeira, comidas típicas, bijouterias, roupas, bordados e rendas.

tradição oral, como já mencionado antes). “Daí, o boi levantou a patinha e disse: hoje ninguém trabalha!” – Conta ela levantando o braço esquerdo. Todos riem e saboreiam seus acarajés.

A próxima parada da trilha fica no Cemitério da Saudade. Ele está localizado na região central da cidade e foi fundado em 1880, sendo o mais antigo de Campinas e o primeiro cemitério público do Brasil. Em 2003, o local foi tombado como patrimônio cultural da cidade por abrigar mausoléus das famílias mais ricas e tradicionais. É nesse local, na avenida principal, que se encontram as sepulturas do Barão e de Toninho, um ao lado do outro. Esse fato, inclusive, legitima a história do boi falô, uma vez que os escravizados jamais seriam enterrados em um cemitério de brancos, muito menos na avenida principal e ao lado dos túmulos das famílias ricas. Toninho se tornou uma espécie de santo popular e sua lápide recebe muitas placas de agradecimentos e flores até hoje.

O último ponto da trilha é novamente uma fazenda estilo colonial, mas que hoje se constitui em um quilombo urbano, chamado Fazenda Roseira. Também conhecida como Ponto de Cultura Jongo Dito Ribeiro<sup>63</sup>, que desde 2006 se dedica a manter vivas as tradições de cultura afrodescendente. Nesse local, o público é convidado a fazer uma pequena trilha a pé, onde se aprende sobre a história da fazenda, da época da escravidão e do momento de emancipação política e cultural dos afrodescendentes que hoje fazem a gestão do local. Essa narrativa passa por manifestações culturais, como a capoeira e o jongo, que também possibilitavam momentos de reuniões políticas entre os escravizados, veladas pela imagem de manifestação artística aos olhos dos barões. Ao final do passeio, todos os participantes entram na sede da fazenda, onde há um vídeo que faz o fechamento da narrativa. Em seguida, dá-se início a uma roda de jongo, em que todos são convidados a participar cantando e dançando. Conclui-se o passeio pela Trilha Griô nas Terras do Boi Falô com um almoço típico da culinária afro, preparado pelas mulheres jogueiras.

Antes de a trilha acontecer, foram realizadas inúmeras reuniões entre professores, gestores e mestres para se chegar a um plano de trabalho que não começasse ou

---

<sup>63</sup> O Ponto de Cultura Jongo Dito Ribeiro ou Comunidade Jongo Dito Ribeiro é um grupo de pessoas que reconstituem a cultura do jongo através da memória de Benedito Ribeiro, festeiro de São João e devoto de São Benedito. O grupo é liderado por Alessandra Ribeiro, neta de Dito Ribeiro e realiza diversas ações na comunidade para a permanência do jongo.

terminasse somente na trilha, mas que permeasse outros trabalhos e práticas dentro da escola. Também o diálogo com os pais foi mediado com muito cuidado:

Já mandei os bilhetes de autorização [...] Tem muitos pais evangélicos aqui e nós já tivemos problema, por exemplo, para trabalhar com livro do Harry Potter... Ninguém aqui na escola está mentindo ou fazendo apologia a religião alguma... Mas nosso compromisso é com os alunos. (Sandra Shafirovits - Caderno de campo, março de 2014)

A transcrição acima é uma fala da Diretora da EMEF Maria Pavanatti. Desde o início, nos preocupávamos sobre como trataríamos das questões de matriz africana sem sermos agressivos ou desrespeitarmos a crença dos alunos e seus pais. Antes de realizada, a Trilha começava na Escola, nas aulas de Artes e História.

Quando o Márcio Caíres veio pra fazer o encontro antes da Trilha, as crianças estavam enlouquecidas... Elas já sabiam tudo de Griô, de Boi Falô... e estavam muito ansiosas... Nós já tínhamos falado com eles e feitos atividades diversas vezes. Por que não da pra fazer a Trilha assim, jogada no currículo escolar né? Então a ideia é ir trabalhando esses conteúdos antes, aí vem a Trilha e depois a gente continua estudando a história de Campinas e a matriz africana que esta relacionada a ela (...). Fizemos os desenhos, as produções de textos, jogo de trilha com dados... Esse é o conteúdo programático das turmas dos 4º anos, aí fica um alvoroço, por que as turmas dos 3º anos querem que o ano acabe logo pra elas poderem participar da Trilha no ano que vem (risos). Cintia Birochi, Professora de Artes – Caderno de campo, outubro de 2014)

O intuito era criar uma metodologia para compor uma Trilha que falasse para aqueles alunos e conseguisse efetivamente estar entrelaçada ao Projeto Político e Pedagógico daquele espaço sem ser ofensivo ou tendencioso. Schwartz, um dos grandes autores dos Estudos Culturais nos lembra que:

a identificação explícita das culturas vividas como um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo anti, disciplinar (SCHWARZ, 1994, p 380).



**Imagem 7:** Educadora Griô Lis Nasser, do Coletivo Onírico de Teatro – Campinas-SP.

*Técnica:* Colagem e sobreposição de fotos, fitas de cetim, livro didático e desenhos de alunos da EMEF Maria Pavanatti Favaro.

Como trazer o desenvolvimento das tradições brasileiras para o centro da roda? Como legitimar o saber oral e popular paralelo ao saber escolar, acadêmico ou científico? Entende-se que o projeto da Trilha Griô nas Terras do Boi Falô preenche uma lacuna no currículo das escolas, mais especificamente no que tange o cumprimento da Lei 10639/2003, que as obriga a ensinar a história e a cultura afro-brasileiras. A trilha se coloca como um recurso didático que propõe uma aula de história fora da sala de aula, narrada pelos descendentes dos protagonistas do passado de uma das piores cidades escravocratas brasileiras e ao mesmo tempo, dá a voz a seus descendentes para contarem as histórias de seus avós. Segundo a criadora da Pedagogia Griô:

A tradição oral compromete completamente o mundo simbólico da história de vida de quem a estuda, por que só é compreensível por meio da vivência de cada palavra que ouve e de rituais indicatórios. Portanto é preciso aprender com a tradição oral brasileira. Reconhecer e interpretar a tradição oral através de uma política pública e pedagogia que possibilitem aos brasileiros uma aprendizagem vivencial e reflexiva profunda de sua própria ancestralidade. (PACHECO, 2006, p 41)

A trilha não só aproxima os alunos e professores dos saberes de tradição oral, como também propõe uma transversalidade dos saberes e conhecimentos da escola formal, fazendo pontes com as disciplinas de Artes, História, Geografia e Português. Para além dos aspectos educacionais, a importância da trilha concerne ao reconhecimento social e no fortalecimento das redes e nos vínculos dos griôs, aprendizes e grupos de cultura oral: patrimônios vivos da cultura brasileira e zeladores do patrimônio imaterial da cidade de Campinas e da identidade do Brasil.

## ÚLTIMAS PALAVRAS

*Adeus meu irmão adeus,  
adeus que eu já me vou.  
A barquinha que me trouxe,  
na mesma barquinha eu vou.*

*(Cantiga de Despedida, da Griô Aprendiz Pedrina–Lencóis, BA)*

Tecer as últimas palavras dessa dissertação é rememorar um processo iniciado antes mesmo desta pesquisa acadêmica começar. É também ter a sensação de que, para além de quaisquer conclusões ou arremates finais, ficam abertos novos pontos possíveis, possibilidades outras para pensar as interfaces híbridas que se entrelaçam quando falamos de educação e cultura.

A Universidade é genericamente o lugar dos privilegiados. Dos historicamente “abençoados” por um processo colonizador. Dos herdeiros de um sistema opressor. Um pequeno grupo que, do alto de sua erudição, se propõe a pensar os fenômenos da sociedade, muitas vezes de forma distante e fetichizada. Na minha condição de homem, branco, pseudo pequeno burguês, em diversos momentos questionei-me sobre o papel que desenvolvo e como, de fato, minha ação realmente condiz com a complexidade e o respeito que estudar a tradição oral e a história das outras pessoas requer.

Para Flick (2009) os pesquisadores são uma parte importante do processo de pesquisa, seja em termos de sua própria presença na condição de pesquisadores, ou em termos de suas experiências no campo estudado. Nesse sentido, me propus a entender a Pedagogia Griô de dentro. Coloquei-me coloquei “em um lugar de partilha, um habitar de diálogos” (BAIRON, 2015) disponível, aberto para jogar e compor com as regras do jogo. Sentar no chão, dançar ciranda, improvisar versos com as crianças. Pensar alternativas, escrever projetos, realizar centenas de reuniões com os atores do Ponto de Cultura. Contar as galinhas, amassar pão e pilar o pilão com os Mestres Griôs. Arriscar e escrever com autores brasileiros. Deixar muitas vezes o gravador de lado e aprender na ação, conforme acontece na tradição oral africana. A vivência com o corpo em nossas práticas, o enfrentamento diário de nossas reivindicações políticas, as parcerias e rompimentos de um processo aberto que se constrói a cada dia foram imprescindíveis para entender a complexidade desse fenômeno que se descortinou a minha frente: as peculiaridades da Pedagogia Griô.

Nascida do sonho da garota que não gostava da igreja, mas encantada pelo padre revolucionário, parte com ele para as missões de educação inspirados em Paulo Freire na periferia de Salvador. Ganha contornos anos mais tarde com as expertises de um caminhante graduado em matemática que deixa o ensino formal para percorrer comunidades dialogando com os mais velhos. Materializa-se com os sábios e sábias de tradição oral, na releitura do *griot* africano, que carregam consigo a “biblioteca viva dos saberes”, conforme nos lembra Hampate Bâ (2003). Desembocam em práticas afetivas, vivenciais e dialógicas que tomam corpo com crianças e adolescentes da Associação Grãos de Luz e Griô. Finalmente, desdobram-se em política pública, expandindo-se em diversas áreas do país através da criação dos Pontos de Cultura e Universidades, disputando as narrativas da esfera entre educação e cultura por meio dos projetos de extensão.

Para problematizar o saber oral e o saber escrito, discutir seu lugar político, a representação oral desse saber enquanto ciência e também sua amplitude nas formas de ensinar e aprender na contemporaneidade, esta dissertação baseou-se em três atividades que constituíram seu *corpus* de pesquisa:

Inicialmente, duas incursões a campo na cidade de Lençóis durante o curso “Formação em Pedagogia Griô” na sede do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô nos anos de 2014 e 2015, somando ao todo vinte dias de imersão. Essa experiência foi extremamente rica, pois me permitiu compreender a Pedagogia Griô *in loco*. Conhecer as crianças e adolescentes daquele espaço, os sábios e sábias que eu ouvi falar nas canções que aprendi, bem como vivenciar o dia a dia da instituição e a sua relação com a cidade. Esta ida a campo foi extremamente importante para que eu entendesse de fato como surgiu e como funciona esta pedagogia.

Posteriormente, realizei junto com o OLHO - Laboratório de Estudos Audiovisuais e o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô o projeto de Extensão “Ação Griô na Unicamp” constituído pelos eventos científicos e culturais “Ciclos de Vivência e Práticas da Pedagogia Griô” (2014) e “Práticas de Extensão em Pedagogia Griô” (2015). Com esta ação, tive a chance de colocar os Mestres da Universidade com os Mestres da Tradição Oral para dialogarem juntos e pensarem as interfaces, potências e dificuldades que encontramos quando pensamos ciência e cultura ou educação e tradição oral. Foi também uma maneira de levar para os estudantes da licenciatura da Unicamp não só o conhecimento sobre a Pedagogia Griô, mas também, uma forma

de criar possibilidades para se pensar, discutir e realizar práticas sobre as Leis 10.639/03 e 11.645/08 que obrigam o ensino Afro-brasileiro e Indígena nas escolas. Fato esse que ainda é uma lacuna no projeto político pedagógico da Faculdade de Educação da Unicamp, e por consequência, na formação desses futuros professores que a universidade se propõe a instruir.

Por fim, foi realizado o projeto “Trilha Griô Nas Terras do Boi Falô”, um evento construído por muitas mãos, em especial a EMEF Maria Pavanatti Favaro e o Ponto de Cultura Nina Griô, ambos da cidade de Campinas. Esta ação permitiu-me entender a potência e o alcance de uma pedagogia que mesmo tendo sido criada na Bahia, se desdobra para além dela, criando sentidos e possibilidades em outros ambientes. A tradição oral não é uma pauta das ONGs ou Escolas da cidade de Lençóis, ela é uma questão que abarca todos os espaços, por que todos temos uma identidade e ancestralidade em comum: somos brasileiros, latino-americanos e nossas raízes se afloram, se emaranham em teias de sentido quando cantamos, dançamos, ouvimos e contamos histórias, independente da posição geográfica que ocupamos.

Esses acontecimentos permitiram-me realizar um amplo banco audiovisual composto por fotografias e vídeos. Debrucei-me sobre estas imagens inúmeras vezes, catalogando, classificando, editando, recortando, colando, rasgando... Parte desses vídeos foram colocados “brutos” no meu canal pessoal do youtube com o intuito de divulgar essas práticas pedagógicas e criar uma rede de diálogo e possibilidades de troca com os inúmeros parceiros e parceiras que encontrei neste dois anos e meio de pesquisa. Outra parte, bem mais condensada e editada compõe esta dissertação em formato de DVD, anexada ao fim da tese. Por fim, apresento nos entremeios destas escritas algumas imagens que produzi com a manipulação de fios, tecidos e linhas, que ao mesmo tempo que são signos da cultura de tradição oral, também são metáforas dos autores Ingold (2007, 2012) e Latour (1994, 1997, 2001), dos chamados Estudos Culturais, uma disciplina que se ocupa a pensar sobre os diferentes aspectos da cultura, considerando e envolvendo outros campos das ciências como a história, a filosofia, etnografia, artes, literatura, dentre outras. A opção por escolher autores brasileiros para compor esta dissertação, bem como o pouco tempo que a pesquisa de mestrado oferece, não permitiu que esses autores ganhassem força no texto, mas suas contribuições permearam minhas ações de pesquisa sempre que me deparava com a difícil tarefa de trazer para a materialidade

do papel um saber de tradição oral e do corpo vivo, onde a escrita se mostrou limitada e incipiente diante de sua complexidade.

Também, para esta pesquisa de mestrado foram realizadas 05 entrevistas semiestruturadas com diferentes atores envolvidos nesse processo, a saber: A criadora da Pedagogia Griô Lilian Pacheco e o também co-criador e Velho Griô Márcio Caíres, ambos da Bahia; a educadora popular e Aprendiz-Griô Cristiane Amador do estado de Pernambuco e as professoras de Arte Flavia Machado e Renata Cristina do interior do estado de São Paulo. Não foram entrevistados nenhum Mestre ou Mestra Griô, respeitando um dos princípios básicos da Pedagogia Griô que pressupõe que todo o conhecimento e informação advindo sobre os Mestres devem ser concebidos junto com eles, de maneira afetiva e vivencial. No contexto da tradição oral africana, quando alguém se coloca na condição de “pesquisador”, naturalmente coloca o outro na posição de “objeto de estudo”, criando hierarquias onde um “sabe mais” (o pesquisador) e o outro “sabe menos” (os Mestres e Mestras). Nesse sentido, as referências aos Griôs que se desenharam nesta pesquisa foram concebidas a partir de minha interação com eles, partilhado na capacidade de narrar e trocar experiências, como bem nos lembra Benjamim (1994), a partir das ações que constituíram o *corpus* desta pesquisa, mencionados anteriormente.

Para finalizar, cabem aqui algumas considerações gerais que concluo a respeito desta pesquisa. Destaco primeiro, o entendimento sobre nossa formação plural, multirracial e multicultural constituída através da atuação do negro, do indígena e do europeu, bem como o processo de deculturação e extermínio que este último realizou frente aos dois primeiros, como a questão nodal da Pedagogia Griô. Oriundos de um processo de colonização dominante, do convívio entre as diferentes condições sociais que aqui se deram, entre os povos rurais e urbanos, livres e escravizados, opressores e oprimidos, se mantiveram e se reinventaram ao mesmo tempo uma longa tradição pela oralidade, que nesse trabalho esta apresentada sob o termo “cultura de tradição oral”. Transmitida de geração em geração, criando e recriando lendas, histórias e narrativas, essa tradição se constituiu na base da Pedagogia Griô, uma “pedagogia do povo e para o povo”, conforme as palavras de Lilian Pacheco, sua criadora.

Segundo, é preciso compreender as limitações desse processo. Isso quer dizer que, embora conceitualmente a Pedagogia Griô abarque uma pluralidade de povos e

reconheça a diversidade, na prática ela ainda se constitui prioritariamente com uma identidade afro-brasileira. Esse fato deve-se em princípio a apropriação da figura do *griot* africano que o Ponto de Cultura se inspirou e pela iniciação de Márcio Caires na África, no país do Mali no ano de 2006, quando iniciado pelos saberes da tradição oral africana pelo mestre Djelimory Diabatê. A pedagogia se esforça para compor uma identidade que seja de fato sulamericana e está em fase de desenvolvimento, sendo construída na medida em que as experiências se desdobram em outros espaços, construída há várias mãos e sistematizada em um processo lento e dialógico, característicos dos processos abertos e democráticos.

Em terceiro lugar, esta pesquisa me fez compreender o quanto o processo histórico da educação formal, tanto no ensino básico quanto no ensino superior, tirou a identidade do centro da roda e colocou nela o conhecimento em caixinhas, classificando alguns conteúdos como mais importantes e outros com menor valor. Nesse sentido, as experiências da Pedagogia Griô que integram a educação ao processo de identidade, ancestralidade e a vida, tecendo teias de significados, sentidos e compreensão do mundo pela corporeidade e pela vivência apontam caminhos que, amparados sobretudo nas Leis 10.639/03 e 11.645/08 que obrigam o ensino Afro-brasileiro e indígena nas escolas podem ser possibilidades de atuação tanto no ensino básico quanto no ensino superior, conforme observado nas experiências realizadas nos últimos anos.

Por fim, enfatizo que esta trajetória possibilitou-me deparar com uma rede de agentes que no campo da educação, da arte e da política, inventaram formas outras de enfrentarem o sistema hegemônico, buscando e criando possibilidades partindo de um novo olhar para o passado que se reinventam em laços corporais, afetivos e dialógicos no presente e futuro fazendo da tradição oral, a forma de estarem no mundo e agir sobre eles reinventando dessa forma, novos dispositivos que passam pela experiência do corpo e da vivência. Deixo aqui minha contribuição para um melhor entendimento acerca das possibilidades entre educação e cultura de tradição oral no contexto das universidades, escolas e na vida das pessoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO , Theodor. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. IN KI-ZERBO, J. (ORG.). História geral da África I: metodologia e pré historia da África. São Paulo: Atica. Paris: UNESCO, 1968.

\_\_\_\_\_. Amkoullel, o menino fula. Tradução: Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Editora Palas Athena, 2003

BARZANO, Marco A.L. Grãos de Luz e Griô: Dobras e Avessos de uma ONG- Pedagogia-Ponto de Cultura. 2008. Dissertação (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Trad.: Paulo Bezerra.

BAUER, Martin W., GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro, Contratempo, 1996.

BAIRON, Sérgio & RIBEIRO, José da Silva. Antropologia Visual e Hipermedia. Porto, Afrontamento, 2008.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1986.

\_\_\_\_\_, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERNART, Isaac, Encontros com o griôt Sotigui Kouyaté. Rio de Janeiro: Pallas, 2013

CAÍRES, Márcio, Caminhada de iniciação de Márcio Caires na África do Oeste em Revista Diversitas Dossiê Pedagogia Griô. São Paulo. 2015

CALABRE, Lia. Políticas culturais: um diálogo indispensável. Lia Calabre (Org.). Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005,

CALABRE e BARBOSA. Lia, Frederico. Pontos de cultura : olhares sobre o Programa Cultura Viva. Frederico Barbosa, Lia Calabre.- Brasília: Ipea, 2011.

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990.

CAVALCANTE, Ruth. Educação biocêntrica: um movimento de construção dialógica. Fortaleza: Edições CDH, 2001.

COELHO, Teixeira. Usos da cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 1997

CORBIN,A;COURTINE,J.J;VIGARELLO,G. História do corpo. As mutações do olhar. Volume 3. Petrópolis:Vozes, 2008.pp.365-416.

DELEUZE, G. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. Por que Arte-Educação? São Paulo: Papyrus, 2011

FLICK, Uwe. Qualidade na pesquisa qualitativa. Coleção Pesquisa Qualitativa (Coordenação de Uwe Flick). Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009b.

\_\_\_\_\_. Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

\_\_\_\_\_. Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. Coleção Pesquisa Qualitativa (Coordenação de Uwe Flick). Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009a.

FREIRE, Paulo Educação como pratica de liberdade, 9<sup>o</sup> Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido, 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES, Osmar. Narrativas sensoriais: ensaios sobre cinema e arte contemporânea. Rio de Janeiro: Circuito, 2014

GOMES, Antonio. Psicologia Comunitaria: Uma abordagem Conceitual. São Paulo : Brasiliense, 2006. - (Coleção primeiros passos ; 110) 12<sup>a</sup> reimpr. da 16<sup>a</sup>. ed. de 1996.

GOIS, Cezar Wagner de L. Biodança, identidade e vivencia. 2<sup>a</sup> Ed. Fortaleza: Edições IPF-Ce, 2002.

\_\_\_\_\_. Noções de psicologia comunitária. 2<sup>a</sup> Ed. Ceará: Edições UFC, 1993.

GUATTARI e DELEUZE. Felix e Gilles. O QUE É A FILOSOFIA? Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz Coleção TRANS Editora!34

GREINER, C. Gênese e migração das principais teorias do corpo. In: O corpo. São Paulo: Ana Blume, 2005, PP.15-35.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, v.18, n.37, 2012.

\_\_\_\_\_, Tim. Lines: a brief history. London: Routledge, 2007b

LATOURETTE, B. Jamais fomos modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica. São Paulo: Editora 34, 1994

\_\_\_\_\_, WOOLGAR, Steve. A vida de laboratório : a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1997.

\_\_\_\_\_. A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: EDUSC, 2001.

MARINHO, Alba Lucia da Silva. Pontos de Cultura: Pontos para a cidadania e suas territorialidades? In Pontos de cultura : olhares sobre o Programa Cultura Viva / organizadores: Frederico Barbosa, Lia Calabre.- Brasília: Ipea, 2011

MACHADO, Vanda. Mitos Afro-brasileiros e vivências educacionais. In: Secretaria Municipal de Educação e Cultura. (Org.). Pasta de Textos da Professora e do professor. Salvador: SMEC, 2006.

\_\_\_\_\_, Vanda e PETROVICH, Carlos. Ajaká: o menino no caminho do rei. Salvador: TEA / UFBA / SMEC / PMS, 2001.

\_\_\_\_\_, Vanda. Ilé Axé: vivências e invenção pedagógica. Crianças do Afonjá. Salvador: Edufba / SMEC, 2000.

MOURA, R .A. O corpo entre a ação e a contemplação na sociedade laboratório. In: STRAZACAPPA; M. ALBANO, A.A.M; AYOUB, E. (ORGs). Dossiê Entrelugares do Corpo e da Arte. Revista Proposições, V.21. n2 (62) mai-go.2010. Faculdade de Educação. Campinas.

MOURA, R A. A dissolução do corpo, o artista e o professor. IN : AIBANO,A .A. M; STRAZZACAPPA, M.( Orgs) Entregulares do corpo e da arte. Campinas: Faculdade de Educação, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

PACHECO, Lillian M. O. Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006

\_\_\_\_\_, Lillian M. O., CAIRES, Márcio e PEREIRA, Rosalina. O mito do Diamante. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2009.

\_\_\_\_\_. CAIRES, Márcio Org. Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2009.

PARDO. Ana Lúcia. Os Pontos de Cultura como expressão das contradições sociais In Políticas culturais: teoria e práxis de Lia Calabre. – São Paulo:Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

QUINELATO. Eliane. A figurativização do trabalho nas fábulas de Esopo. 2009. Dissertação (Doutorado em Estudos Literários) UNESP – Araraquara -SP

RUBIM, Albino. Políticas Culturais e novos desafios. Rio de Janeiro: Revista Matrizes. Ano 2, nº 2. 2009

RANCIERE. Jacques. O Espectador Emancipado in Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas /Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro. - Vol 1, n.15 (Out 2010) - Florianópolis: UDESC/CEART

SENNETT, R. Capítulo 5 - A mão. In: O artífice. Rio: Record, 2009, pp. 169-201.

SOUSA, Santos, Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

TURINO, Celio. Ponto de Cultura – O Brasil de baixo para cima. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1.ed, 2010.

KI-ZERBO, J. (org.). História Geral da África: I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática/Unesco, 1982.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Texto e Jogo: Uma Didática Brechtiana. São Paulo: Perspectiva, 1996

VASCONCELOS. Ana Teresa – Múltiplos olhares sobre as políticas públicas de cultura. Artistas, pontos de cultura e estado. 2011.

VGANÓ, Suzana Schmit. As regras do jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático. São Paulo. Hucitec, 2006.

## REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

Documentário: Sotigui Kouyaté: um griot no Brasil. Direção: Alexandre Handfest.

Link: [https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te\\_3pjl](https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjl) Acesso em 12/04/2015

Entrevista Vanda Machado: [www.ceap.org.br](http://www.ceap.org.br) Acesso em 20/11/2014

Entrevista Sérgio Bairon: <https://www.youtube.com/watch?v=vZimnObL6GA>. Acesso em 20/11/2014

Educom/USP: [www.educomusp.wordpress.com/2013/01/14/educadores11](http://www.educomusp.wordpress.com/2013/01/14/educadores11)  
[Acesso em 15/09/2014](#)

Fórum de Pró-Reitores: <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Universitaria/04-Indissociabilidade-Ensino-Pesquisa-Extensao/Indissociabilidadee-Flexibilizacao.pdf>. Acesso em 01/06/2015.

Lei Cultura Viva: [www.vivaculturaviva.org.br/index.php?p=2&v=1&pri=1](http://www.vivaculturaviva.org.br/index.php?p=2&v=1&pri=1). Acesso em 06/11/2014

Portal MEC: [www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf](http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf) . Acesso em 10/04/2015

Portal Secretária da Cultura: [www.cultura.gov.br](http://www.cultura.gov.br) Acesso em 17/09/2014

Revista Diversitas-USP Dossiê Pedagogia Griô: [www.diversitas.fflch.usp.br/](http://www.diversitas.fflch.usp.br/) Acesso em 19/05/2016.

Site Grãos de Luz e Griô: [www.acaogrio.org.br/acao-grio-nacional/](http://www.acaogrio.org.br/acao-grio-nacional/). Acesso em 15/09/2014

Vídeo: “Tudo que você gostaria de saber sobre macumba mas nunca teve coragem de perguntar”: <https://www.youtube.com/watch?v=lompIMkV1SM>. Acesso em 15/09/2014

Vídeo: O Mito do Diamante: [https://www.youtube.com/watch?v=5nz0a\\_9e2zk](https://www.youtube.com/watch?v=5nz0a_9e2zk)  
Acesso em 15/09/2014

**ANEXOS:****Anexo 1 - Roteiro base para entrevistas qualitativas semi-estruturadas:**

- 1- Como foi sua infância? Que memória você coleciona desse período? Como era a relação com o contar e ouvir histórias?
- 2- O que você poderia me dizer sobre a Pedagogia Griô?
- 3- O que você poderia me dizer sobre a situação da tradição oral dentro das escolas públicas e particulares? Conhece as Leis 10.639/03 e 11.645/08?
- 4- O que você poderia me dizer sobre os últimos anos do Ministério da Cultura ou sobre o Programa Cultura Viva Comunitária? E sobre os Pontos de Cultura?
- 5- Existe algo que você gostaria de me contar e que não apareceu nesta conversa?

## Anexo 2 – Entrevistas

### **Entrevista de Pesquisa Qualitativa Semi-Estruturada nº 01 – Lilian Pacheco – Educadora Biocêntrica, Facilitadora de Biodança, Criadora da Pedagogia Griô e Coordenadora Pedagógica do projeto institucional Grãos de Luz e Griô.**

*A entrevista com Lilian Pacheco foi realizada entre os dias 21 e 22 de março de 2014 na sede do Ponto de Cultura Nina Griô e conta com uma gravação de áudio de 2:15h. Na ocasião, Lilian estava em Campinas para participar do “Ciclo de Vivências e Práticas da Pedagogia Griô” realizado na Unicamp como parte do meu corpus de pesquisa. Nascida em Lençóis, Lilian viajou por diversos lugares do mundo e estudou inicialmente Matemática e depois Educação Biocêntrica com Rolando Toro. Ela é criadora da Pedagogia Griô, professora e gestora do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô com sede em sua cidade natal, na Bahia.*

**HENRIQUE** - Lilian, queria que você me falasse um pouco da sua infância, como era, quem eram seus pais, se você ouvia muitas histórias...

**LILIAN**- Ai que pergunta linda! Então...bom, primeiro é que é uma coisa muito engraçada, é que eu quando nasci eu chorei quase três anos. E aí eu comecei a andar, falar, tudo muito tarde. Eu fico me questionando como é que eu resolvi essa questão, e de vez em quando eu faço regressões pra eu tentar ver o que foi e como foi que eu dei esse salto...Por que eu tive uma infância muito feliz, extremamente feliz e que não bate com a minha primeira infância né? Completamente contraditório, por que eu era muito chorona, era tanta dor que eu não sabia de onde vinha, acho que era medo da minha mãe me perder, por que ela tinha medo de morrer na gravidez por que a irmã dela morreu na gravidez, aí eu acordei, nasci, fiquei quase três anos assim, atrasei a aprender tudo. Quando eu aprendi, aprendi muito rápido e aprendi essa universalidade mesmo. Minha infância era de rua, muito quintal, muita árvore era de muita fruta, muito bicho, era muito ligada a natureza, eu não me lembro a sensação exata de ser gente na minha infância eu me sentia muito é... bichinho mesmo da natureza, me sentia muito parte e... me confundia muito. Tive uma infância muito feliz, muitos amigos, muitos grupos, muita correria, muita picula...

**HENRIQUE-** Picula?

**LILIAN-** Picula é de correr uma atrás do outro sabe? De pegar, e a gente tinha uma que era de times, botava um time de um lado da rua, outro do outro lado e tinha que roubar, pegar e prender na cabana. A gente chamava de picula de cabana. Então era uma verdadeira competição de time... E a rua toda era nosso espaço, então pra mim a rua tem essa simbologia de espaço de criança, nunca ficou na minha infância a rua como espaço de carro essas coisas. Então eu cresci assim muito.. .eu tive no começo uma infância muito pobre então eu convivi muito com a molecada pimenta mesmo, não era criança presa, era criança livre... é... criança de quintal e de rua. E depois meu pai foi crescendo economicamente e tudo, por estudo dele e tudo... Ele tinha muito estudo então ele tirou a gente do interior pra levar pra capital e eu comecei a viver uma outra realidade que era de ver as crianças que eram minhas amigas, minhas parceiras numa situação social muito estranha... Pra mim foi muito estranho as crianças negras que sempre foram meus irmãos de rua, de quintal mas que agora dormiam na rua, não tinham o que comer e tudo isso. Então eu estranhei muito quando cheguei na cidade grande, foi um baque pra mim e eu não entendia , não conseguia compreender o mundo mesmo, entrei numa fase de muita angustia por causa dessa questão.

*(Nesse momento, paramos um pouco a entrevista. Lilian e Márcio organizam uns papéis que irão utilizar numa atividade com a NINA. Ela retorna uns 5 minutos depois)*

**LILIAN-** É... onde eu parei? Ah, lembrei... Então, essa mudança me marcou muito. Então, na minha infância minha mãe sempre foi professora de primário, professora publica, eu fui de escola publica e eu ensinava,, eu ajudava minha mãe com as crianças. Eu sempre fui muito estudiosa, adorava matemática, ciência, tudo! Eu adorava aprender então eu aprendi tudo muito rápido. Então eu assistia as aulas da minha mãe e depois ensinava as crianças, minha mãe deixava eu dar aula , então eu fui educadora a minha vida inteira, desde pequena eu fui educadora, Então isso me marcou muito, a educação marcou muito a minha infância, a brincadeira também me marcou muito e esse estranhamento, esse choque que eu tive quando cheguei na

cidade grande, que ai eu passei pra escola particular , era uma outra realidade social e eu não entendia realmente criou uma angustia dentro de mim...é o estranhamento né?

Eu me misturei muito com essas crianças, acabei em briga de rua, eu era muito pimenta sabe? Pimenta no sentido que quando tinha um jogo de futebol, eu era a primeira ser escolhida por que eu jogava bem futebol, eu era uma menina muito ágil, então era a primeira a ser escolhida. Então eu andava com uma molecada mesmo, e era essa mesma molecada que era muito oprimida e também vivia muita violência social... Mas no interior isso não é .... é diferente né? Então tudo foi muuito diferente né? Até eu assimilar essa realidade social mais elitista, de prédios, de edifício, de escola particular e longe disso, longe das crianças foi muito complicado. Eu roubava coisas em casa pra levar pra eles , eu roubava tudo... lençol, comida, roubava tudo escondido da minha mãe por que eu não conseguia atender, não conseguia assimilar, ai quando eu fiquei, fui ficando adolescente comecei a buscar, eu comecei a trabalhar já novinha e com 15 anos mais ou menos eu comecei a trabalhar na perifeira com projetos sociais relacionados a igreja. Naquele tempo tudo era relacionado a igreja, eu não era católica, mas quem tinha trabalho social na periferia eram os padres... Essa coisa da missão né? Então eu não tava ligada a religião e tudo isso, mais era o único caminha pra eu fazer alguma coisa. Então eu comecei a trilhar um caminho de compreender as coisas melhor e ver o que eu podia começar a fazer. Então é isso, a minha infância, a minha melhor memória fortes que ficaram pra definir a minha pessoa são essas palavras, muita brincadeira, muita educação, muito estudiosa, muito participativa, qualquer coisa, qualquer atividade eu participava de todos os esportes que você imaginar, eu tinha acesso a nataçãõ, salto, vôlei, basquete...tudo que tinha eu entrava e tudo em ciência eu gostava de estudar então eu ensinava...Fui professora de nataçãõ, criança ainda com 10 anos, 11 anos...Fui professora de matemática, fui professora de português com minha mãe né? Na minha adolescência também eu tinha em casa, mesmo na escola particular eu tinha uma media de 5 alunos de manha. Ganhava dinheiro (risadas) ganhava dinheiro cedo com isso entendeu? Me sustentava muito cedo, desde a adolescência desde muito novinha por causa dessa coisa de gostar de ensinar e eu estava na escola particular e as mães queriam que eu ensinasse os filhos dela então eu acabava ensinado.

**HENRIQUE-** Sua mãe foi professora então? Seu pai...

**LILIAN-** Meu pai era funcionário público do Banco do Brasil. Ele começou com...sabe? Quase Office-boy? É... auxiliar administrativo... Ele começou assim e acabou como gerente! Olha que coisa boa! Gerente da central, do financeira da coisa central da Bahia, que era lá em Salvador... Então foi uma escalada bem rápida, foi em 10 anos mais ou menos. Quando eu tava acabando minha infância meu pai já estava nesse nível, então nasci numa casinha na beira do rio e a gente tomava banho e lavava prato no rio *(risadas)* pra você ver a realidade da mudança que aos poucos foi acontecendo né? Aos poucos não né? Levou uns 10 anos, mas foi rápido né? Então foi um choque na minha infância que eu tive que assimilar de algum jeito e que eu acho que gerou muito angustia em mim, mas uma angustia que me serviu como base pra muita coisa que eu sou hoje...

**HENRIQUE-** E alguém te contava histórias na infância? Como era isso?

**LILIAN-** Então, a gente, com esse tipo de realidade, você ouve historias de todo lado né? *(risadas)*. Dentro de casa...os avós...era tudo muito misturado, na cidade pequenininha a convivência social era muito em torno disso né? Essa coisa de cafuné contando historias era muito forte né? Então isso era parte, eu convivi com isso de uma maneira muito forte, era comum no dia a dia. Se eu sentava na beira geralmente tinha luz, então você sentava na porta, pra ficar contando historia... então isso fazia parte.

*(Nosso tempo se esgota. Precisamos ir pra escola onde realizaremos a vivência com os alunos e a reunião pedagógica com os professores. No outro dia, retomamos.)*

**HENRIQUE-** Lilian, a palavra chave de ontem foi “infância”. Queria passar pra próxima, pode ser?

**LILIAN-** Pode, mas antes, queria falar uma coisa rapidinho que lembrei...Que é a questão da...de Deus, a concepção de Deus. Eu acho que foi muito importante pra mim ter vivido e ter sido evangélica na infância. Minha família é evangélica, a ascendência é de índio-paiá-cristianizados, então minha vó, meus avós são bem

índios por um lado, de vários conhecimentos que eles passaram pra gente, principalmente pra mim que tinha muita ligação com a minha vó, mas ao mesmo tempo a família muito evangélica também. Então essa concepção de Deus e o Diabo fez muita parte do meu pensamento também, de questionar isso, de querer resolver esta questão na minha cabeça.

Muito cedo eu tive de resolver isso na minha cabeça. Então...muito cedo também eu tive que sentir os medos disso, tudo que tá em volta dessa questão né? O medo do mito né? O mito da culpa, do inferno...Diversos mitos giraram em torno de mim....O mito da criação...Todos os mitos foram muito fortes na minha infância e eu queria resolver, eu nunca aceitei né? Então até 11 anos eu vivi muito esse processo, com 11 anos eu resolvi, com 11 pra 12 eu resolvi diversas questões desse tipo né? A base do meu entendimento mitológico sobre a vida eu cheguei nessa idade, entende? Quando eu saí da infância e cheguei na pré- adolescência mesmo. E depois eu fui aprofundar a concepção

de tudo isso, mas teve essa formação evangélica que é muito mitológica o tempo todo. É muito forte dentro de um mito específico e quando você supera o mito, quando você desvenda ele e consegue elaborar ele na sua vida e começa a entender e pesquisar outros mitos isso é muito....acho que foi muito saudável na minha infância, apesar de eu ter passado momentos bem ruins assim... Por que existia muito medo... muita imposição do medo, da culpa...tudo isso. Eu tinha muito medo do pastor. Tinha muito medo de chegar o dia de domingo e ter que ir pra igreja e ouvir um tanto de coisa, aquela gritaria...era muito gritado tudo né? E aí eu... fui fazendo minha leitura do medo, daquelas coisas que eram gritadas...De tempos em tempos se falava sobre o diabo, o inferno e tudo isso. Eu tenho até umas coisas que eu escrevo sobre isso, por que eu acho que a criança passa por isso... diversas crianças... E eu que trabalho com a educação de crianças, eu leio, eu gosto muito de ler os processos mitológicos que ela vive. Como esta sendo essa relação na vida dela, com os mitos dela, que mitos são esses e como ela recebe isso... como ela supera isso faz parte muito da minha concepção de educação também.

**HENRIQUE** – Lilian, queria que você me falasse o que é a Pedagogia Griô. Como você chegou a essa pedagogia?

**LILIAN**- Então... tem aquele conceito clássico que realmente é uma pedagogia afetiva, cultural, vivencial. Que busca fazer esse diálogo entre fronteiras que parecem um pouco intransponíveis na nossa sociedade, mas que são fronteiras que a gente pode abrir diálogos possíveis, impossíveis e até rompimentos às vezes necessários, enfim, entre a escola, comunidade, a tradição oral, tradição escrita e entre os diversos grupos étnicos, raciais ... Então, está nesse lugar de fronteiras pra criar esses diálogos e o objetivo maior dentro desse processo é fortalecer a identidade, ancestralidade e celebrar a vida. É trazer a identidade, ancestralidade e vida pro centro da roda de novo, por que a educação, o processo de educação formal, não toda a educação, mas o processo de educação formal retirou isso do centro da roda que é: o objeto da educação, o principal. E isso pra mim sempre foi uma grande questão, desde pequenininha, desde criança eu ficava me perguntado “por que eu to aprendendo isso?”. “Pra que to aprendendo isso?” E a gente pergunta. Eu sei que todo mundo perguntou isso em algum momento da vida... Eu me refiro muito as pessoas assim, quando eu estou explicando a Pedagogia Griô. Eu faço essa pergunta: Um dia você perguntou e qual foi a sua resposta? E no geral a gente não respondeu essa questão né? Ta aí. Passou. Ficou no ar. Pra minha vida isso era uma questão essencial. Como Isaac Newton que ficou perguntando “por que a maçã cai”? E ficou repetindo isso até que ele resolveu esse problema. Pra mim essa questão não passou. Isso pra mim não se resolveu. Eu fiquei com essa questão até eu tentar realmente dar uma resposta pra ela. E a minha resposta é a Pedagogia Griô mesmo. Por que eu to aprendendo isso? A gente pergunta principalmente por que a gente não ta no centro da roda. Não tem haver com a gente aquilo ali, a gente não entende a relação com a gente. É essa a questão. E a gente não entende isso por um simples fato: a educação não esta se tratando sobre nós, entende? Tem que tratar sobre nós, por que ao tratar sobre nós, todos os conhecimentos e saberes eles vem integrado a identidade, a nós, a ancestralidade e a vida... E a gente vai fazendo as redes de significados, sentidos e compreendendo o mundo. A gente fala muito sobre interdisciplinaridade, essa questão de ligar os conhecimentos com as redes e eu acho tudo isso muito simples. É que é as pessoas complicam muito pra explicar uma coisa muito simples, que é o seguinte: Quando você bota um objeto no centro da roda, você pode estudar tudo sobre ele. Quando você centra a educação no objeto de estudo e não nos conteúdos que já estão divididos na ciência, não nesse didatismo, nesse separatismo da ciência,

nessas caixinhas tão ilusórias do conhecimento. Você olha pro objeto. E o problema da educação é esse: quem é o objeto? O que é o objeto afinal do estudo da gente? Da escola? Da educação? Quem é? Então uma hora tem uma coisa do português, uma coisa da matemática, uma coisa disso, uma coisa daquilo... e você nunca entende cadê, qual o ponto de partida, de onde tudo veio ou para onde vai... E que tem que ser você. Entende? Só que você não interessa. Você interessa muito pouco na educação formal. Interessa quando você apronta, quando você é muito pimenta... Eu me lembro que quando era pequena, se interessavam por mim quando eu ia no SOE, chamava SOE – Serviço de Orientação Educacional. De vez em quando eu baixava lá por que eu aprontava algumas coisas Mas geralmente eram coisas muito positivas... Eram questões que estavam na minha cabeça e eu não estava entendendo o jeito que estavam explicando... Eu nunca fui, nem passei por esse processo tão rebelde, por exemplo, de colocar uma bombinha no banheiro. Nunca coloquei uma bombinha no banheiro. Mas aprontei coisas que eu achava que tinha que enfrentar mesmo. Por exemplo, quando eu era adolescente eu aprontei uma mobilização entre as mulheres pra gente ir sem sutiã. Por que eu achava que tinha que ter uma revolução feminina naquela escola... Era uma coisa assim... um lugar que a gente ocupava ali, e a gente tudo mocinha... Isso foi uma aprontação mesmo. A gente foi com a blusa da farda, mas sem o sutiã e ai fizemos um desfile na escola... Então coisas assim, coisas mais científica que aprontei... Tipo, durante um tempo eu comecei a dar aula de matemática, comecei a fazer grupos de estudo na minha casa e isso gerou muitos problemas. Eu virei professora de matemática novinha e isso gerou uma certa questão na escola e tal... Enfim, tinha coisas que eu apronta, mas eu aprontava por uma coisa assim, mas não era destrutiva...

Nessa hora que eu via que minha identidade contava na escola nesses momentos. E no geral é assim né? A gente conta mesmo na educação formal quando a gente faz alguma coisa errada né? Que foge do conceito... Então é isso, a pedagogia griô no centro da roda. Eu acho que muitas tendências colocaram de novo a identidade, o ser no centro da roda... Mas, além disso, a gente colocou a ancestralidade... Isso também tem algumas que colocaram a ancestralidade, mas nem todos colocam as duas. E ai a gente colocou a vida. Tem umas que colocam a vida, mas não colocam as outras... Então esses três juntos no centro da roda, acho que só a Pedagogia que colocou, que

juntou, mas claro que a gente foi aprendendo com as outras e foi fazendo essa síntese...

**HENRIQUE** – Lilian, quando você leu meu projeto de Mestrado você me chamou atenção sobre os autores europeus que eu estava utilizando e me provocou no sentido de ter uma escrita com mais autores brasileiros e africanos. Queria que você me falasse um pouco sobre isso.

**LILIAN** - Então, pelo mesmo motivo que te falei antes né? De novo: a ancestralidade, identidade e a vida no centro da roda. Quando a gente fala disso, a Pedagogia Griô tem seus princípios, conceitos, metodologia, propostas, tem um modelo de ação pedagógica... A Pedagogia Griô hoje esta bem sistematizada. Ela tem praticas pedagógicas claras que estão... olha, vamos pensar numa arvore: tem as raízes, tem o caule, os troncos, a folha, a flor e o fruto... A semente cai de novo e pode vingar nova arvore. Então a Pedagogia Griô tem suas raízes, seus princípios... Tem seu tronco que tem haver com seu modelo de ação pedagógica: como pensa esses conceitos, esses princípios que são suas raízes? Depois tem seus galhos, suas práticas pedagógicas que esta bem relacionada com esse tronco da metodologia que é vivencial, dialógica, afetiva, cultural, que tem a corporeidade também como um parâmetro epistemológico, tem a vivência... Então a metodologia tem as palavras que são chaves, e as práticas obedecem a essas palavras chaves metodológicas. Assim como a metodologia técnico-tronco obedece ao seus princípios né? Então tá tudo arrumadinho pra gente entender a arvore. Então tem a folha e o fruto que é o resultado que isso dá, como a pratica acontece mesmo, e enfim, gerando frutos que podem ser desdobrados em materiais didáticos e outras coisas que vão ajudar... Então quando a gente olha pra essa arvore a gente percebe que esses princípios e esses conceitos, eles tem uma referencia muito forte, nessa visão de sulear a gente por que a nossa identidade e ancestralidade, ela foi muito norteadada... Ai é Milton Santos, e outros autores que vão ajudar a gente a entender isso né? Que a gente foi muito norteadado, o mundo é norteadado, ele definiu norte, sul, leste e oeste, e nós estamos no sul... É um sul geográfico mas é um sul político, econômico e definido, explorado, invadido e tal... E nossa identidade e ancestralidade é fruto desse processo todo, entende? Então quando a gente constrói uma pedagogia, como a Pedagogia Griô, a gente esta

construindo também um projeto político. A gente não está construindo pedagogia simplesmente por uma questão existencial. Não é isso! É uma questão política, social. A educação tem que ter uma cultura da política, uma cultura da economia, uma economia que pensa tudo isso. Quais são os valores que ela constrói? Sejam políticos, econômicos, sociais e tudo... Isso também é princípio. Tô falando vários princípios ao mesmo tempo né? Então, quando a gente pensa isso, a gente pensa que precisamos nos referenciar em pessoas que também compreenderam essa questão, compreendeu a nossa sociedade, nossa economia, nosso processo político... E a pedagogia que eles também buscaram criar, são pedagogias que nos ajudam enquanto identidade, fortalecer nossa identidade e ancestralidade e celebrem nossa vida efetivamente. Por que nos ajudam a entender isso. Outras referências dificultam mesmo. Por que eles estão olhando o mundo de outro ponto de vista que eles viveram. Eles estão olhando o mundo de cima pra baixo. Então, isso tá nos textos, no contexto da teoria dos educadores. Claro que um autor ou outro, entraram mais nessa questão da psicologia do ser humano, na psicologia da educação, que vai pra psicologia social, que é um pouco mais universal, que a gente vai e bebe dessa fonte e tudo... Mas eu acho que a gente precisa priorizar mesmo esse ponto de vista, entende? Por que se não dificulta da gente compreender essa questão da identidade e ancestralidade que se dá, tá entendendo? Claro que não é uma negação exata. Claro que a gente vai pegar frases, conceitos e tal, que a gente vai adaptar, entender, compreender e vai utilizar... Mas a gente quer um caminho facilitador ou dificultador? A gente quer o caminho facilitador né? E também queremos politicamente contextualizar nossa educação e fazer redes locais, que também é um outro princípio da Pedagogia Griô, ela quer fazer redes locais, sociais... E uma das redes é essa, é a rede das nossas tendências pedagógicas, nos apropriar, por que tudo é apropriação de conhecimento, tudo é autonomia e apoderamento, que também é um dos princípios da Pedagogia Griô... Então a gente precisa empoderar a gente mesmo. Empoderar os nossos educadores que estão aqui na nossa terra entendendo, por exemplo, “o que é comunidade indígena?” “O que é comunidade quilombola?” Fica muito difícil pra Piaget por exemplo elaborar certos conceitos e certas compreensões do humano, que na sociedade indígena é diferente, se dá de outro jeito. O próprio Rolando Touro que criou a educação biocêntrica e a biodança, é sul-americano. Mas, mesmo ele ao universalizar a biodança, para mim, na minha compreensão da biodança, eu me formei

em biodança, mas ele entra num campo dificultador pra esse tipo de comunidade. Então eu tive de mudar toda a prática da biodança quando eu vou pra Pedagogia Griô... mudar um monte de coisa pra que eu pudesse estar facilitando o processo de expressão de crianças que são brasileiras, que são daquela cultura, daquele contexto, entende? Eu adaptei muito ao contexto cultural da criança né? Do educador que esta ali... Mesmo o Rolando Touro que é sul-americano, chileno, mesmo ele que bebeu em muitas fontes das culturas tradicionais, mesmo ele, na Pedagogia Griô a gente teve que fazer várias mudanças e acrescentar vários conceitos e vários outros princípios... E ao mesmo tempo, tudo o que agente aprende da educação biocentrica a gente muda... a gente acrescenta muita coisa, o tempo todo. Então é isso, a Pedagogia Griô se propõe a ser uma pedagogia muito da terra, muito do povo é uma Pedagogia Griô do Brasil para o Brasil. Claro que é adaptável por ai, quem quiser aplicar... Inclusive quando tem um japonês ou chinês na roda, eles se identificam. Eu já tive alunos chineses, japoneses, ingleses, europeus, de tudo que é país... E eles identificam sobre o que nós estamos falando. Por que a tradição tem uma linguagem muito comum no mundo todo, é universal, é uma expressão do humano muito enraizada, muito original, então todos tem essa humanidade original... Então eles se identificam, mas, em ultima instancia é do Brasil para o Brasil. É uma pedagogia que tem muito compromisso político e social com o nosso povo. Ela pode dialogar com diversos povos, tem que dialogar com diversos povos, mas ela tem esse compromisso. Por isso essa questão da autoria. Inclusive eu queria deixar claro que ao escrever sobre educação eu leio muito pouco o educador. Leio quase nada por que o que eu venho criando é uma vivência e uma pratica educativa concreta com meu povo. Então tirando o Paulo Freire, tirando a própria educação biocentrica e algumas pessoas que escrevem na área de educação indígena, educação negra, educação quilombola... Eu leio muito pouco, eu evito ler por que eu preciso de referências muito enraizadas, profundas e principalmente eu preciso da minha referência do que eu to fazendo junto com as minhas crianças, com os educadores, junto com meu povo mesmo, entende? Como o povo que eu dialogo... Isso é muito importante pra mim, é minha autoria pessoal, que é uma coisa muito anti- acadêmica mesmo né? Eu não sou da acadêmica, e isso foi de propósito. Eu não fiz o caminho acadêmico de propósito, não foi por outros motivos... Eu tinha muita facilidade pra entrar em qualquer vestibular. Eu fiz 3 vestibulares em lugares bons e passei nos 3. Então não tinha essa dificuldade. Eu fiz

processamento de dados, direito e matemática. Teve um tempo que eu achava que tudo isso que eu criar era na área da matemática. Por que eu sou muito matemática... Então tudo isso que eu ia criar na educação eu achava que ia ser muito vinculado na matemática. Achava que ia criar novos jeitos de ensinar matemática, novas fórmulas matemáticas, novos jeitos de ensinar... Eu achava. Sempre fui na matemática até o limite dela... Até onde tinham escrito sobre ela, na minha época eu fui... Sempre tive esse gosto pela matemática. Esse gosto foi plantado por uma pessoa que também plantou o projeto social no meu coração. Foi um padre que teve muito haver com o fato de eu não ter estudado faculdade na área de educação... Esse padre, que era um padre bem Antonio Vieira... *(risadas)* A referência é o Padre Antonio Vieira por que eu estudei no Colégio Antonio Vieira né? Li sobre o Padre Antonio Vieira, nunca fui católica nem nada, nunca tive simpatia pelo catolicismo, mas eu me interessei pelas artes e técnicas de vivência do Padre Vieira, quando ele chegou, quando ele começou a catequização dos índios, e tudo isso... E eu estudava no Colégio Antonio Vieira e tinha um Padre muito revolucionário que era o Padre Hugo. Então essas influências mexeram muito com a minha vida... Esse desejo dos padres de ir pras comunidades, essa missão, isso me encantava... Essa missão de ir pras comunidades, periferias e trabalhar... Eu desejava muito isso, e naquele tempo não tinha ONG associação, nem nada dessas coisas... Eu não podia ir sozinha, adolescente com 15 ou 16 anos... Não tinha como eu ir sozinha pras comunidades. Como eu ia pra periferia de Salvador onde tinha muita violência social, muitas questões né? Eu não podia ir sozinha. E o que aconteceu? Aconteceu isso na minha vida. Eu estudava no Colégio que era de padres e os padres tinham esse afã. Alguns vieram pro Brasil com o sentido do poder da igreja católica extremamente econômico, outros com essa influência econômica de colonização, mais misturadas em alguns casos com uma dose alta de humanidade mesmo, de desejo... Alguns morrerão por isso nas missões, deram sua vida a Cristo, a catequização, por uma missão humanitária que eles tinham... Então isso me encantava, essa coragem... A coragem e o desprendimento, o desapego de alguns com as questões econômicas... E padre Hugo era assim. Era um homem que só tinha 2 ou 3 roupas que era um aventalzinho de educador... E ele não tinha nada. O escritório dele era um escritório super caótico, ele não arrumava nada... O tempo dele era todo dedicado a educação, a cuidar dos meninos, das comunidades... E era um homem genial, extremamente inteligente. E no primeiro dia de aula dele, ele entrou

na aula gritando. E começou a gritar e tal... E eu adorei, achei o máximo aquilo! E ele gritava: “Você acredita que um ponto é um ponto, que e uma reta é uma reta, que ela é um conjunto de pontos e que duas retas paralelas nunca, nunca, nunca, nunca toca no infinito?” Ai todo mundo ficava assustado, mal falavam e eu fiquei encantada com tudo aquilo... Pensava “Caramba, que cara fantástico!” Ele jogava aquela questão na cara de todo mundo... Ele tinha que entrar pra ensinar geometria plana... E Padre Hugo ensinava a gente assim... E eu olhava aquele livro cheio de desenhos... E o Padre Hugo nunca nem mandou abrir o livro...nunca ligou pro livro (*risadas*)... E ficou fazendo essa abordagem, essa performance... E uma hora ele me atacou, todos os meninos disseram que acreditaram e tal... mas quando ele me perguntou eu falei “Não Padre, eu não acredito”. Aí, Padre Hugo disse “Rauls”. Ele era alemão né? Então ele disse “Rauls irmã”. Que quer dizer, se pique, vá pra rua... E eu dizia “mas padre, você perguntou, eu respondi...” E ele não queria nem saber, dizia “Rauls irmã, rauls”. Aí eu peguei e sai né? Não ia desobedecer. E fiquei lá... Eu nunca tinha sido botada pra fora. Eu fiquei esperando. Quando ele saiu da sala, ele saiu direto e não consegui pegar, falar com ele. Aí eu perguntei onde encontrava o Padre Hugo. “Onde é o escritório dele?” – perguntei. Aí me falaram, sobe nas escadarias, a terceira escadaria, é lá que ele atende. Ele não atendia os alunos no escritório desarrumado, ele atendia na escadaria. Ai eu cheguei lá e tinha uma fila de meninos pra conversar com ele. Ai eu fui entender, eu aprendi com ele que se eu não acreditava naquilo, a matemática, a geometria plana, caia. Não tinha por que eu estudar geometria plana, e não tinha mesmo. Se você tem esses princípios básico e você não acredita nas axiomas... São axiomas básicas, se você não acredita...é questão de acreditar ou não acreditar. Ai eu entendi, “caramba... quer dizer que a matemática e a ciência é toda construída em cima de crenças...” Entende? De conceitos básicos. E é verdade. E ai eu comecei a compreender a ciência, você cria um conceito básico e é isso.... A mesma coisa, todas as ciências são assim, você precisa acreditar em certos conceitos básicos. A física de Newton é assim, se você acredita naqueles conceitos básicos.., acha que esses conceitos se aplicam na realidade ok, se não... fudeu, cai tudo né? Se você não acredita, “Raus”, como dizia o Padre. (*risadas*). Então eu comecei a entender mais a ciência e a matemática, e sempre querer ir ao limite dela... E tudo me levou a pensar que era matemática mesmo... E quando chegou a época do vestibular eu fiquei em dúvida... Eu queria ser educadora na minha terra e eu fiquei em dúvida... E aí eu fui

conversar com padre Hugo. Nos dois ficamos irmãos, eu acompanhava ele nas férias, eu dava aula com ele na escola. Eu dava aula lá, quando eu saí no 3º ano eu continuei dando aula lá. Ele me entregava a turma e o assunto. E eu tinha que dar conta daqueles jovens todos com a minha idade e eu dava conta. Então fui falar com padre Hugo que é um Mestre pra mim, até hoje é... Disse assim "Padre Hugo eu estou com muitas dúvidas..."

Expliquei também essa ideia da matemática, expliquei várias coisas. Ele disse "Irmã, você é uma educadora pronta. Você precisa explicar pras pessoas como você faz isso. Você já é uma educadora. E se você for fazer essa faculdade vai tirar quase tudo que você é". Vai entender? E daquela época eu já ouvia falar em Paulo Freire, já estava envolvida com essa questão... E aí eu fui ver como era a faculdade de educação e realmente não tinha nada haver com o que eu já imaginava... Eu já falava, ensinava... Pratiquei muito com o grupo que eu ensinava na aula. Ou que eu fazia em casa com a minha mãe quando era pequena.... Fui campeã de natação, ensinei muita gente a nadar... Então eu tinha um jeito de ensinar na minha cabeça e quando eu li aquilo não tinha nada haver. Aí padre Hugo completou: "Sabe o que você precisa irmã? Você precisa é ganhar dinheiro. Professor é muito explorado, é muito pouco valorizado aqui no Brasil e na Bahia. Então você precisa de uma coisa pra ganhar dinheiro rápido" Aí eu fiz processamento de dados e matemática. E também fiz direito, por que meu pai sonhava com direito. Ele ficou super feliz. Ele não tinha terceiro grau, só tinha até a 8ª série. Aí, eu dei de presente pra ele. Meu pai falou: "Ah, que bom, você vai fazer direito" Então eu disse "não meu pai, eu disse que ia passar, queria dar de presente a passada... então tá aí..." (risadas). Aí resolvi fazer processamento de dados que ganhava dinheiro mais rápido pra continuar minhas idas pra periferia, trabalhar com educação e continuar a minha vida que era bem ocupada... E aí antes de terminar a faculdade fiz um concurso, passei, a ganhar super bem e foi isso. Eu trabalhava seis horas lá nesse emprego público e continuei minha caminhada pela educação. Fiz umas matérias como ouvintes na Universidade, mas eu só gostava das matérias relacionadas a arte-educação, as outras matérias eu achava muito tecnicista e essas coisas... Conheci mais do Freire, Educação Biocêntrica, Biodança, fiz 5 anos de Biodança, viajei pra Europa, Índia, encontrando vários grupos de educação... Tinha muita vontade de ver uma cultura tradicional, essa coisa de entender o mestre, os gurus, eu lia muitos livros sobre isso... tudo isso... Bom, aí eu voltei pra minha terra,

pra Lencois e comecei essa caminhada, essa busca. E aí nós fomos premiados pela Fundação Abrinq, um edital super legal deles, mas que foi muito difícil na época para mim... Por que eu estava naquela busca, nisso de entender essa fronteira entre educação e cultura e isso gerou umas dificuldades com a Fundação. Eles queriam relatórios, mapeamento e coisa e tal... E eu pensando a identidade, ancestralidade e todas essas questões da Peagogia Griô... Eu tinha que entregar um relatório, os dados da comunidade... Uma coisa super tecnicista e eu estava trabalhando outro viés, criando o arquétipo do velho griô

No fim eu mandei o projeto, mas tudo fora do prazo. E aí deu vários problemas. Então a Fatima Freire recebeu esse problemão, de um projeto que entregava errado, fora do prazo e tal. A Fatima era coordenadora do projeto, ela não acompanhava nenhum projeto, nós tínhamos uma pessoa que nos acompanhava dentro desse projeto, mas a nossa relação foi se desgastando, até que a Fatima entrevi. Mas aí, a hora que ela viu nosso relatório, cheio de colagens, todo bonito com as rendas e tal, ela adorou e decidiu que ia ser nossa orientadora. E ela veio nos visitar, em carne e osso! Na época nos estávamos fazendo uma exposição dos trabalhos numa casinha na zona rural, com todos os conceitos né? A escola e a comunidade, os griôs e mestres e tal... A visitação da exposição era nessa casinha, que a gente construiu juntos, cada um trouxe alguma coisa da sua casa, pra ficar com a nossa cara, com a cara da comunidade, uma comunidade rural. Quando ela chegou, a Fátima, era nessa casinha e ela ficou encantada. E ai foi isso, a gente se encantou uma pela outra. Ela era filha de Paulo Freire mas isso não queria dizer nada né? Ela podia ser filha dele e não entender nada, mas ela entendeu. Principalmente essa questão de corporeidade que Paulo Freire não entrou muito nessa questão, entrou pouco. E com ela a coisa rolava, acontecia, ela foi ótima. Depois ela saiu da Fundação Abrinq, a gente continuou parceira, foi nossa assessora pedagógica, eu escrevi meu primeiro livro e mostrava pra ela, ela devolvia com varias questões e foi muito bom. Até hoje a gente mantém contato.

**HENRIQUE-** Pra finalizar, eu queria que você falasse um pouco sobre o Ponto de Cultura NINA aqui em Campinas.

**LILIAN** – Então, a gente criou a Pedagogia Griô foi pra nossa terra, não tinha esse desejo de sair do Brasil, por que nossa viagem existencial mesmo era voltar para o mato, ficar no mato, longe da cidade, com nosso povo e tudo. E aí a gente tinha umas relações que não eram locais, como por exemplo a Tv Cultura, o Marcos Eulaqui, o Itau Unicef por que a gente tirou o primeiro lugar do Brasil... Mas a gente sempre negava essa relação com o governo. Até que Lula ganhou, e nós votávamos em Lula, mas não tínhamos interesse em multiplicar a Pedagogia Griô, sabe? Isso de multiplicar não batia com a gente... Mas ai chegou o Célio Turino que foi um marco. Nos fizemos um vínculo de coração, de pensamento, foi visceral. Então nós tivemos uma profunda identificação com o Cultura Viva, que foi um encontro de alma. O Celio sentou no chão com a gente, com os educadores, com as crianças... Igual Fatima fez né? Então a gente aceitou entrar nesse projeto com ele de criar a Ação Griô. Ai eu fui criar essa ideia de gestão partilhada a nível nacional e Celio gostou e nos fomos implementando. E uma das ideias era estimular processo que criassem nas regionais coordenações regionais, ou seja, gente que fosse grio aprendiz, caminhasse nas comunidades, nas escolas e tal... E nos tivemos dificuldades de encontrar aqui nessa região sudeste-sul pessoas com essa identidade. Aí Marcio era meio famoso (risos) com o Velho Griô que contava historias e tal...Daí ele foi contactado pra vir pro Vila. E foi assim, foi de primeira, foi um presente! A gente estava implementando as Regionais na época...eram 4 Regionais ao todo: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Todas as três estavam certas, menos São Paulo. Foi aí que Márcio foi convidado participar do III Vila de Histórias, que os meninos da NINA estavam realizando em Campinas. Aí foi amor a primeira vista, ele voltou muito feliz, dizia assim - *encontrei uma garotada que tem tudo a ver com a gente, eles trabalham com teatro, contação de histórias, estão numa periferia lá em Campinas*- E foi assim, nós fomos pra Campinas, numa reunião bem rápida... Eles vieram pra Lençóis e a gente começou essa parceria que já tem 06 anos. E mesmo depois que o convênio acabou, nós continuamos trabalhando juntos. Na época tinham outras pessoas na NINA né? Cintia, Juninho, que não estão mais... E é isso. Nina é do coração!

**HENRIQUE** – Obrigado pela entrevista Lillian!

**LILIAN** – De nada! Depois me manda a transcrição pode ser? Eu gosto de ter o que eu falo por aí nas entrevistas (risos). Eu estou nesse processo de escrever o outro livro, então é bom eu me escutar, ver como eu falo sem ter que escrever, por que eu escrevo muito, o tempo todo. As vezes eu invento outro principio que não estava elaborado na escrita, mas esta elaborado na minha cabeça, então, quando eu falo fica mais claro ( risos).

**Entrevista de Pesquisa Qualitativa Semi-Estruturada nº 02 - Márcio Caíres - Contador de História, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado da Bahia e Coordenador do Projeto Grãos de Luz e Griô e da rede Ação Griô Nacional.**

*A entrevista coletiva com Marcio Caíres ou como é também conhecido Marcio Griô ou ainda Velho Griô, foi realizada no dia 26 de fevereiro de 2015 durante o curso de Formação em Pedagogia Griô. Eu estava acompanhado de alguns alunos que também faziam o curso e que se dispuseram a estar junto para uma roda em torno da fogueira na casa do próprio Márcio, em Lençóis, onde ele mora com a esposa Lilian e seus dois filhos: Ciro e Taina. Foram realizadas anotações após essa conversa que me permitiram registrar o que falamos. Não foi utilizado gravador de voz.*

**HENRIQUE** – Márcio, eu queria começar falando da sua infância. É uma pergunta que tenho feito para varias pessoas na verdade, no intuito de entender a relação dos primeiros anos de vida com as escolhas que fazemos no futuro. Queria que você me dissesse onde nasceu, do que gostava de fazer, se tinha alguém que te contava histórias...

**MÁRCIO** - Rapaz, eu nasci em Dom Basilio, uma cidade muito pequena aqui da Chapada com aproximadamente uns 500 habitantes, que dá mais ou menos umas 50 famílias. Era uma cidade muito pequena, então todo mundo se conhecia. Minha casa tinha um rio, na verdade o fim do meu quintal dava num rio, então minhas brincadeiras eram muito de rio, muito de agua e essas coisas todas. A gente brincava muito de nadar, de picula, de futebol...

**CRISTIANE** – Que é que seus pais faziam?

**MÁRCIO** – Meu pai foi prefeito da cidade. Eu nasci em 1969 e meu pai foi prefeito em 1972. Então de 72 até 76 eu acompanhei muito ele nessas andanças, nessas mediações políticas e essas coisas todas. Além de prefeito meu pai era também delegado. Nas cidades pequenas não tem muito essas diferenças... Então meu pai era prefeito, delegado, todos esses cargos de poder era ele quem assumia. Eu como

filho dele tinha consciência dessa figura que meu pai representava na cidade, acompanhei ele muitas vezes nessas incursões de mediação política...

**LILIAN-** *(interrompendo a fala)* Começou ai né? Esse papel de mediador político que Márcio assumiu dentro da Ação Griô vem daí, dessas experiências com o pai.

**CRISTIANE-** E sua mãe Márcio? Que ela fazia?

**MARCIO** - Minha mãe trabalhou um tempo na escola... Era faxineira, mas era também secretária. Ela também acabava sendo mais de uma coisa, igual meu pai. Mas minha mãe se dedicou a família, a cuidar da casa, dos filhos. Ela é uma mulher muito simples, até hoje. Aliás, ela e meu pai são. É que com o meu pai eu consigo, por essa trajetória dele, conversar mais sobre os assuntos da Ação Griô, com as conversas com o Ministro, da Lei Griô... Ele entende tudo. Minha também entende, mas pra ela eu conto de outro jeito, mais simples, por que pra cabeça dela é muito pra ela conceber.

**HENRIQUE** – E você ficou lá em Dom Basílio a infância e adolescência toda?

**MÁRCIO** – Não, só a infância. Fiquei lá até começar a ficar adolescente, até que eu me mudei né? Por que isso era muito comum né? Todo mundo que nasce nessas comunidades pequenas sabe que um dia, quando crescer vai precisar sair de lá.

**LILIAN** – É, esse êxodo é muito comum. As crianças já sabem que um dia vão ter que romper, quando crescerem pra estudar, pra construir uma vida mais longe... Por que lá não tinha o que fazer né? Que esses meninos iam fazer nessas cidades igual Dom Basílio? Tinha que picar a mula uma hora ou outra.

**MÁRCIO** - É então... E comigo foi assim também, eu me mudei pra Salvador e comecei a fazer cursinho pré-vestibular. Eu ia prestar para Medicina, por que ser médico era muito importante dentro do meu contexto, além do valor social que isto tinha, ou seja, ser médico era muito importante, tinha também o fato de que ser médico resolveria um bocado de coisa na minha comunidade que era um lugar longe, afastado... Mas ai eu perdi o vestibular, não teve jeito.

**HENRIQUE** – Perdi? Como assim?

**MARCIO**- É, eu não passei. Aqui a gente fala assim “*perdi o vestibular*”. Então eu perdi o vestibular pra medicina e também parei de estudar, tinha cansado. Eu era muito novo, estava com 17 anos em Salvador não queria saber de estudar nada não. Só mais tarde eu voltei e prestei pra Engenharia de Minas. Eu na verdade nem sei por que eu fiz esse curso. Eu cursei 2 anos e acabei desistindo também. Eu lembro que meus amigos ficavam falando que quem fazia Engenharia de Minas era tatu, que nós estávamos estudando pra morar em buraco e tal (*risos*). Mas enfim, eu não me encontrei nesse curso e acabei desistindo também. Aí como eu estava perdido, não sabia muito bem o que fazer , resolvi estudar Administração de Empresas. Esse era um curso que na época as pessoas falavam, acho que até hoje falam, que se você não sabe o que fazer, deveria fazer Administração de Empresas. Então eu fiz Administração e terminei o curso.

**HENRIQUE** – E foi aí que voce voltou pra sua terra?

**MARCIO**- Não, ainda não. Depois eu fui trabalhar num jornal... Na verdade eu não lembro se eu tranquei o curso e fui pro jornal e voltei, ou se eu terminei o curso e fui pro jornal... Mas o fato é que eu fui pra esse jornal, de uma cidade lá perto... Um jornal meio falido, tinha uns 50 funcionários. Eu lembro que o dono falou “*Você não é administrador? Quero você administrar esse jornal então*”. Essa foi a minha prova de fogo, meu primeiro emprego assim de verdade. Deu tudo certo, eu fiz o melhor que eu pude, mas acabei não ficando lá por muito tempo também não. Até que um dia eu fiz uma entrevista de trabalho pra uma multinacional. Na verdade os meus amigos me chamaram pra essa entrevista, mas eles mesmos não botavam muita fé em mim não. Ficavam falando “Ah, o Coringa não vai passar” ou “Voce não vai conseguir esse emprego”

**LILIAN**- É, eles chamavam o Márcio de Coringa, por causa do sorriso dele que era muito grande, muito largo.

**MÁRCIO** - É, eu tinha esse apelido na época... Bom, mas aí eu fiz a entrevista e passei. Meus amigos não acreditaram, por que nenhum deles passou. Nós eramos em 5 e só eu fui chamado. E tinha que falar inglês para esse cargo, mas eu não sabia falar e eu disse isso na entrevista. Mas não sei o que aconteceu... Acho que o dono da empresa viu alguma coisa em mim, ele gostou de mim e por algum motivo ele me deu o emprego. Mas aí ele dizia que eu tinha que aprender inglês, fazer o curso enquanto estivesse trabalhando e essas coisas.

**LUA** – E você fez inglês?

**MÁRCIO** – Fiz nada! Eu enrolei os quatro anos e não fiz o curso. Durante todo o tempo que eu fiquei lá eu enrolei e não aprendi a falar inglês. Até hoje eu não sei um idioma.

**HENRIQUE** – Na visita a comunidade da África você se comunicou como? Eles falam francês lá também né? Frances você também não fala?

**MÁRCIO** - Não, também não falo francês.

**HENRIQUE** – E como foi sua ida pra lá? Como aconteceu?

**MÁRCIO** – Calma, aí você está dando um salto muito grande na história (risos)... Antes de ir pra lá tinha o meu desejo de voltar pra minha terra... eu conheci Lilian, conheci o amor...

**LILIAN** – Muita coisa aconteceu antes do Márcio ir pra lá na África. Nós nos conhecemos, nos apaixonamos e viemos pra cá.

**MÁRCIO** – Eu passei num concurso público daqui, e fui dar aula de matemática.

**LILIAN**- Nessa época eu já estava fazendo esse transe né? Pensando nas questões de interceder na escola de forma mais substancial e tal... Queria envolver essas questões da identidade da nossa terra no ensino formal.

**HENRIQUE** – Nessa época não existia ainda essa figura do Griô?

**MÁRCIO** – Não, ainda não. O primeiro projeto chamava “Escola Real – Escola Ideal”. Mas foi um projeto bem difícil de se realizar, por que na prática as coisas mudavam muito...

**LILIAN** – É... a gente chegava nas comunidades, pra falar com os senhorezinhos e senhorinhas e não conseguia travar uma conversa sabe? Ficava aqueles papeis, cheios de perguntas... Não funcionava.

**MÁRCIO** – Aí Lilian começou a desenhar esse arquétipo, essa figura que mais tarde deu origem ao Velho Griô.

**LILIAN**– Por que Márcio já fazia essas caminhadas né? Ele ia nas comunidades e quando voltava chegava com um monte de informação, um monte de coisa pra contar... Aquilo era muito mais vivo, mais orgânico do que um monte de planilha, uma estrutura rígida de projeto e tal... Aí eu comecei a viajar nessa história desse caminhante.

**MÁRCIO** – Lilian queria que eu chegasse num cavalo, na comunidade ( risos). Imagina eu chegando de cavalo?

**LILIAN** – Eu tive um sonho uma vez, e também uma conversa com o Mestre Dunga que foi muito importante para mim e para Márcio. Enfim, nós pensamos em muita coisa até chegar no Velho Griô, nesse arquétipo que chega cantando, brincando e chamando todas as pessoas de todas as idades pra roda...

**CRISTIANE** – Voce já tocava algum instrumento? Como era seu envolvimento com a cultura?

**MÁRCIO** - Então... onde eu morava eu não tinha contato com nada disso. Quer dizer, a gente ouvia histórias, tinha alguém que tocava e essa coisa toda. Mas não era

“cultura” ou “arte”... Isso tudo eu fui entender depois. Mas meu pai tocava violão sim. Foi com ele que eu comecei a tocar.

**HENRIQUE** – O Velho Griô tem bastante elementos do que você está contando sobre sua vida né?

**MARCIO** – É... Pode se dizer que sim...

**HENRIQUE** – E essa iniciação, como foi?

**MARCIO** – Eu fui iniciado pelo Djelimory Diabatê e estive numa comunidade no Mali, na África... Isso já tem 8 anos. Foi muito importante pra mim fazer essa caminhada. Eu fiquei lá por 22 dias.

**HENRIQUE** – Sem falar o idioma local?

**MARCIO** – Isso, sem falar o idioma local. E chegou um tempo que a gente nem falava mais... Eu não gostava que elas falassem francês, e lá eles falam tudo misturado né? Falam francês e falam também a língua local, que é o bambara. Na verdade tem outras línguas também, mais o bambara e o francês são os mais comuns. E eu também não falava português, eu dizia que falava “brasileiro” por que português não era minha língua, era uma língua colonizadora. Era engraçado, por que com o tempo quando alguém vinha falar comigo em francês eles mesmo me defendiam e pediam pra pessoa falar a língua deles, que era o bambara.

**HENRIQUE** – E você aprendeu algumas palavras?

**MARCIO** - Algumas palavras eu aprendi lá e a comunicação era assim, do jeito que dava né? Logo nos primeiros dias, quando eu chegava nas crianças demorava um tempo para instaurar a brincadeira e fazer a coisa toda acontecer. Então, da primeira vez eu fui explicando com o corpo e com algumas poucas palavras que eu tinha aprendido... No segundo dia, novamente a mesma coisa, já com um pouco mais de adesão. Até que no terceiro dia, elas mesmas já vinham, faziam uma roda e me

esperavam e pediam pra brincar. Eu aprendi algumas palavras: sol, lua, quente e essas coisas. Mas “brincar” era sempre em português, eu sempre usava a palavra “brincar” com elas.

**HENRIQUE** – Do que vocês brincavam?

**MARCIO** – Eles brincavam bastante, todo instante... Mas eu ficava mais com as meninas, a gente brincava de um bocado de coisas, principalmente de elástico, era a brincadeira favorita delas.

**HENRIQUE** – Voce tem planos de voltar pra lá?

**MARCIO** – Eu penso sempre. Penso muito em voltar pra lá, mas a situação esta muito complicada. Eles estão em guerra civil e isso é muito triste. Eu queria muito voltar pra lá e rever essas crianças que hoje em dia não são mais crianças né? Eu tenho certeza que seria muito especial. Eu queria muito pular elástico com elas novamente, a brincadeira de elástico marcou muito a gente.

**Entrevista de Pesquisa Qualitativa Semi-Estruturada nº 03 - Christiane Amador – Griô Aprendiz e Educadora Não Formal.**

*A entrevista com Christiane Amador foi realizada no dia 20 de outubro de 2014 na cidade de Lençóis na Bahia durante o curso de Formação em Pedagogia Griô, onde a mesma estava realizando o segundo módulo. Nascida em Pernambuco, Christiane se considera uma educadora de ensino não formal, embora tenha estudado e lecionado Pedagogia Waldorf durante muito tempo. Na ocasião da entrevista, ela havia acabado de lançar o livro “Contos de Sequeiros e Ribeirinhos”, que reunia histórias orais coletadas pelas crianças nos distritos de Pernambuco. O áudio da entrevista possui 45 min e foi gravado na casa dos pais de Lilian Pacheco, onde fiquei hospedado durante minha pesquisa de campo.*

**HENRIQUE** – Cris, boa noite. Eu queria começar falando da sua infância. Onde você nasceu, do que gostava de fazer, se tinha alguém que te contava histórias...

**CRISTIANE** - Bom, eu nasci em Aracaju, mas fui criada no interior de Pernambuco, no sertão de Petrolina. Minha mãe era mulher feminista, comunista e professora (risos). Ela sempre me contou muitas histórias e eu fui uma criança que além de gostar de muitas histórias ouvidas eu também gostava muito de ler... E daí, não sei... Acho que minha mãe, essa oralidade tão presente, esse verbo tão incisivo e decisivo no meu pensar, nas minhas construções acho que veio dela... E as opções dela também de política e tudo isso fizeram parte da minha infância e determinaram quem sou hoje. Mas do mais, eu era uma criança que gostava de brincar, era extrovertida... Acho que é isso.

**HENRIQUE** - E como é que você conheceu a Pedagogia Griô? Como foi esse encontro?

**CRISTIANE** - Hum... Eu preciso recuperar isso agora... Como foi mesmo? Acho que foi pela internet... Eu tinha lido o livro “Menino Fula” do autor africano Hampate Ba e de alguma forma eu já me interessava pela cultura de tradição oral... Mas aí, esse livro me tocou por que eu fiquei muito impressionada com aquela capacidade de lembrar,

de lembrar, de tudo aquilo fazer parte de uma memória não escrita, uma preciosidade de detalhes... Primeiro eu conheci ele, o primeiro griô e depois pelos meios de comunicação, internet e tal, de alguma forma eu vi isso... Descobri e acabei pesquisando sobre o tema e acabei descobrindo o livro da Pedagogia Griô que estava disponível no site do Grãos, pra baixar de graça... E aí realmente foi quando eu disse “é isso que eu quero”. Por que eu já vinha de um trabalho de coleta de contos populares e isso me ajudou muito a fundamentar minhas questões. Sabe quando organiza o que eu quero, algo que eu não tinha visto em outros trabalhos acadêmicos? Enfim, no meio científico de uma forma geral. Aí foi uma grande descoberta por que sou formada em jornalismo, tinha entrado no mestrado em antropologia e tinha saído... Eu já tinha descoberto que pra mim academia não dava certo... Eu queria uma formação que pudesse ser prática e reflexiva. Aí a Pedagogia Griô fez esse encontro e o encontro maior ainda foi também ter feito Pedagogia Waldorf, que foi outro encontro, foram cinco anos de formação, mas aí eu saí saturada. Não pela pedagogia em si, mas pelas possibilidades da pedagogia, mas a forma como elas vinham sido aplicadas e o elitismo também. Aí coincidiu com o saber que eu queria nessa formação. E ano passado, quando eu vim pra cá eu já estava buscando experiências de educação popular, aí fui em Betim conhecer o Salão do Encontro, eu tinha muita vontade de conhecer Tião Rocha, o Centro de Educação Popular... E aí foi isso, esse grande encontro, eu vim pra cá em Lençóis e foi bem legal, foi uma iniciação, ou melhor, foi uma introdução a Pedagogia Griô... Mais aí foi isso, eu fiz o primeiro módulo fiquei esperando pelo segundo, fiquei esperando vir o segundo módulo do curso em Pedagogia Griô mais alongada, mais aprofundada... Sabe, essa pedagogia ela pode apontar até uma revolução nas possibilidades de educação no país. Num primeiro momento o que mais me pautou a concepção do meu trabalho de coletas de contos populares foi a possibilidade de inserção na Educação Formal, fazer parcerias aí que é um dos princípios da pedagogia griô.

**HENRIQUE** – E me fala um pouco como foi o processo de produção e realização desse projeto-livro?

**CRISTIANE** - Esse projeto já é um pouco mais antigo, é de 2008... O governo distribuiu muitos livros pra pontos de cultura, pontos de leituras, criou pontos de leitura... Distribuiu excelentes livros. E aí, visitando alguns lugares desses eu percebi

que livros na estante eram só livros e que embora estivessem disponíveis pra comunidade esses livros não diziam nada por que o livro tem uma aura de elite. E aí eu pensava “nossa, o que fazer para que as pessoas saibam, e se interessem saber que esses livros dizem alguma coisa a elas...” Claros que todos dizem, mas eu precisava de uma linha direta. Aí eu pensei nos contos populares, que já foram registrados pelos folcloristas e enfim... E os contos populares circulam hein? Pode existir uma comunidade sem roda, mas sem histórias não tem. E aí foi isso, eu quis fazer essa experiência, perceber quais são as histórias que circulam pelas comunidades. E claro, eu descobri muitas que já tinham sido contadas por outros autores e depois a gente ia ver como elas tinham sido escritas, ver como eram a forma delas... E eles se surpreenderam muito com isso né? E depois foi o processo de elaborar eles mesmos os contos deles e de deixar as marcas vernaculares da linguagem local, os espaços de linguagem... E nesses primeiros momentos a ideia também era transformar esse processo em livros artesanais, a ideia de livros acessíveis para qualquer um. E no meio do processo da feitura do livro, nas oficinas e tal eu aproveitava pra falar da historia do livro né? Como suporte da memória, enfim... Bom, aí eu desenvolvi esse projeto primeiro foi com a Bolsa de Circulação Literária da Funarte. Eu viajei por territórios de cidadania, fiquei andando pelas bibliotecas. Eu optei por uma comunidade indígena, quilombola e outra que era bem cosmopolita aqui da Chapada, do Vale do Capão, que era uma comunidade circense. E a ideia foi desenvolver a mesma metodologia nos três lugares, deixando aí os livros feitos artesanalmente. A ideia não era fazer uma super produção, sabe? Mas compreender o livro como um objeto que esta acessível para qualquer um e que pode ser feito por qualquer um, sabe? Mas assim, muitas coisas me angustiaram neste processo, sabe? Uma delas, no primeiro momento, e por isso que eu falo que conhecer a Pedagogia Griô me ampliou, era que esse projeto aprovado pela Funarte estava muito acadêmico. E ele foi super aprovado, foi o primeiro aprovado no Nordeste. Aí eu pensei “Nossa, como esse projeto foi aprovado?” Sabe? Era impossível aquele projeto pular do papel pra vida, mas ele convencia academicamente, intelectualmente... E aí assim, eu fiz, realizei o projeto mais não cumpri com tudo que eu havia programado. Expliquei na prestação de contas, no relatório, que na dinâmica das coisas algumas questões foram alteradas quando eu fui fazer esse mapeamento com as pessoas. Entendendo que mapeamento, quando

eu digo mapeamento eu não estou falando igual na antropologia, que o sujeito vai lá e faz um mapeamento, mas eu estou dizendo de um mapeamento de entender a territorialidade local, fazer esse mapeamento com as pessoas que pertencem a essa territorialidade né? E aí nesta outra vez, neste outro livro eu já tinha conhecido a Pedagogia Griô e já tinha tido a experiência da execução desse meu outro projeto nos moldes acadêmicos. Então foi basicamente a mesma ideia, só que reestruturada, que tinha limitações, que só cabiam no modelo acadêmico e o grande destaque foi a parceria com a Secretaria de Educação, ou seja, a educação formal. Então esse espaço na educação formal foi muito importante para a realização desse livro e para a dinâmica das escolas também. Por que este último trabalho foi feito na Rede de Escolas Municipais, que eram assim, eram distritos, lugares muito pequenos, os professores super cansados, as escolas paupérrimas e os alunos realmente desmotivados... Então foi um folego não só para os alunos de experimentar novas construções, novas elaborações e novas didáticas, mas foi para os professores também. E esse livro integra um dvd, onde eu partilho a ideia, a metodologia e o processo de realização dessa experiência, por que minha ideia era de que outros pudessem fazer igualzinho também. É isso.

**HENRIQUE** – Está certo. E pra finalizar, eu queria que você me dissesse o que você entende por Pedagogia Griô e o que você entende por Pontos de Cultura.

**CRISTIANE** - Eu acho que a Pedagogia Griô é hoje uma proposta que realmente reverencia a nossa tradição oral e na parte que me cabe, a literatura oral, essa que é tão desconsiderada, como menor, inferior perante a literatura escrita. Como se ela não fosse também uma grande elaboração. Afinal, os cantos, os contos não são uma linguagem coloquial, eles têm uma estrutura narrativa. Então é isso, realmente compreender isso, esses processos da tradição oral, os próprios processos educativos que existem e mediar isso pra comunidade de um maneira geral e também para o meio acadêmico. É uma oportunidade da gente reinventar realmente não só a roda da vida, mas a educação do Brasil, nossas partes que foram negadas... Nossa identidade um projeto realmente vivo e não puramente acadêmico, sabe? E também eles privilegiam aqueles que realmente são mestres. Mestres por que a comunidade lhes dá o direito a esse título. Não foi uma prova né? É uma coisa prática, uma ciência

de vida né? E Ponto de Cultura eu acho que foi um reconhecimento tardio nesses espaços de construção popular e tradicional que sempre existiram né? E que deram uma contribuição enorme para a manutenção de uma história que foi negada pela academia e que só agora foi retomada, reconhecida e acho que devia se expandir muito mais, muito mais. Ainda é incipiente pra demanda que existe nesses espaços de Educação Não Formal.

**HENRIQUE** – Chris, muito obrigado pela sua entrevista! Foi ótimo!

**CRISTIANE** – De nada! Eu estou um pouco cansada depois de tantos dias aqui no curso, mas se você tiver alguma dúvida, pode me procurar ou me escrever e eu vou te mandar o livro!

**Entrevista de Pesquisa Qualitativa Semi-Estruturada nº 04 – Renata Cristina, Atriz, Contadora de Histórias, Pesquisadora e Professora de Artes na Rede Particular de Ensino.**

*A entrevista com Renata Crisitna foi realizada durante o evento “Práticas de Extensão em Pedagogia Griô” realizado na semana de 23 á 28 de maio de 2015. Renata é formada em Artes Cênicas no Centro Universitário Barão de Mauá-Ribeirão Preto - SP e possui Mestrado na Faculdade de Educação da UNICAMP onde recentemente esta realizando sua pesquisa de doutoramento sobre os meninos menores infratores da Fundação Casa. O áudio da entrevista possui 40 minutos e foi gravado na Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP.*

**HENRIQUE** – Bom dia Renata. Eu queria começar falando da sua infância. Essa é uma pergunta que tenho feito para todos os entrevistados... O formato é bem livre... Queria saber onde você nasceu, do que gostava de fazer, se tinha alguém que te contava histórias e essas coisas, podemos começar assim?

**RENATA** - Hum...deixa eu ver... Eu acho que nesse sentido eu tive uma infância muito lúdica. Eu fui criado no interior de Minas Gerais pelos meus avós e eu tinha uma casa que tinha um quintal muito grande e tinha muitos amigos na rua que são inclusive meus amigos até hoje... Então a gente brincava de boneca, bicicleta, cuzinhadinha, esconde-esconde... Então, nesse sentido, morar e crescer em Minas Gerais favorecia por que eu tinha muita possibilidade de brincar. E eu fui uma criança muito lúdica, por que desde pequena eu fazia teatro na escola. Eu estudava de manhã e de tarde eu fazia teatro no contra turno. Então eu sempre participava das coisas que era ligada a arte... E eu participava de um grupo de teatro que se chamava “Poli-Arte: Polivalente de Artes Cênicas” que foi a escola que eu estudei do Jardim de Infância até o Ensino Médio. Então com esse grupo a gente participava de um projeto que chamava “Brincar-te: Brincando com Arte” então nesse projeto todas as escolas que tinha um grupo montavam espetáculos infantis e na semana da criança todas as escolas apresentavam e recebiam também os grupos pra assistir os espetáculos. Então durante toda a minha infância, a partir dos 12 anos eu participei desse projeto. E esse projeto também tinha um projeto com a biblioteca publica da cidade que chamava

a “Hora do Conto” e a gente apresentava algumas esquetes, cenas curtas pra participar deste evento. Então nesse sentido foi bem fomentado a minha infância. E a relação com a contação de historias veio por uma admiração por que a professora que conduzia esse grupo de teatro era contadora de histórias. E ela sempre apresentava as historias que ela estava contando e aí foi uma grande admiração por ela, pela linguagem a partir do contato com essa professora. E aí no meu ingresso na faculdade, a contação de historias veio como uma ferramenta pra ganhar dinheiro mesmo (risos). Por que era uma possibilidade dentro da nossa profissão né? (risos). Eu participei de alguns projetos no SESC, feiras dos livros e essas coisas.

**HENRIQUE** - Você já conhecia alguma coisa sobre a Pedagogia Griô? Como soube sobre o assunto?

**RENATA:** Então... na verdade o meu contato com essa discussão foi a partir dessa ideia do projeto de pesquisa que você trouxe para o grupo. Por que antes, nesses termos eu tinha entrado em contato com o Contador de Histórias, mas não dessa forma, que tivesse uma origem especifica fundamentada pela Pedagogia Griô... Então não... Eu fui tomar conhecimento sobre isso quando me deparei com as ações do seu projeto.

**HENRIQUE:** Aqui na UNICAMP, essa entrada com a Pedagogia Griô esta ocorrendo via projeto de extensão. Você participou de algum projeto de extensão durante a sua graduação? E os aspectos das Leis 10.639/03 e 11.645/08 estiveram presentes de alguma forma?

**RENATA:** Não por que eu vim de uma formação em Universidade privada e não tinha projetos de extensão, eram só as disciplinas mesmo do currículo... Os cursos de formação de extensão fora do espaço da Universidade era a gente que buscava. Em relação as Leis, por mais que tenha esse tempo todo de vigor dessa implementação não é uma discussão recente acho que nem no espaço da Universidade e nem na escola pública ou nem na escola particular. É uma Lei que existe mas que não é discutida no meu ponto de vista. No meu caso que fiz bacharel e não licenciatura essas questões voltadas pro ensino da arte, pedagógicas e tal não tiveram um espaço pra discussão... Acho até que isso foi um aspecto falho na minha formação... Ah não, minto! Lembrei! Eu vi essa discussão quando teve um seminário sobre o ensino da

África nas Escolas aqui na FE. Mas não foi na graduação, foi no Mestrado né? E foi um grupo de fora, um grupo militante no vigor dessas leis nas escolas de Campinas que trouxeram essa discussão... Mas eu não tive essa discussão na Universidade durante a graduação e no Mestrado foi desse jeito né? De uma maneira mais fragmentada e que eu nem lembro muito bem como foi, mas foi nesse âmbito dos grupos de pesquisa que sempre trazem outras discussões e a gente recebe muito convidados aqui...

**HENRIQUE:** Eu queria que você me falasse agora sobre como é a escola onde você trabalha e como é sua prática docente relacionada aos saberes de tradição oral.

**RENATA:** Tá... A minha atuação na rede particular começou esse ano. É a minha primeira experiência profissional nesse contexto. E, em minha opinião, a escola particular favorece um espaço de trabalho diferente da escola pública principalmente no que diz respeito a recursos e materiais. Essa escola que eu trabalho adota uma metodologia de trabalho que se chama UNO e esse UNO tem os livros e as apostilas de cada série onde ficam disponibilizados os conteúdos e as sequências didáticas que são fornecidos por um *ipad* e nesse *ipad* tem todos os conteúdos que podem ser trabalhados em cada sala e dentro desses conteúdos tem alguns temas. Por exemplo, na turma do sexto ano, tem a Pedagogia Griô, e aí explica um pouco dessa história, desses contadores de histórias que vieram da África e tal. Tem também uma parte sobre Danças Africanas, Ritmos Brasileiros, enfim... Então dá uma contextualizada de âmbito geral na cultura popular. Ou seja, o livro apresenta alguns temas e a escola elege para trabalhar quatro temas desses durante o ano escolar. Então alguns aspectos da cultura popular são trabalhados durante o ano com esses temas. Só que este material tem algumas propostas que são um pouco inviáveis na sala de aula. São propostas que são pensadas fora do espaço físico e nem sempre isso é possível dentro da dinâmica escolar. Essa escola, embora seja uma escola particular, tem as turmas muito cheias, com uma média de 30 alunos por turma e eles são um pouco resistentes dentro dessas discussões. Por exemplo, recentemente os alunos do 7º ano questionaram a discussão de um dos temas que era Literatura de Cordel. Por que o que acontece é que isso passa a ser uma referência muito distante dessa era digital e dessa nova juventude que surge com outros interesses de tudo né? De pesquisa, de visão de mundo de tudo... E também considerando a classe social desses alunos,

acaba sendo um tema que não é interessante pra eles, eles não gostam, não querem ver. Então quando eu vou trabalhar com o tema do Nordeste, as referencias que eles tem são as praias ou os *resorts* que eles vão passar as férias no meio e no final do ano... Então é bem nesse registro... Tem também essa coisa do adolescente ser muito critico né? E eles ficam zuando, tirando sarro... O material da escola é bastante audiovisual né? Tem fotos, vídeos... Então sempre da margem pra alguma piada, alguma gracinha. Enfim, eles sempre encontram alguma coisa para criticarem. Acho que o espaço de trabalho com esses temas tem que ser um espaço de longo prazo, não da pra ser uma sequencia de uma semana ou duas semanas e encerra esse assunto. Não da pra falar de maracatu, de coco, de carimbó, se os alunos nem sabem o que é isso. E também não tem um professor com essa formação tão polivalente que seja capaz de ministrar todos esses conteúdos do ensino formal e ainda tenha conhecimento ou tenha experienciado essas manifestações pra passar pros alunos, por que acho que não tem como você passar alguma coisa pros alunos se você mesmo não tem uma vivencia muito profunda, é superficial né? Eu tive um contato pouco, reduzido com isso, enfim... E nesse ano, essa escola que comprou esse método de ensino, sugeriu que um dos temas do ano seria a África. Aí dentro dessa plataforma tem jogos, brincadeiras... São divididos em quatro eixos: comidas típicas, jogos e brincadeiras, canto e encenação. Então no material apostilado tem as sugestões para trabalhar esses eixos que vem com contos, áudio das musicas e outras coisas pra desenvolver essas atividades com as crianças, etc. Mas de certa forma esse material não conversa com as demandas do conteúdo formal que a gente tem que desenvolver durante o ano. Ou seja, desenvolver os conteúdos básicos e ainda atrelar isso dentro do projeto África não tem tempo. Pelo menos dentro da aula de artes não dá tempo. Não sei se os outros professores conseguem fazer esse dialogo, mas na minha aula, que é uma aula de 50 minutos uma vez por semana não dá, é impossível. Ou você faz o conteúdo curricular ou você faz o projeto Áfricas, por que se você vai atrelar os dois, fica faltando uma das coisas. Então a sugestão da escola nesse sentido foi que o tema África fosse um tema de discussão comum no projeto Escola Aberta. A Escola Aberta é como se fosse uma feira de ciências em que cada sala propõe um trabalho e a escola abre as portas para os pais, mostrando tudo o que foi feito ao longo do ano e tal... Só que a Escola Aberta é em outubro e ainda não teve assim um planejamento de como vai ser o trabalho desse conteúdo por que

às vezes eu não vejo muito sentido em elencar um tema tão rico pra trabalhar e ser feito dessa forma por que seria como eu falei né? Os alunos precisam se identificar com aquilo né? Não pode ser uma coisa para cumprir uma demanda externa, de uma lei vigente... Por que nesse caso tem esse sentido né? Esse caráter de “ter que fazer” por que é uma lei e tal... E nesse sentido tem esse caráter de estranhamento e de resistência não só dos alunos, como eu já falei, mas também do próprio corpo docente. Por exemplo, a Educação Infantil que é o grande forte dessa escola e que sempre faz um trabalho mais visível e mais bonito e tal, elas, as professoras da Educação Infantil pediram pra trocar esse tema. Por que na verdade o que ocorre é que este evento na escola tem esse caráter do tipo “elas pegam e fazem” a exposição da Escola Aberta e os alunos acabam atuando meio que por fora assim da construção desses projetos... Então houve uma resistência por parte desses docentes tanto da Educação Infantil que sugeriram trocar esse tema, como também dos outros professores que queriam sugerir outros países né? A escola é uma escola bilíngue, então eles achavam que tinha que trabalhar com um país de língua inglesa e não escolher a África... E aí eu vejo essa resistência como um preconceito pra trabalhar com esse tema. Então por que não fazer esse dialogo né? Eu vejo que tem uma cultura muito burguesa engessada.

**HENRIQUE:** Então você esta me dizendo que embora haja uma proposta transdisciplinar, os professores de uma forma geral acabam recusando essa ideia de trabalhar com o tema da África e a cultura indígena nem aparece, fica fora de questão é isso?

**RENATA-** Isso... Nem aparece nada, ou melhor, quase nada de cultura indígena. A África tem um pouco de mais força por que o recorte feito por esse material, o UNO, é bem voltado pra essa ancestralidade das danças e ritmos brasileiros dessas manifestações, então tem mais força mesmo. A cultura indígena aparece em alguns temas mais de forma bem mais superficial. Mas não sei também... *(nesse momento Fernanda para pra pensar um pouco, perde o olhar no nada e depois retoma)* Olha Henrique, também depende muito de como é preparado esse material e de como ele é apresentado pra escola... Por que acho que o que ocorre é que a escola compra esse material e ela tem que desenvolver. Então não tem uma aproximação dos docentes com esse material sabe? Ok, você tem disponível esse material pra

desenvolver, mas a verdade é que você não foi aproximado a ele, você não foi convidado a compor com ele. Então fica uma coisa impositiva onde você tem que trabalhar e você não tem nenhuma afinidade de com aquilo ou então não tem subsídios concretos pra trabalhar com esse tema e fica essa sensação de desconforto.

**HENRIQUE:** Você alguma vez já leu as leis *10.639/03* e *11.645/08*? Todas as escolas sabem que elas existem, mas de fato, poucas pessoas acessaram ela para entender ponto a ponto. Como você vê isso?

**RENATA:** Então... Eu acho que essa Lei não acontece no espaço da escola... As pessoas sabem que ela existe, e eu falo isso por mim mesma, mas não tem uma discussão formal disso. A gente fala tanto em Lei nesse espaço da Educação mas a verdade é que a gente não tem contato com essas Leis. Por exemplo, o Parâmetros Curriculares, quando é que o professor vai ler isso? Só quando ele vai prestar um concurso não é? Chega na reunião de HTPC a Coordenadora Pedagógica não vai parar a reunião e ler isso com os professores e tal. Então eu acho que os desdobramentos dessa lei no espaço da escola precisam ser mais fomentados. Talvez tenham poucas pessoas militando sobre esse tema, principalmente no espaço da academia e também as pessoas que estão atuando nas escolas com esses cursos e projetos de extensão. Acho que tem que ser despertado o interesse do corpo docente das escolas e tem que ter pessoas mais dispostas, com mais vigor sobre esse tema no espaço da escola. Acho que minha opinião sobre isso fica um pouco estremeçada por que eu não sou da Pedagogia, então, essas coisas referentes ao currículo, exigências pedagógicas e tal são assuntos que escapam um pouco das minhas mãos por que eu sou das artes e eu faço esse dialogo com a educação né?. Esse tema perpassa por uma questão lúdica e acaba indo junto com as possibilidades de trabalho que eu desenvolvo dentro dessa educação formal. Eu tive esse contato agora onde eu puder ver uma escola que comprou esse material, mas é diferente entende? A escola comprou esse material com o projeto Áfricas e não promoveu de fato a construção desse projeto Áfricas, entende? É uma escola de classe média, que tem recursos, o que é diferente de uma escola publica, por exemplo, que não tem esses recursos. Então acho que nesse sentido, essa escola tem por esse lado uma vantagem, por ter esse material rico, mas por outro, ela deixa a desejar sobre como esse material vai ser desenvolvido e acessado pelos alunos e professores. Acho que

deixa a desejar na forma prática né? Por que o corpo docente não tem habilidades pra trabalhar com isso. Falta uma conversa, por que o material existe, é vasto e tem varias possibilidades de trabalho, mas a questão é que as pessoas não tem nenhuma formação pra trabalhar esses assuntos. O tema acaba sendo uma imposição, uma obrigação... A escola comprou esse material, ele precisa ser desenvolvido mas e daí? Falta uma formação pra esses professores. Eu mesma só fui entender essa Lei nesse evento que eu participei, que eu nem lembro o nome, olha só! Eu tenho o certificado, posso olhar pra te falar depois, mas foi o único contato durante o mestrado não foi nem na graduação. Então fica difícil assim né?

**HENRIQUE:** Esta certo Fernanda. Muito obrigado pela entrevista.

**RENATA:** De nada! Me passa a transcrição depois, eu quero ler o que eu falei (risos). Também queria que voce omitisse o nome da Escola. Pode falar o nome do material, mas da Escola eu queria que não aparecesse.

**Entrevista de Pesquisa Qualitativa Semi-Estruturada nº 05 – Flávia Machado. Atriz, Contadora de Histórias, Jongueira e Professora de Artes na Rede Municipal de Ensino na cidade de Sumaré-SP.**

*A entrevista com Flávia Machado foi realizada durante o evento “Práticas de Extensão em Pedagogia Griô” realizado na semana de 23 á 28 de maio de 2015. Flávia é formada em Licenciatura - Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e atualmente leciona a disciplina de Artes em 03 escolas municipais na cidade de Sumaré-SP, além de participar do grupo Jongo Dito Ribeiro onde além de dançar Jongo, também é responsável pelo setor de comunicação. O áudio da entrevista possui 45 minutos e foi gravado em sua residência, na cidade de Campinas.*

**HENRIQUE** – Flávia, eu gostaria de começar falando sobre a sua infância. Queria saber onde você nasceu, do que gostava de fazer, se tinha alguém que te contava histórias e coisas assim. Fique livre para lembrar e compartilhar o que quiser dessa época.

**FLAVIA-** Bom, eu passei minha infância em varias cidades do interior de São Paulo. Foi em Votuporanga, Campinas, Valinhos, Vinhedo... E eu me lembro que eu era uma criança muito feliz e tal. Cantava, dançava, pulava o dia inteiro, ouvia sons o dia inteiro e inventava sons e palavras também... Eu ouvia o galo cantar e achava que era comigo *(imita como se fosse um galo)* “Flávia Zero! Flávia Zero!” *(risos)* Botava som em tudo o que eu ouvia e brincava muito de casinha, comidinha, brincava muito no quintal com flores, gostava de ver as flores do jardim da minha vó...Eu era uma criança bem feliz e as minhas brincadeiras eram assim... Teve uma época que eu mudei pra São Paulo, eu tinha entre uns 10 e 13 anos, nem era tão criança né? Hoje em dia a gente diz que isso não é criança né? Já era adolescente *(risos)*. Mas então, nessa época, foi a época que eu mais brinquei. A gente brincava de carrinho de rolimã, brincava no parquinho... E eu lembro que era um parquinho velho, enferrujado e a gente levava óleo pra brincar no gira gira. Subia todas as crianças no gira gira, passava óleo e ficava lá, todo mundo amontoado, era ótimo *(risos)*. Ah...era muito isso né? Esconde-Esconde, Mãe da Rua, brincadeiras de pergunta e resposta... E tipo, contação de historias, eu não lembro muito bem de ninguém contando historias tipo

“era uma vez” isso eu não lembro... Mas eu lembro que meu vô cantava muitas musicas comigo. As musicas eram cenários, pareciam historias... Mas eu não lembro dessa coisa direta “vamos ouvir historias” isso eu não tenho essa memória... Mas eu lembro de estar com minha vó e ela me ensinar varias receitas, do estar com meu avo e ele cantar várias musicas... Lembro da minha segunda vó, minha vó preta que ela ficava cantando musicas e falando comigo, o que era uma arvore, explicando o que era uma planta, fazendo cachimbinhos e tal... Era isso.

**HENRIQUE** – E você já conhecia alguma coisa sobre a Pedagogia Griô? O que você me poderia falar sobre essas duas palavras?

**FLAVIA** - Olha, o que eu sei sobre Pedagogia Griô foi o que eu aprendi durante uma época em que eu estive trabalhando com o Ponto de Cultura NINA. E eles tinham essa referencia da Pedagogia Griô muito forte e ai eu comecei a ver, mas foi mais de ouvir falar do que de ler profundamente ou vivenciar ou fazer uma oficina com a Lilian Pacheco, sabe? Não vivi isso, foi mais assim, de ouvir falar, (*risos*) que engraçado né? Ate contraditório... Mas é isso, eu comecei a ouvir falar com eles. E o que eu entendi sobre a Pedagogia Griô é que é essa pedagogia que trabalha com o saber oral, com os mestres de tradição, mestres e mestras... E isso me interessa de alguma forma né? Com certeza me interessa muito. E o que me chamou mais atenção nesse processo foram as vivencias né? As vivencias de ciranda. Eu trabalhei com parte deste coletivo da NINA em um projeto na Petrobras que se chamava “Programa de Criança”. E tinham um monte de crianças de Paulínia, Cosmópolis e umas cidades vizinhas que frequentavam as escolas publicas... E lembro que quando eu cheguei lá eu vi aquele bando de crianças dançando uma roda de ciranda e aquilo me marcou e me impressionou muito. Por que elas estavam lá verdadeiramente e aquilo me marcou muito. E é lógico que trabalhar em grupo com essas crianças que sofrem coisas mil do mundo né? Era difícil (*pausa, respira fundo e volta a contar*). E elas estavam ali dançando ciranda e foi uma descoberta muito grande né? Eu me interessei mais e mais. Outra coisa que tinha haver com essa pratica era a contação de historias né? Por que como eu gosto muito dessa arte eu sempre utilizei disso na minha vida, pra dar as minhas aulas né?

Então eu sempre utilizei disso, da Pedagogia Griô, das cirandas, de contar histórias, de trazer esse encantamento do Mestre e da comunidade pra escola né? E essas vivências eu procuro levar pra escola de alguma forma. Mas eu acho que eu faço isso de maneira intuitiva e menos de forma sistemática entendeu? Intuitiva no sentido de como eu vivo no dia a dia no Jongo por exemplo, que a gente tá sempre cantando umas musicas, tem umas figuras lá entendeu? De como é a relação que a gente tem lá na vivência do Jongo... Então eu tento levar isso pra escola e mesclar a minha contação de historia junto como encantamento com as cirandas que aprendi com a Pedagogia Griô e todas as musicas do jongo... Então, eu acho que é um fazer griô intuitivo sabe? Eu não fiz o curso, não fui buscar o referencial teórico, nem estudei a curva da vivencia e tal...Não rolou isso... Não sei o que mais eu posso falar da Pedagogia Griô, eu acho que só isso (*risos*).

**HENRIQUE** - Essa entrada com a Pedagogia Griô na UNICAMP esta ocorrendo via projeto de extensão. Você durante a sua graduação participou de algum projeto de extensão? E os aspectos das Leis 10.639/03 e 11.645/08 estiveram presentes de alguma forma na sua formação?

**FLAVIA** – Eu não me lembro de ter vivido ou falado sobre essas Leis em algum momento da minha graduação... Se foi falado foi bem assim, *an pasan...* Eu me formei em 2008 né? A Lei estava mais nova ainda... Então realmente não me lembro disso, de ter visto nada dessas Leis. E hoje ao contrario eu vivo prestando atenção nessas leis né? Com a vivencia na Casa de Cultura Fazenda Roseira que trabalha com a cultura afro, acaba que todo dia a gente lembra dessas leis em formação pros professores ou alunos durante o roteiro afro onde sempre que alguém pisa ali na Fazenda, acaba que essa lei vem junto no discurso e tal... Então eu estou vivenciando agora essa lei com uma grande surpresa, com uma grande coisa nova né? E que já era pra eu estar sabendo na minha formação né? Eu saí da minha formação e me deparei com o mundo real né? Que mundo real é esse? É esse mundo onde a população é preta né? A população é indígena. Nós somos estrangeiros, certo? Os meus antepassados são os colonizadores, foram os estupradores, violadores, genocidas... Os meus antepassados! Eu me deparo com meus antepassados né? Como a Lilian Pacheco faz aquela pergunta né “Afimal, quem eram nossos

antepassados?” Então eu saio de lá e vejo que os meu antepassados eram essas pessoas né? (risos). Aí você sai e se vê como uma mulher branca com milhares de privilégios e aí você começa a entender um pouco essas Leis né? E pra que pra muitos a história, a narrativa é ocultada né? A narrativa oculta né? Pra mim essas Leis são Leis que focam em narrativas que foram silenciadas por uma cultura de paz onde você anula a existência de um genocídio né? Então essas Leis vem pra lembrar que essas culturas existem e elas existem apesar e além do genocídio. E a gente tá vivendo um momento agora de aprendizado de como fazer isso na pratica das escolas, em formações e em tudo né? E pra isso no meu dia a dia são as referências né? Quando você vai falar de qualquer coisa você tem que falar de uma referencia multicultural se não, não tem como né? E os projetos de extensão os que eu participei eram mais ligados a contação de historias, apresentado peças na rua, contando historias na rua né? E que tem haver diretamente com a Prática da Pedagogia Griô... Era isso mais ou menos.

**HENRIQUE** - Eu queria que você me falasse agora sobre como são as escolas onde você trabalha e como é sua pratica docente relacionada aos saberes de tradição oral.

**FLAVIA** – Bom, eu sou professora em 03 escolas publica de Sumaré né? Um contrato de 02 anos, dentro de um regime de terceirização... Essa coisa que tem se tornado comum na educação né? Essa pratica da terceirização onde não abrem concursos para não pagar os direitos e tal... Então eu estou contratada nesse sistema né? Vai vendo! Eu dou 13 aulas que são divididas nos bairros Matão, Parque Bandeirantes e no Assentamento 2 de Sumaré. Então são nesses três espaços onde eu cumpro minha carga horaria que além das aulas eu também participo das reuniões de formação e também nas reuniões pedagógicas. Então é isso, minha pratica incide nas aulas, na formação e nas reuniões pedagógicas. Esses são os meus espaços de incidência de arte-educação né? Nas aulas, na formação e nas reuniões pedagógicas. E nesses espaços eu dialogo com esses saberes de tradição oral e com as Leis de uma forma meio juntas né? Não tem um momento especifico onde eu digo “agora eu vou trabalhar a Lei”. Não, esse tema esta sempre permeando as minhas aulas sabe? Por exemplo, sempre nas aulas eu levo referencias né? Tem que ter referências negras, indígenas e de outros povos também entende? Então esses assuntos sempre

surgem, por exemplo, eu sempre falo de cabelo. “Meu cabelo é enrolado, meu cabelo é liso, meu cabelo é crespo...” Com as cores também né? Então alguma criança fala “passa o lápis cor de pele” por que eu dou aula de artes né? Então alguma criança fala “passa o lápis cor de pele” e vai alguém e dá um lápis rosinha sabe? Aí eu digo, “pera lá, que pele é essa? Tem outras cores de pele também”. Aí eu mostro as outras possibilidades também. Em cada momento eu acredito que eu posso falar sobre essas leis. Se você está falando sobre desenho, pinturas, linhas, formas, cores... Você pode falar sobre cultura indígena e africana. Você pode falar sim dessas leis. Você pode colocar o que você quiser... Então se você está atento pra lei, se você sabe que essa lei é a luta de um povo e que não está aí a toa, e que essa lei é uma luta de 500 anos né? Onde muita gente está morrendo sabe? Então você pode sim discutir com ela na sala de aula. E você vê em cada história que você conta essa mentalidade colonizadora, opressora... Por que eu conto histórias na escola né? E por exemplo, eu conto uma historinha que é bem simplesinha, a história da bruxa que é assim: “A bruxa vai a festa se convidar o espantalho. O espantalho vai a festa se convidar o gato. O gato vai á festa se convidar o babuíno” E quem era o babuíno minha gente? O menino preto... Todo mundo apontou pro menino preto da sala. Isso aconteceu em uma, duas, três... trezes salas! Tá entendendo? É isso o que acontece, o sentimento sincero da criança da ação e da reação ao ouvir uma história como essa. E aí eu começo a polemizar essa questão, em discutir com eles por que essa mentalidade. Então, em cada momento voce pode fazer isso. Não é assim, “olha eu vou levantar uma bandeira esse dia” Não, é o dia a dia no qual voce pode mostrar uma outa narrativa, um outro lado. Isso está ou deveria estar na escola o tempo todo né? E não pontual.

**HENRIQUE**- E os outros professores da escola? Eles partilham da mesma opinião de você?

**FLAVIA** - Então... a gente tem outros espaços né? Que são as reuniões pedagógicas, as reuniões de formação. Então nesses espaços, em todo momento que eu posso evidenciar esse assunto eu falo. Então vamos fazer um passeio? Legal. Então vamos fazer um passeio. Aí eu proponho, por exemplo, fazer o roteiro afro dessa cidade. Vamos ver o que aconteceu aqui, ou como é a história dessa cidade.... Vamos tentar

ver qual o som dessa terra? Mas é sempre um conflito né? Por que você vem com essa ideia e outros professores querem fazer um passeio mais batido ou mais tradicional né? Eles propõem ir ao *buffet* ou num shopping... Esses lugares onde o capital esta incidindo mais né? E não a cultura do nosso povo. Então eu acho que é sempre um grande esforço de nesses espaços tentar lembrar sobre essa descolonização sabe? Por que você vê muitas praticas se repetindo né? De discursos onde você vê que existe certa preferencia por uma religião e outras não... E a escola não é um espaço laico entendeu? Enfim... tem várias questões...

**HENRIQUE** – A escola não esta preparada então?

**FLAVIA** – Acho que não... Acho que a escola reage com muita distancia... Não sei se é o meu jeito de abordar isso... Eu não sei exatamente como te dizer... Ai meu... Eu não sinto uma grande busca por isso. Realmente não vejo. Mas eu vejo uma grande distancia.... De alguns outros professores, no espaço de formação por exemplo que eu estou tendo no CEFEM em Sumaré por exemplo eu vejo que muitos professores estão dispostos a escutar sobre o assunto e se voce chegar com algum material, eles estão disposto a te escutar. Só que esse material não existe. Este material precisa ser inventado. Pelo menos eu acho que não existe. Na minha escola não tem materiais bons pra trabalhar com essas leis... Até tem umas cartilhas com uns indiozinhos, uma imagem de uma pessoa negra desenhada e tal... Então até tem, mas são uns materiais que não me agradam muito... Mas acho que mais do que ter um material especifico é o dia a dia sabe? É eu poder entrar com meu lenço na escola e ser aceita sabe? É os alunos terem esse contato e verem outras possibilidades. Possibilitar outros espaços e entendimentos sabe? Já cheguei muitas vezes na escola com colar e lenço e um aluno me falar que “isso é coisa de demônio, por que meu pai falou que isso é coisa do demônio”. Então nesse momento você dá uma descontruída nessa estrutura rígida sabe? “Ah, seu pai falou isso, pera lá então, vamos conversar...” Por que você é a professora ali. Você é o exemplo. Você esta sendo alvo de todo amor, atenção e carinho dessa criança sabe? Desculpa, mas as crianças amam os professores sabe? Eles te amam, eles são super carinhosos. Por mais bagunça que eles façam eles amam você. Eles estão confiando em você. Então você como professor tem a possibilidade de incidir sobre esse assunto e deixar uma outra

imagem. Eu como professora de artes vou todo colorida, com saias, turbante, colares, bolsa colorida... Um jogo de brincadeiras com signos pra chegar no impacto ali. Eu me programo. O jeito que eu vou dar aula não é a toa, eu vou com esse imagético né? Eu acho que isso é também incidir no imaginário.... Eu comecei a levar meus livros de volta pra escola né? Eu tinha dado um tempo de levar, mas agora eu voltei... E é muito gostoso as crianças adoram e a gente brinca muito.... Toda essa pratica dentro dos espaços de formação, dentro da reunião pedagógica e dentro da sala de aula, você pode levar esse discurso, essa narrativa e não se esquecer de onde você veio. E de onde você veio?. Você veio de um passado genocida. Gente, vamos parar com essa guerra! A gente tem que parar com essa guerra!

Essa guerra que foi trazida por nós, pelos nossos ancestrais e a gente não pode esquecer dessa guerra, se omitir dessa guerra mesmo que simbolicamente... E hoje eu tenho essa dimensão do meu lugar no meio da guerra (*risos*). Tô aqui pensando no jongo... Por que lá é uma guerra né? A gente canta, dança, tem todo esse encantamento, mas é uma guerra estar ali. Quando você leva seu tambor você está indo pra uma guerra né? Não é só brincadeira (*risos*).

**HENRIQUE** – Ok Flavia. Pra finalizar tem alguma coisa que você queira dizer?

**FLÁVIA**- De consideração final... Eu não sei... Acho que é amar o lugar onde você está. Amar cada criança que você está dando aula. Lembrar que cada criança que você está junto é uma pessoinha e que são as pessoas juntas que fazem a transformação real do mundo né? As pessoas conectadas... É isso.